



MINHA DOCE MENINA



A doce ternura de uma menininha,
capaz de mudar toda uma vida.

ESPECIAL DE NATAL POR:
JÉSSICA LARISSA,
MELLODY RYU
CHRISTINE KING .







MINHA DOCE MENINA



A doce ternura de uma menininha,
capaz de mudar toda uma vida.

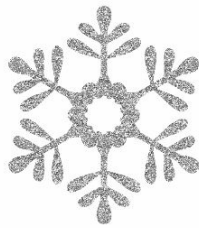
ESPECIAL DE NATAL POR:
JÉSSICA LARISSA,
MELODY RYU
CHRISTINE KING .



Minha Doce Menina

Copyright © 2019 Christine King, Melody Ryu e Jessica Larissa

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos aqui são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.



Capa: Mellody Ryu

Revisão: Christine King Eveline Knychala

Diagramação: Victoria Gomes

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem a autorização da autora. Ressalva para trechos curtos usados como citações em divulgações e resenhas, com autoria devidamente identificada. A violação dos direitos autorais é crime estabelecidos pela lei no. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Índice

[Agradecimientos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Epílogo](#)

[Sobre las autoras](#)



Primeiramente, agradecemos a Deus e sua infinita bondade por permitir que juntas terminássemos esta história.

Aos amigos e familiares pelo apoio.

A você, leitor(a), que está lendo e apoiando o nosso projeto.

Obrigada a todos vocês que se dispuseram a nos ajudar na publicação, edição e divulgação do livro. Saibam que essa ajuda foi de suma importância.

Um obrigada especial a Victoria Gomes, nossa diagramadora, Laís Maria, que nos ajudou com banners, e Eveline Knychala, na revisão.

A você, leitor, esperamos de todo o coração que goste do livro e o aprecie.

Com amor, Christine King, Mellody Ryu e Jéssica Larissa



“Nada mais doce que a magia do natal.”

Música: Boyce Avenue – “A Thousand Years”

Boston, Massachusetts.

Natal de 1997

BONNIE BROOKE

Acordei serelepe, como mamãe dizia. Abrindo os olhos ansiosa. Um bocejo, seguido de uma boa espreguiçada para despertar, e então esfreguei os olhos para mandar embora o resto do sono. Subitamente, eu me recordei de

um bom motivo para mandar o sono embora de uma só vez e então, rapidamente, olhei para os lados.

Onde estaria ele? Sentei-me na cama, afastando as cobertas muito grossas, ainda meio perdida, mas muito ansiosa. Olhei para o lado de minha cama no tapete, e sorri aliviada, respirando devagar.

Lá estava ele, Lobo. Meu Lobinho. Dormindo parecendo muito feliz em sua cama. Eu também era muito feliz, porque agora eu tinha 6 anos e um lindo cachorrinho para cuidar, meu presente de aniversário da véspera.

Mamãe, papai, meus avós, meus tios e primos, bolos e doces, muitos doces e finalmente um Husky siberiano de 2 meses de presente. Eu sempre quis um. São tão lindos e fofos. Finalmente eu teria meu companheirinho para brincar.

O quarto estava cheio de vários presentes lindos que havia ganhado, deixando meu quarto ainda mais incrível, mas nenhum presente era tão especial quanto Lobinho. Na verdade, seu nome era Lupin, mas ele era idêntico a um lobo! Com sua penugem escura e olhos bem azuis. Até a cara de malvadinho! Por isso apelidei de Lobinho.

Como se percebendo minha felicidade só de olhá-lo, Lobo abriu os olhos, espreguiçando-se também. Em seguida veio até minha cama, estendendo as pequenas patas para me alcançar.

Estendi a minha mão em sua direção e ele colocou sua pata sobre a minha, ao mesmo tempo em que parecia todo animado balançando a sua cauda, com seus olhos brilhantes. *Nada é mais lindo que patinhas de cachorro ou esses olhos pidões*, pensei, enquanto com a outra mão, sentia seu pelo macio com meus dedos que estavam até meio arroxeados pelo frio.

Brrrrrrrr!

Lobo estaria com frio também? Mamãe disse para não o deixar na cama comigo, mas olhando para os lados, não havia mamãe por ali, não é mesmo? Se ela não souber, não tem problema.

— Bom dia, amor, vem cá! — disse enquanto me abaixava para pegá-lo como se fosse um bebê.

Então trouxe Lobinho para a cama comigo, e foi uma farra.

Agarrarei suas orelhas, e lhe dei um cheirinho.

— Lindo, lindo, lindo. Você é tão lindo! — Eu o elogiei num sorriso largo e feliz, enquanto neste momento lobinho me surpreendeu enchendo-me de lambidas que me faziam gargalhar.

Ria tanto que me dava dor de barriga.

Ele era meu novo filhinho, e iríamos nos divertir muito para sempre, eu tinha certeza.

Por fim era hora de levantar. Estava com fome e Lupin também. Eu amava comer, nossa! Especialmente nas férias e especialmente se tem um monte de coisa gostosa para comer porque a gente teve uma festança de aniversário.

Eu tinha 6 anos e um cachorro, eu realmente me sentia muito importante. Eu era uma mocinha agora, eu sei. Estava crescendo! Já fazia muitas coisas sozinha.

Olhei pela janela do nosso apartamento. A gente morava no segundo andar. Estava meio embaçado. Soprei devagar e passei a minha mão sobre o vidro.

Ai, que frio!

Dava para ver a neve caindo lá fora, como floquinhos de algodão. Eu amava neve! Amava montar bonecos lindos, fazer anjos de neve. Meus avós sempre me ensinavam a fazer coisas bonitas na neve. Como não gostar dessa época?! Comidas, presentes, todos felizes brincando em clima natalino!

Em breve iríamos morar em outro bairro, papai disse, mais perto de meus avós. Mamãe até já começava a guardar algumas coisas nas caixas. Eu estava ansiosa por essa mudança. Teria um quarto ainda maior e um enorme quintal para brincar com Lobinho.

Peguei minha boneca preferida para dar um beijo de bom dia, e disse para Lobo dar bom dia também, e ele respondeu com um latido bem fino. Eu iria ensinar tudo o que sabia para ele. Lobinho seria o cachorrinho mais esperto do mundo!

Em seguida escovei os dentes, arrumei os cabelos no espelho e vesti uma roupa bem quentinha ou mamãe ia brigar. Ela sempre ficava triste e me chamava de levada e se entristecia muito se eu adoecesse. Não queríamos mamãe triste, certo? Peguei então o meu gorrinho roxo preferido também e o encaixei em meus cabelos enormes e castanhos que iam quase até à bunda e que eu deixava sempre solto se mamãe não me penteava.

O cheiro de *waffles* da mamãe estava já dando para sentir mesmo dali do quarto. Minha barriguinha até roncou! Que baita fome!

Ao chegar na cozinha, sentei-me, pondo meus cotovelos na mesa e pus as mãos no meu queixo e olhei mamãe que cantarolava as canções de natal. Ela adorava.

Estava tocando *White Christmas*. Eu decorei porque ela tocava tanto essa música que eu ficava um pouco enjoada, pensei, rindo.

— Bom dia, Bonnie, meu amor — mamãe me falou, enquanto

preparava nosso café da manhã.

— Bom dia, mamãe! Cadê o papai? — perguntei, olhando para os lados. Papai acordava sempre cedo quando em casa, e aproveitei para morder uma bala de alcaçuz.

— Foi visitar seu tio Frank! Parece que deu problema ao colocar as luzes de Natal no telhado dele e deu um curto! Seu pai foi dar uma olhada!

— Mamãe, — perguntei, chupando a balinha de alcaçuz. — O que é curto?

Mamãe, loira e linda, sorriu. Ela adorava que eu perguntasse sobre tudo, e eu adorava perguntar tudo. O que era bom, pois sempre fui muito curiosa.

— É quando a energia deixa de funcionar por algum problema na casa... — Ela ficou em silêncio por alguns segundos. — As luzes não funcionam, filhinha.

— Ah, entendi!

— Daqui a pouco fica pronto o seu *waffle*, está bem? — ela avisou num amplo sorriso, e aproveitei para afagar o pelo de Lobinho, sem me preocupar muito com a demora, embora minha barriguinha reclamasse por causa do cheiro gostoso que estava por toda a casa.

Quis dar uma bala de alcaçuz para ele, mas minha mãe automaticamente ralhou.

— Bonnie! Não damos doces para os cães! Ele só pode comer ração! Vá dar a ração do seu cachorrinho!

Poxa, era só um docinho. Mas está bem, eu obedeceria, mesmo que me sentisse meio triste por ele não poder comer uma das coisas mais gostosas do

mundo. Teríamos que lidar com isso, mamãe nunca está errada e se ela diz que não pode, não pode. Suspirei e então peguei o pacote de ração para filhotes e despejei no potinho de Lobo que comeu abanando o rabo de contentamento. Adorei vê-lo comer.

E que manhã feliz! Bianca estaria no corredor? Ela era minha melhor amiga e vivia no apartamento ao lado.

Abri a porta e olhei. Não, ela não estava, pensei, triste. Só brincaríamos mais tarde. Queria que ela visse meu lindo lobinho.

Então vim para a cozinha e sentei na cadeira, balançando meus pés enquanto cantarolando comi meus *waffles* com um monte de xarope de bordo, do jeito que eu gostava. Bem doce, bem caramelado.

Espirrava com vontade o xarope no *waffle* enquanto comia, e depois bebi leite e enxuguei o bigode, e Lupin estava agora em meus pés, querendo mordê-los para brincar.

Comecei a comer depois minhas balas de alcaçuz, e peguei escondido um saquinho e coloquei no meu bolso para comer mais tarde, escondido de mamãe.

Bala de alcaçuz era a coisa mais gostosa desse mundo, não sabiam?

Por fim me abaixei para fazer carinho em Lobinho ao terminar, mas constatei que ele não estava lá. Virei-me para o outro lado, e ele também não estava.

Um medo já deu em meu coração.

— Lobo, Lobinho? — perguntei, enquanto a música de natal ecoava e minha mãe estava distraída. — Ai, meu Deusinho — murmurei, gelando mais do que já poderia estar gelada, quando vi que eu tinha esquecido a porta

aberta.

Olhei para a cozinha, onde mamãe estava, distraída, e não tive dúvidas ... Pus-me a correr! Ele deve ter descido a escada!

Dito e feito! O moço da portaria me disse, ao me ver correndo com meu gorrinho, que um filhote de cachorro tinha acabado de escapar para o lado esquerdo, mas não queria que eu fosse atrás do cão, por eu ser pequena, mas eu escapei dele! *É ruim que eu perderia Lobinho!*

Ai meu anjo da guarda, guarde lobinho!

Continuei correndo por duas esquinas, como louca, na nossa avenida que dava para algumas lojas bem grandes.

Estava frio, muito frio, e a neve caía em meu rosto. Neve era gostoso, mas quando a gente corria e tinha medo, não, não era gostoso.

Minha agonia finalmente acabou quando o vi perto de um garoto. Um garoto que brincava com ele, abaixado dando um sorriso, e Lobinho parecia estar gostando muito do carinho, virando-se de barriga para cima para receber mais.

Que sem vergonha, pensei, divertida.

Passei a andar mais devagar, respirando aliviada até chegar em Lobinho e no menino que estava agachado perto dele.

Estava com uma respiração cansada, e coloquei as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego. Observei que o menino tinha cabelos loiros, e que a neve caía em seus cabelos.

— Olá! — cumprimentei, curiosa, tentando dar o meu melhor sorriso.

Lobinho se remexeu, latindo fino, e ficando de pé para mim. Olhei para

ele, e disse feliz:

— Lobinho, seu danado! Que bom que achei você!

E de repente, o garoto ergueu a cabeça, e me olhou com olhos azuis muito grandes e brilhantes. Grandes e curiosos, que chamaram minha atenção. Eram olhos muito bonitos e pareciam surpresos. Era um garoto um tanto mais velho que eu. Devia ter 8 ou 9 anos.

Percebi que seus lábios estavam meio azulados, e que suas mãos estavam sem luvas. E que ele sequer tinha um cachecol. Minha mãe me mataria se eu sáísse daquele jeito no frio, tão desprotegida. *Por que a mãe dele deixava ele sair assim?* Eu me perguntei.

Ele se levantou devagar, e vi que suas roupas estavam sujas como se fossem velhas, e ao olhar para Lobinho no chão, percebi que o menino usava um sapato com um pequeno furo. Sua roupa era fina, deveria estar com frio. E de fato, ele tremia um tanto de frio.

Meu coração ficou triste ali. Eu entendi que aquele menino era pobre. Ele parecia envergonhado, e eu não sabia do quê.

Mamãe me dizia que pobreza não era vergonha, e que deveríamos sempre ajudar as pessoas.

— Oi, tudo bem? — perguntei, tentando ser ainda mais sorridente, enquanto Lobinho passou a fazer festinha querendo subir em mim, arranhando-me, e me abaixei rapidamente para lhe fazer carinho.

— Ele é seu? — o garoto perguntou, como se tivesse muito cuidado com o que ia perguntar.

Fiz que sim com a cabeça.

— É sim, obrigada por cuidar dele! Ele fugiu de mim!

— Eu não sabia que era seu! Desculpe por brincar com ele — o garoto falou, sem jeito, olhando para o chão.

Mas aí eu fui até o garoto, aproximando-me, e abaixei minha cabeça para olhar seus olhos.

Ele parecia tão triste...

Por fim ele ergueu a cabeça diante de meu modo xereta.

— Não precisa se desculpar! Lobinho gostou muito de você! E graças a você, ele não fugiu.

Pela primeira vez, o menino sorriu para mim. Ainda era um sorriso triste, e a neve caía em seu rosto.

Ele tinha cílios muito grandes e bem clarinhos, como um anjo.

— Cuide dele, não o deixe mais fugir. É um cachorro muito legal. Huskies siberianos são muito ligados aos seus donos. Ele sofreria se vocês se perdessem — ele me avisou, de repente, após uma pequena pausa, e o modo como ele falou me encantou.

— Não vou mais deixá-lo fugir, eu prometo. Foi sem querer! É que eu deixei a porta aberta! Mas não vou deixar mais! Eu ganhei ele ontem de aniversário — comentei, feliz.

— Verdade? — ele perguntou, parecendo interessado e até um tanto doce, abaixando-se um pouco para ficar na minha altura

— Sim.

— Parabéns — ele disse, com um sorriso no rosto. Lindo, nunca vi um menino tão bonito, como um príncipe. — Mas não tenho nada para dar de presente a você.

— Você já me deu! Você sorriu! — falei, porque o sorriso dele era como um presente mesmo, eu estava feliz. — Sabe, menino. Você é muito bonito. Parece até mesmo um anjo, deveria sorrir mais.

Ele parecia um pouco surpreso ao me olhar, e arregalou os olhos. Eu dei um sorriso ainda muito mais largo que antes. E então timidamente ele abriu outro lento sorriso. Ele é muito doce, tão bonzinho. Eu queria tanto dar a ele mais sorrisos... mas então escutei o som do sino da igreja ali perto, e tomei um susto! Coloquei as mãos na boca. Percebi que tinha fugido de casa e tinha de voltar logo ou mamãe iria perceber.

— Meu Deus! — exclamei. — Tenho que ir antes que mamãe perceba que eu fugi!

— Que pena — ele falou, de repente, cabisbaixo, e deu um suspiro que parecia muito, muito triste.

Meu coração ficou com uma dorzinha estranha, e respirei bem fundo. Eu também não queria ir, poxa, logo agora que fiz um novo amiguinho! Por fim, resolvi, então, fazer o que eu podia fazer por ele naquele momento.

Tirei então do meu bolso o saquinho de balas de alcaçuz e pus em sua mão.

— É para adoçar a vida, como minha sempre mãe diz. Feliz Natal!

Ele ficou me olhando por alguns instantes parado, como se estivesse indeciso, antes de pegar o saquinho de doce da minha mão, e quando ele o pegou, eu percebi que sua mão tremia um pouco.

Deveria estar com muito frio, pensei. A neve começava a cair mais forte ainda.

— Bala de alcaçuz é a coisa mais gostosa da vida! — comentei, para

deixá-lo alegre.

— O- o brigado — ele respondeu, sorrindo. — O- obrigado mesmo — ele continuou, gaguejante, com um ar bobo.

Sem pensar, tirei meu gorrinho, e fiquei de ponta de pé para alcançar o menino.

Ele parecia um pouco assustado quando o forcei a se abaixar e coloquei meu gorrinho nele, e antes toquei de leve em seus fios loiros e macios.

Ele me olhou com olhos mais doces que meu alcaçuz, e aquilo deixou meu peito bem quentinho. E a gente se sorriu, olhando um ao outro.

— Ficou lindo em você. Feliz Natal! — disse, bem pertinho dele, e lhe dei um pequeno beijo em sua bochecha.

Ao me afastar, percebi que ele me fitava parecendo impressionado.

Mas eu tinha de ir embora, e dando alguns passos a mais para trás, eu me abaixei rapidamente e coloquei Lobinho no meu colo.

— Feliz Natal — ele respondeu, com um pequeno sorriso de lado.

Eu saí dando um rápido tchauzinho para o menino e me pus a correr com Lobinho no colo antes que minha mãe me descobrisse, ou estaria muito encrencada.

Mesmo assim, enquanto corria, fechei os olhos e pedi que o anjo da guarda protegesse aquele garotinho. A minha mamãe me dizia que se a gente pedisse alguma coisa com muita fé, com muita força, Deus realizaria o nosso pedido.

Eu pedi a Deus e ao anjo da guarda com toda a minha força e com todo o meu coração, que Deus cuidasse daquele menino e lhe desse na vida mais

sorrisos.

E quando cheguei em casa, eu fiquei muito feliz porque além de minha mãe não ter descoberto nada, eu sabia que aquele menino ficaria bem.



“O homem que me tornei, para me reerguer...

E um doce reencontro. Será mesmo ela?”

Boston, 2019.

Dezembro - Perto do Natal.

Música: Against All Odds Phil Collins

VINCE • Vincent Blackwell

Passei meu olhar irrequieto pela vista da cidade de Boston, respirando

devagar para tentar me tranquilizar. Quando trabalhava, eu era uma nova espécie de mim mesmo. Um tipo de máquina objetiva, mas com temperamento sanguíneo. Parecia forjado de uma outra matéria, uma matéria mais dura. Algo provavelmente sem um coração. Aquele era o meu profissional.

Precisei ser outro homem para ser o dono da Cadeia de Hotéis Blackwell. Só um homem muito forte poderia construir aquilo, e eu tive de criar um lado homem forte aos 20 e poucos quando comecei – praticamente do nada – com apenas um monte de sonhos e uma vontade de me reerguer.

O vidro da janela refletia o meu rosto, o rosto do resultado dos meus esforços. Aquele era Vincent Blackwell, de terno Armani, sapatos *Testoni* finamente costurados a mão, e uma certa aura de poder calculada, daquelas feitas para impressionar mulheres e dar avisos de perigo aos homens.

Costumava ter um silêncio que me tornava respeitável, e uma educação que me tornasse cativante. Tudo aquilo era calculado para o sucesso. A vida me ensinara de modo muito duro a conseguir essas coisas se quisesse me manter no poder. Eu era legitimamente um homem de negócios, como meu pai um dia me criara para ser, antes de morrer.

Mas eu tinha uma coisa que ele jamais tivera: prudência. Aquela tinha sido minha maior virtude, especialmente quando, aos 20 anos, comecei a investir na Bolsa. Aquele dinheiro, ganho com risco calculado e muita prudência, foi o que me permitiu montar a cadeia de hotéis Blackwell no Leste.

Mudando meu temperamento, quando fora dali, descansava do homem de negócios, o dono da Cadeia de Hotéis. Lá fora, era Vince. Apenas o Vince. O Vince de minha mãe, Beatrice. Era a forma como me sentia melhor.

Eu tinha de tirar o terno e ficar só em casa para estar de encontro com Vince. Tinha impressão de que era um cara legal, ou ao menos eu passara os últimos 20 anos tentando ser um, e não alguém destruído como fora meu pai.

Eventualmente cair, em altos e baixos numa eterna escala, fazia parte dos negócios. Ninguém vencias apenas. Algumas vezes devemos perder para poder ganhar. Infelizmente, aqueles que apenas ganham por muito tempo, esquecem como cair.

Não fora fácil, nada fora fácil em minha vida. Aprendi a duras penas o significado da palavra trabalho hercúleo, mas agora, aos 31 anos, pensava que poderia sossegar um pouco. Não tinha mais de matar um leão por dia, talvez apenas um pequeno leopardo... Podia ser um pouco Vince naquela semana em que se aproximava o Natal. Faltava poucos dias para o Natal.

Mas por ora ainda estava em horário de trabalho, e via pela enorme janela metálica a neve cair calmamente, enquanto esperava o fim do dia. Já começava a escurecer, e a cidade toda brilhava.

Eu esperava que a senhora Hunt, minha secretária, trouxesse meus papéis para finalmente lê-los, assiná-los e ir embora, então tinha algum tempo para desfrutar, o que era raro na minha vida de homem muito focado em negócios.

Aquela imagem romântica de neve, frio, decorações natalinas, tudo aquilo evocava algo que, de algum modo, eu permitia que enchesse de calor o meu peito.

Um dia achei que não teria um coração, mas descobri que ele estava lá, batendo, forte. E até hoje ele batia forte, sanguineamente.

Um homem precisa de uma força motriz, de uma mola propulsora em sua vida.

Eu tinha uma. Alguém, um dia, foi tudo o que eu precisava para ter força para vencer.

Um sorriso perpassou minha face, e acariciei minha barba loira e cerrada, enquanto sorvia uma dose de Gim *Taqueray* num copo de cristal, e meus olhos contemplavam semicerrados o anoitecer, do alto do meu escritório no principal hotel Blackwell de Boston, onde eu me firmara.

Esfregava os olhos, espantando o sono, vencendo o cansaço do longo e estafante dia de trabalho, e me deixei levar por pensamentos. Natal seria evocativo, sempre... Sempre mexeria comigo.

Lembrava-me como nunca daquele natal de 1997. A sensação de revolta, o peito amargurado, o modo como estava andando há mais de 12 horas na rua, sem rumo.

O frio estava avassalador, e como eu estava com fome, ele piorava, muito. Fome, frio e uma imensa revolta. Não era um garoto de 9 anos revoltado qualquer. Eu tinha meus motivos. Apertava os punhos de raiva, uma raiva contra todos e contra ninguém.

A vida simplesmente me revoltava, suas injustiças, o fato do mundo de uma criança se explodir, de repente.

Eu havia sido um garoto rico até pouco tempo atrás, filho de um grande investidor e de uma ex -modelo. Meu pai havia sido um novo rico, e minha mãe abandonara o trabalho ainda em início de carreira quando engravidou de mim.

Ele era ganancioso, e gostava de jogar. Numa dessas jogadas muito arriscadas, ele perdera tudo. A paixão pelo risco o fez sucumbir. Não só perdera tudo, como havia se endividado ao ponto de termos que fugir, meses depois, de Washignton D.C para Boston, longe dos credores que desejavam

nos matar.

Em pouco tempo, meu pai havia desistido de tudo, e se dera um tiro havia poucos meses. Minha mãe não suportara bem. Nos últimos meses, ela tentava me dar comida como garçonzete e tentava me fazer não abandonar a escola, enquanto lidava com nossa realidade tão cruel.

Meu desejo era abandonar tudo, aos 9 anos. A mudança em nossas vidas me levava a uma sucessão de eventos terríveis. Ainda não conseguia falar sobre a morte de meu pai. Em verdade, ficara quase 2 meses sem dizer uma palavra, até começar a responder quando minha mãe perguntava. Era duro para mim. Minha mente estava aérea, confusa. O coração cheio de ira.

Não tínhamos mais nada, a não ser tristeza e muita revolta.

Mamãe fazia o que dava, mas ela não comia muito. Estava muito fraca. Ela estava internada há 3 dias, e não me deixavam ficar no hospital com ela. Diziam ser uma pneumonia muito grave.

Eu me sentia o pior dos garotos por não ter podido cuidar dela. Saía todos os dias para tentar engraxar em Boston, mas não era fácil ganhar dinheiro.

Queriam chamar a assistência social para me ver, eu ouvi as enfermeiras do hospital falarem. Já que nós não tínhamos mais parentes vivos, a não ser um ao outro. Ao ouvir aquilo, com a minha mente atormentada, minha única reação fora fugir.

E já fazia mais de doze horas que vagava pela cidade, sem saber o que fazer. Não queria pensar em minha mãe. Rezava para Deus, se ele existisse, pois parecia não existir, que cuidasse dela. Eu cuidaria de mim. Mas que Deus cuidasse dela, já que eu não podia cuidar.

A dor e a revolta da impotência dos meus 9 anos me rasgava.

Tremia de frio, os sapatos finos sobre a neve. A barriga já vazia, estava só com os biscoitos e chás que serviam no hospital há dias.

Além da fome e do frio, sentia uma angústia muito grande, e a neve não parava de cair naquela manhã... Minhas emoções depois de tantas horas vagando pareciam meio anestesiadas. Só sentia falta de esperança e uma tristeza lá dentro, incomodando mais que a fome.

Não deixava que o medo do futuro tomasse conta de mim. Apenas não podia voltar, ou me pegariam.

Uma vaga irritação passou a me tomar, de repente. Eu estava prestes a reagir com farpas a qualquer um que chegasse perto, acho, como sempre andava fazendo, especialmente ao ver tantas pessoas parecendo felizes naquela manhã perto do Natal, enquanto me ignoravam completamente.

Estava parado em uma loja, a fronte franzida, irritada, olhando alguns brinquedos de natal, lembrando de todos os que havia perdido e que nunca mais poderia comprar, de nossa casa em Washington, de mamãe saudável e bonita, de meu pai de gravata de borboleta há 2 anos, e seus amigos que haviam sumido quando ele empobrecera.

Estava distraído quando um animalzinho apareceu em meus pés. Meus olhos se arregalaram na mesma hora. Qualquer vestígio de irritação saiu do meu rosto ao sentir suas patas roçando em minhas pernas.

Era um filhote de Husky. Eu sempre quisera ter um. Não podia acreditar que no Natal um filhotinho chegasse em mim. Será que Deus existia e se lembrara de mim ao menos um pouquinho?

Sentindo o coração aquecer em meio àquele frio, eu me ajoelhei para o

cãozinho. Acariciei seus pelos macios, e o cãozinho parecia gostar, cheirando-me e lambendo minha mão em seguida.

Fiquei ali abaixado, dando-me conta de que ainda era uma criança, apenas isso, uma criança, e continuei acariciando o filhote e sorrindo como eu não sabia fazer há muito, recebendo o amor de um cachorrinho.

Eu lhe fazia cócegas na barriga, muito distraidamente, quando vi um pequeno par de botas plantado em minha frente, botas cor de rosa e duas pequenas mãos que pareciam descansar sobre as pernas. Meu olhar deslizou por um cabelo muito comprido, um cabelo de menina, loiro e macio, até que me deparei com os lindos olhos de uma garotinha.

Arregalei um pouco os meus quando vi aqueles olhos verde acinzentados que me olhavam com curiosidade. Eram olhos impressionantes, mesmo para uma menina. Suas sobrancelhas grossas se franziram juntas de um sorriso.

— Olá — disse o rostinho sorridente, enquanto a neve caía sobre ela, e ela parecia um daqueles quadros dos museus onde meu pai me levava para aprender arte, porque ele dizia que cultura era importante.

E em seguida, ela começou a dar atenção ao cachorrinho. Ela o chamava por um nome: Lobinho.

Levantei-me, pensando em sair dali. Não costumavam prestar atenção em mim fazia muito tempo. E o cachorrinho pertencia a ela.

Eu era um garoto desgrehado, calado e taciturno que só sabia receber *bullyng* e reagir com muitos sopapos quando provocado, deixando sair toda minha fúria. Mas então a garotinha passou a conversar comigo. E conversava tão amavelmente... Como se eu existisse, apenas eu. Senti-me importante, novamente.

Ela conversava e ria com seus olhos brilhantes, e deixando seus cabelos loiros cor de mel e longos balançarem. Ela sorria tanto, e era tão doce sorrindo... Eu só conseguia sorrir junto, como se estivesse sendo contagiado por sua alegria.

Sua voz era doce e angelical. E até hoje eu teria comigo a lembrança daquela voz. Parecia um pequeno anjo da guarda vindo ali para me lembrar que mesmo meninos como eu poderiam ter um natal.

Olhava-a, fascinado, incapaz de entender o que sentia naquele momento. Eu só sabia que era algo forte, especialmente quando ela tirou do bolso e me ofereceu um saquinho de balas de alcaçuz.

Olhei-a, lembro-me, sem conseguir disfarçar meu assombro, os dedos tremendo sem saber se eu pegava ou não. Ela estava me dando um presente. Para mim. Para a criança pobre, feia, mau humorada e desganhada que eu era.

Dava-me um doce porque ela era isso: um anjo doce, só saberia oferecer doçura na vida, eu pensei.

“Bala de alcaçuz é a coisa mais gostosa da vida”, ela disse, enquanto eu segurava o saquinho de doce, e só sabia agradecer gaguejante. Para minha maior surpresa, deu-me um gorrinho, um gorrinho que guardo até hoje, e um beijo tão doce, tão incrivelmente doce na bochecha que recebi de olhos fechados...

Antes que eu pudesse perceber, ou pudesse retê-la, ou mesmo descobrir um modo dela ficar, ela se foi com o pequeno cão, deixando-me com aquelas balas que, ela tinha razão, eram a coisa mais gostosa da vida, e aquele gorro que me ajudou com o frio.

“Feliz Natal! Fica lindo em você”! Foram suas últimas palavras, fixas

em minha mente.

Ela me deu muitas coisas naquela manhã, muitas coisas que julgava haver perdido: ela me deu esperança. E depois percebi que foi além da esperança: ela me devolveu minha alma de volta com aquela demonstração tão pura de bondade, e com minha alma devolvida, eu pude sentir a bondade junto com ela.

Peguei-me então sentindo algo que eu não julgava mais poder sentir: um estranho amor por aquela menina.

Meu doce anjo perdido. Eu acabei perdendo-a de vista naquele dia, e quando voltei a procurá-la naquela região da cidade, eu nunca mais a vi, para minha grande tristeza.

Porém, naquele dia, com seus gestos, ela me incentivara a fazer a coisa certa mesmo sem saber: eu voltara ao hospital, eu falara com a assistência social. Minha mãe e eu não poderíamos mais enfrentar tudo sozinhos. Eu fiz os que fazem os humildes: eles pedem socorro quando veem que não podem mais. E eu recebi mais bondade e com o tempo aprendi a retribuir sendo bondoso também.

As coisas foram melhorando aos poucos desde aquele dia, entrando nos eixos. Minha mãe se empregou em algo melhor, depois de plenamente recuperada, e eu pude estudar e trabalhar antes de conseguir minha primeira bolsa para Economia.

E eu crescera com aquela menina em meu coração: um gesto e uma vida mudada, inteiramente.

Aquela menina fora minha força motriz. Um guia. Um norte.

Nunca teria coragem de jogar aquele gorrinho fora, e jamais veria o

Natal ou bala de alcaçuz sem lembrar dela, vivamente. Ela ria em minhas lembranças, uma menina com seu cachorrinho.

Será que um dia eu a veria, e poderia dizer a ela o quanto ela havia me transformado? Veria alguma vez mais aquela menina de olhos verde acinzentados tão preciosos? Eram olhos incríveis. Se eu os visse novamente, mesmo que no rosto de uma moça, acho que reconheceria.

Estranhamente, ela parecia ter um lugar em meu coração, como se eu a esperasse. Por vezes, sonhava com uma voz sem rosto, simplesmente um gorro, cabelos longos cor de mel, um anjo doce que tomaria minha mão.

Nos meus sonhos, era sempre um anjo doce sem rosto de longos cabelos loiros cor de mel.

Não sei até que grau minha lembrança interferia na minha vida amorosa.

Fosse o que fosse, talvez pelo trabalho, talvez porque eu idealizasse demais uma mulher, tendo toda aquela doçura como parâmetro, jamais conseguira me relacionar a sério. Não havia mulher que me prendesse. Embora não fosse um lobo caçador faminto, é claro que gostava de sexo e companhia feminina, mas achava o sexo uma atividade meio vazia, meio triste...Uma descarga selvagem de energia sexual, uma troca de fluidos, uma necessidade brutal de sentir o corpo de alguém, e só.

Tentei me apaixonar, juro que tentei. Houve algumas garotas legais. Eu era rico, jovem e bonito. As mulheres caíram de monte em meu colo, boas ou más. Mas estava sempre correndo atrás de meu ideal inalcançável de mulher.

Continuei ali, pensando, olhando a janela, distraidamente, quando minha secretária bateu finalmente na porta, tirando-me a atenção.

Virei-me, sobressaltado, passando a mão em meus cabelos desalinhados, despertando-me para a noite que já havia chegado. Já era quase hora de partir, finalmente.

— Senhor Blackwell! Desculpe a demora!

— Imagine, senhora Hunt. Entre!

— Sei que não deveria ter demorado tanto! A Intercont demorou a mandar os papéis, e estava fazendo uma checagem antes. Sei que o senhor está muito cansado!

— Não há problemas, senhora Hunt! Imagine! — respondi com calma.
— Sei que faz o seu melhor, para me entregar as coisas da forma que me reste apenas assinar.

— É que não queria atrasar o senhor no seu primeiro dia, senhor Blackwell!

— Dará tudo certo! Não se preocupe! Está tudo bem! — respondi, sorrindo, tentando ser afável.

Por fim ela depositou os papéis em cima da mesa, que eu tratei de ler e assinar o mais rapidamente possível, afinal, eu finalmente começaria o meu segundo turno de trabalho.

Já estava realmente quase hora de começar. A senhora Hunt era uma das poucas pessoas que sabiam, digamos, da minha atividade um tanto exótica. *Mas exótico não quer dizer ruim, oras.*

Era uma espécie de tradição minha, por assim dizer, uma espécie de promessa, não sei bem explicar. Mas o fato é que já há alguns anos, cerca de uma semana antes do natal, eu me vestia de... Papai Noel.

Isso mesmo. Eu usava uma enorme pança de silicone, barba falsa, uma

roupa ridícula, óculos e ficava plantado, com presentes, em frente ao hotel Blackwell.

Um pequeno número de funcionários sabia que era eu. Eu era aquele sujeito louco o suficiente para fazer isso. Nem eu conseguia explicar porque fazia aquilo, mas a verdade é que eu me sentia muito bem. Gostava de ouvir um pedido de uma criança, e de alguma forma, tentar realizá-lo. Gostava de ver uma criança sorrindo, feliz.

Eu era apaixonado por crianças e como não tinha sobrinhos ou primos, e muito menos filhos, também era uma forma de conviver com crianças. Talvez eu fosse assim porque uma menina me ensinara sobre o valor da bondade, e de como pequenos gestos poderiam mudar uma vida se soubermos valorizarmos eles.

Ou simplesmente talvez eu me visse naquelas crianças, precisando de uma foto com o papai Noel, precisando de amor e esperança. Ou um pouquinho que fosse daquilo.

Eu queria dar algo, nem que fosse um feliz Natal ou um saquinho de alcaçuz.

Que me custava algumas horas naquelas roupas ridículas se crianças me sorriam toda vez que eu dizia, como um bobo “feliz Natal! Hohoho!”?

Ah, o sorriso das crianças pagava tudo, valia todo o esforço, sem dúvida alguma.

Bem, eu estava cansado, mas vamos lá...

Após um banho e me vestir, em pouco tempo já estava no meu trabalho "especial", sentado numa confortável poltrona, fazendo a festinha por horas com as crianças, defronte ao hotel onde, há poucas horas, eu trabalhava no

meu escritório que ficava no último andar.

Havia guardado todas as minhas coisas e saíra, um total Sem Vergonha. Estava transformado em um simpático velhinho, distribuindo todos os *Hohoho* possíveis e coçando minha barriga falsa, satisfeito, pisando no piso de mármore bizantino de meu luxuoso hotel. *Eu estava cansado? Sim, muitíssimo.* Meus olhos ardiam, bocejava e a roupa de Natal não era nada confortável, pois fazia frio ao mesmo tempo que suava nas partes em que tinha contato com o silicone. Mas eu estava muito, muito feliz, com aquelas alegrias inexplicáveis que só a sensação de estar fazendo o bem, fazendo o certo pode nos dar.

Uma sensação tão grande de bem-estar e relaxação...

Após o último turno, eu estava exatamente assim, sentindo-me bem mas também exausto... Sentado num dos bancos perto do hotel, já era meio tarde... Olhava para a noite estrelada, com um ar satisfeito e uma leve sonolência, com aquelas ridículas roupas de Natal. As pessoas muito de vez em quando me davam um tchauzinho ao longe. Começava a nevar, e eu estava com um pouco de frio, e tremia levemente. Deveria tomar o rumo para casa, ir atrás do meu carro que estava na garagem do hotel, mas queria ficar ali, aspirando a noite, seu ar gelado de alguma forma revigorante.

Tirei de dentro do bolso da calça do Papai Noel – pois sim, as calças de um bom velhinho também têm bolsos –, uma pequena garrafa prateada de uísque para relaxar, e tomei alguns goles lentamente, sentindo a neve cair.

Querendo espantar o cansaço, juntei minha cabeça aos joelhos, e fiquei lá segurando a garrafinha de uísque em uma das mãos, cabisbaixo por uns instantes, os olhos fechados, tomando coragem para ir embora...

Foi quando ouvi uma voz doce, muito doce. E muito feminina.

— Senhor... Está tudo bem?

Levantei a cabeça devagar, entreabrindo os olhos com calma. Senti minha respiração cortar quando me deparei com aquele rosto... e aqueles cabelos.

Foi a primeira coisa que observei, aqueles fios longos quase caindo sobre mim.

Longos, loiros, macios e um gorrinho roxo em sua cabeça, singelo... Depois observei seus olhos azuis acinzentados expressivos, que me fitavam, e notei um sorriso que chegava neles. Uns olhos magníficos, cheios de brilho... Olhos que me prendiam, e me deixaram instantaneamente vidrados.

— Estou — respondi, atento, diante de seu rosto afável. *Lindo e tão, tão familiar...* — E a senhorita? — perguntei, aguçando o olhar e franzindo o cenho, cada vez mais com a sensação de que eu só poderia estar sonhando.

Ou simplesmente realizando um grande sonho...

Que garota linda...

Ela usava jeans, e tinha um grosso cachecol cinza em seu pescoço, e eu me peguei como um bobo, suspirando, embevecido. Observei que segurava em suas mãos um...

Não podia ser... Saquinho de balas de alcaçuz?

— Estou bem, senhor! — ela respondeu com aquele sorriso completamente angelical, que deixava seus olhos ainda mais estonteantes. — Mas ficaria muito melhor se aceitasse esse docinho. — Ela então me ofereceu seu saquinho de balas que segurava. — Não é muito, mas pode ter certeza de que vai ajudar a adoçar sua noite!

Fiquei a olhando, intrigado, sem ação. Talvez até a assustasse com

minha expressão estupefata, mas ela parecia ali, paciente, inclinando um pouco a cabeça, como se quisesse descobrir minha estranha reação, erguendo mais o saquinho até me fazer pegá-lo.

— *É bala de alcaçuz! Bala de alcaçuz é a melhor coisa vida!*

Aquela frase, aquela moça linda, aqueles olhos... Eu realmente deixara de estar apenas intrigado, eu estava agora completamente boquiaberto. Era como se um anjo doce estivesse na minha frente.

Novamente...?



“Doces, para alegrar uma vida amarga e solitária?”

Música: Perfect - Ed Sheeran

Boston, 2019.

Dezembro - Perto do natal.

BONNIE BROOKE

Finalmente eu voltaria para casa, mesmo que já fosse tão tarde! Olhei no relógio. Meu Deus! Já vai dar 10 da noite! Ainda bem que Boston nessa época do ano praticamente não parava. Eu estava com a barriga roncando de fome, para variar. Os dias não estavam nada fáceis. É o que dá ser uma publicitária de sucesso em época de Natal. Trabalho extra até tarde e muita tensão muscular e dor de cabeça, mas eu estava feliz e satisfeita. Eu amava meu trabalho.

Eu trabalhava lá há menos de um ano, mas estava dando tudo muito certo e em breve, do jeito que as coisas andavam tão bem, eu receberia uma promoção!

Mas como tudo nessa vida tem limite e não somos máquinas, graças a Deus os próximos dias seriam mais vagos e eu poderia tirar uns dias de folga. A agência andava mesmo uma loucura naquele fim de ano!

Apesar de ser um trabalho muito maluco e que exigisse muito de mim, eu realmente adorava o que fazia. E eu ganhava bem por isso. Meu apartamento era bonitinho, decorado ao meu gosto em uma ótima rua e até devolvi para meu pai o que ele gastara comigo na faculdade, e é claro que ele ficou aborrecido, mas sabia que também, no fundo, ficara orgulhoso.

Papai queria que eu fosse cirurgiã, como ele. Mas eu puxara os dons artísticos de mamãe, que sempre fora artesã nas horas vagas. E então eu me tornei publicitária, escolhendo uma profissão que reforçava essa minha vocação artística e minha família me apoiara em minha decisão.

Falando em meus pais, é claro que eles, os Brooke, morreriam de alegria se eu os fosse visitar naquela noite, mas eu andava querendo ficar mais desapegada dos meus pais. Éramos sempre muito grudados.

Já fora lá ontem, afinal, havia sido meu aniversário de 28 anos. Depois

de passar um tempo com as amigas de infância, bem pouco tempo, aliás, já que elas estavam todas casadas e eu não, fui me encontrar com eles e fui mimada calorosamente por meus pais e mais uma vez perguntada sobre se, ano que vem, quem sabe, eu não estaria lá com um esposo ou algo do tipo.

Essa fora a parte chata da comemoração, meu pai cortando um chester que fizera para mim, já em clima natalino, sorridente, com aquela perícia de um cirurgião e perguntando:

“Onde está meu genro? Será que terei um finalmente em seu aniversário ano que vem? E meus netos?”

É claro que ele teve uma careta como resposta.

— Papai, por favor! Isso é constrangedor! — Tentei persuadi-lo de que me dizer aquilo era chato pra caramba, mas acho que pais não se importam com isso. Não quando eles estão loucos para ter netinhos pulando e quando não temos irmãos para dividir as ânsias de nossos pais.

Não fossem aquelas cobranças chatas, teria sido tudo perfeito.

Houvera mais cedo também uma pequena comemoração com meus colegas de trabalho. Eu era muito querida no trabalho, e eu sentia que éramos uma equipe e tanto!

Aquilo alegrava meu coração: saber-me importante e querida.

Minha vida era basicamente essa: muito trabalho, muita correria, reuniões divertidas em equipe para bolarmos coisas malucas e criativas que só os publicitários podem entender, cuidar de meu apartamento quando estava de folga, cozinhar um pouco quando possível e de resto, bem, de resto... Havia filmes antigos como companhia e muita solidão.

Já fazia um tempo que Lassie, a filha de Lobinho morrera... Desde

então, eu não quis mais ter cachorrinhos.

Minha vida era um tanto mais solitária do que eu gostaria, verdade seja dita. Eu não queria pensar muito sobre relógio biológico e outras coisas assim. Eu mal fizera 28 anos. Eu teria tempo ainda pela frente para pensar nessas coisas... Mas o fato de eu não ter namorado, as pessoas sempre estranhavam.

Eu era bonita, eu sabia. Não era o que se poderia chamar de cúmulo da vaidade, mas um espelho não se enganava: sim, eu era bonita.

Os idiotas que cruzaram meu caminho também sabiam disso: que eu era bonita. E não passara disso. Eu sentia que era apenas alguma coisa, algum trofeuzinho, alguma conquista para eles, e nada mais, e bem, aquilo doía para caramba.

Muito cedo eu percebi que eu tinha um coração grande demais para me contentar em ser apenas a garota bonita a ser usada por rapazes idiotas.

Eu sempre quis ser algo mais.

Eu demorara muito a me desenvolver fisicamente. Fora criar seios de verdade lá pelos 15 anos, e desde então os garotos caíram como raios, assuntando-me. Sempre muito agressivos e vulgares nas cantadas no ensino médio.

Eu tinha curiosidade, é claro. Eu era uma garota. Queria saber como era ser beijada, acariciada por um homem. Eu morria de curiosidade sobre tudo, embora a vulgaridade dos rapazes e seu jeito frio e repulsivo de tratar as outras garotas da escola me assustassem.

Minhas amigas na época me chamavam de boba, que eu não sabia aproveitar a vida, mas eu demorara tanto a dar meu primeiro beijo, não queria

que fosse qualquer coisa.

Aí eu escolhi o garoto mais bonito da escola para dar um beijo, Max... Os beijos de Max não eram ruins, mas eu esperava sentir tantas coisas, aquelas coisas que eu via nos livros de romances. Todo aquele arrepio, e sensações de perdição e abandono. Perder a cabeça nos lábios de um rapaz. Eu desejava coisas assim, ficar encantada por um homem ao dar o primeiro beijo. A verdade é que eram apenas beijos...Gostosos, molhados, mas eu não queria morrer de amor ou de prazer, não tinha estremecimento nem nada. Eu ficara, em verdade, bastante frustrada.

E eu esperei até o último ano para sair com um rapaz, esse que era o do primeiro beijo, Max...E ele achou muito esperarmos dois meses de namoro para podermos transar. Eu decidi que seria na nossa formatura, já que ele insistia tanto e bem, eu não sabia o que seria depois de nos formarmos e eu já ia fazer 19 anos.

Deveria estar pronta para aquela experiência, ou ao menos eu achava que deveria estar.

E quando aconteceu, mais uma vez, foi tão diferente do que eu sonhara! Foi tão rápido, pouco emotivo, e tão pouco prazeroso. Eu sentira bastante dor e fiquei surpresa com a rapidez com que fui montada e abandonada.

Lembro de Max todo feliz ao meu lado, depois daqueles... Cinco minutos?

Fiquei com aquela impressão: meu Deus, é só isso? É por isso que as mulheres morrem?

Senti-me deprimida, por mais que sorrisse para não ferir seu ego.

As próximas vezes em que transamos, Max, meu namorado na época, sempre me chamava de frígida. Nossas transas eram sempre rápidas, eu confesso que não era muito participativa, fazia o que ele pedia, meio mecanicamente. Normalmente, a gente fazia dentro do carro dele, sempre com alguma pressa... E eu estava me cansando daquilo. Ele parecia ficar sempre um pouco insatisfeito com meu desempenho, mas a verdade é que Max era frio comigo, e eu tinha sempre a impressão de ser somente usada.

Mas ele era o garoto mais lindo da escola, todos o queriam, todas ficavam morrendo de inveja e mim... E bem, cá entre nós, eu não podia deixar de notar que o pinto dele era meio pequeno... Será que seria por isso, ou pelo fato dele ir sempre tão rápido? Ou o problema seria meu?

Ficamos mais cerca de 2 meses juntos, e ele nem esperou que começássemos a faculdade para me trair. Um bastardo, traidor, sem vergonha... E... quer saber? Foi uma ótima desculpa para sair daquela relação frustrante. Eu estava de saco cheio de Max. A verdade é que ele era um traste. Ele poderia ir para o inferno com aquela beleza dele. Dane-se. Eu estava realmente farta. E ainda ficava aquela sensação ruim: *eu seria frígida, como ele me acusara?*

Confesso que eu ficara com aquele medo dentro de mim, e o medo fora crescendo. Para os homens, eu era realmente meio fria ao entrar em contato com eles.

Eu tinha uma espécie de bloqueio. Na faculdade ainda tentei sair com um cara, mas quando a gente foi ter algo mais íntimo, eu tive pânico. Até porque ele queria transar na primeira vez e a gente mal havia conversado. Eu tinha impressão de que ele nem sabia o meu nome, tão frio e impessoal ele era, apesar de lindo... Aquilo não entrava na minha cabeça. Eu não sentia nada por ele! Era muito estranho. Eu sabia que seria usada e jogada fora em

seguida.

Eu fugi daquele quarto e nunca mais quis ter qualquer contato. Não queria sentir o mal-estar que eu tive com Max...

Graças a Deus no meu trabalho quase todos os rapazes ou eram gays ou casados, e eu não tinha que dizer um monte de não.

O amor, verdade seja dita, dava-me medo, e o sexo mais ainda... Tinha muito medo de ser julgada, de descobrirem que eu era mesmo frígida e falarem aquilo de mim como Max falava na minha cara de forma tão impiedosa e cruel. Em algum lugar minha mente gritava que deveria ter falado da mesma forma para ele que talvez a culpa fosse do seu pau minúsculo. Contudo, aí eu seria igual a ele.

E minha vida era só isso mesmo, no fim: o trabalho, as amigas de infância e minha família grande e calorosa que adorava tomar meu tempo. Nos fins de semana, eu adorava visitar hospitais de velhinhos e crianças com câncer e fazer companhia para eles, e tentava ir à missa aos domingos. Uma vida tranquila, eu poderia assim dizer.

Uma coisa que eu sempre amara era a caridade. Era uma coisa de nossa família. Meus pais me ensinaram a ter muito amor, amor o suficiente para distribuir. Que o mundo estava carente, empobrecido pela solidão, dor e amargura. E o amor dava forças para curar o mundo de suas tristezas.

Eu me sentia bem ao lado de crianças e velhinhos, e adorava prestar socorro sempre que possível. Além de ajudá-los, por vezes me sentia salva por eles de alguma forma. Seus sorrisos tinham um preço impagável. E se tem algo que me ensinaram é que muitas vezes um pequeno gesto amoroso, uma palavra amiga, um sorriso, podem ajudar a mudar uma vida.

Eu, definitivamente, não era o tipo de pessoa que só pensava em si

mesma. Jamais seria feliz assim, no egoísmo.

E como eu amava doar meu tempo para crianças e velhinhos fofos! Eu só ganhava, jamais perdia...

E então, somando tudo aquilo, eu achava que eu era feliz. Ou mais ou menos feliz. Eu sentia falta sim de alguém que naquele momento viesse me buscar no trabalho, por exemplo... Havia sim uma sensação de incompletude. Eu não podia negar, assim como não podia negar que aquela sensação de solidão estava sim aumentando, por melhor que eu tentasse me sair bem sozinha e não reclamasse das graças que a vida havia me dado, como pais tão gentis e amorosos, um emprego incrível, e um corpo e rosto bonitos, além de muita saúde.

Mas a verdade é que amigas estavam casando-se, e eu estava ficando mais solitária, a verdade era essa. Naquele ano, duas das minhas melhores amigas haviam casado e uma estava grávida.

Não havia como não pensar em família quando eu mesma vinha de uma família tão ativa e próxima e que se amava. Eu crescera com aquela imagem de ninho envolvente num lar, mas morava sozinha num apartamento com um monde de coisa roxa, minha cor preferida.

Quando eu chegasse em casa logo mais, por exemplo faria yakissoba... e comeria sozinha... E depois de jantar, assistiria filmes da Metro de Natal... também sozinha. Bem que eu poderia cozinhar para alguém, e deveria ter alguém na cama comigo, a gente vendo filme e rindo juntos, debaixo das cobertas, e depois transar com a neve caindo lá fora... E eu sentiria as coisas felizes que as mulheres dizem sentir quando amam, e principalmente quando gozam...

É claro que eu pensava em alguém ideal. Alguém que parecia não

existir, mas sonhar é de graça, então por que não listar as coisas que desejava em um homem?

Ele seria nobre de coração, gostoso de corpo... e... ele teria um pinto enorme e seria gentil, e me amaria. E me faria sorrir, e me levaria para jantar, e cantaria para mim... E seria bonito, claro, como um galã. Afinal, que mal há em querer beleza e gentileza num homem? Não custava sonhar. Também queria que ele fosse responsável e quisesse uma família. Eu amava crianças, amaria ter um monte delas. Queria um pai junto no quadro, é?

Imaginava alguém sempre loiro de olhos azuis, não sei por que... Olhos bem grandes, gentis, com cílios grandes... Mãos grandes, ombros fortes, um jeito protetor, um sorriso de derreter geleiras em meio à neve.

Enfim, eu desejava todas essas coisas românticas que, no fundo, uma mulher costumava esperar. E nem sempre tem. Mas eu decidiria que seria feliz com o que tinha. Ou ao menos estava tentando ser. Eu não era do tipo inconformada e chorona. Embora, hoje particularmente tivesse pegado para me lamentar um pouco da solidão. Oras, é Natal e sempre vamos desejar alguém... Bom. Mesmo sem um homem ao meu lado, eu tentaria ser “mais ou menos feliz”.

Só pedia secretamente ao bom Deus aquilo: felicidade plena. O que seria, ele saberia. Deus sempre tinha melhores planos que os nossos, eu pensava, conformada.

Mas como era duro naquela época do Natal, vendo o exemplo dos meus pais, um casal tão feliz, não ter a perspectiva de alguém estilo comercial de margarina ao meu lado.

Às vezes me perguntava se não comia tanto doce por justamente sentir falta de algo. Ah, que nada, que bobagem... Eu sempre fora louca por doces.

Inventar outra desculpa, seria mentira. Por isso mesmo, antes de sair do trabalho, eu providenciei, é claro, meu saquinho de balas de alcaçuz.

Eu tinha um vício danado naquelas coisas. Mas era muito bom, de verdade. Eu era completamente maluca por doces. Era uma piada ambulante esse meu vício.

Estava feliz então, distraída, andando por Boston em plena semana antes de Natal, enrolando um pouco para ir para casa. Não pegara o carro ainda. Começara a nevar ontem, e estava tão bonito. Por que não dar uma voltinha? Ainda bem que eu trouxera luvas e meu cachecol. Estava cansada, sim, mas feliz, passeando com minhas botas pela praça que já ficava meio vazia, perto do Hotel Blackwell, na avenida 6.

Natal... era realmente algo indescritível como aquilo tudo mexia comigo. Era sempre uma mistura de emoções tão intensas! Achava tudo tão envolvente... As luzes, os coloridos, as músicas, o modo como as pessoas pareciam se transformar.

"É a esperança", eu me dizia, a esperança fazia aquilo com as pessoas: deixava-as leves e alegres. Eu amava aquele clima transformador de natal.

Chupava minhas balinhas tranquilamente, como a criança o crescida que eu ainda no fundo era, e estava caminhando pela praça, alheia a tudo, admirando o luar e o vento frio trazendo flocos leves de neve para meus cabelos, quando então aquela imagem me chamou a atenção.

Realmente havia me comovido.

Ah, essa não! Um velhinho fofo. Pior: um velhinho fofo vestido de Papai Noel nesse frio cortante! Meu coração então se enterneceu duas vezes.

Meu coração bateu acelerado. E meu rosto ficou confrangido por

aquela cena... Um pobre Papai Noel, naquele frio, sentado sozinho num banco, a cabeça baixa, nas mãos uma garrafinha de uísque. Tão desamparado! Eu já vira antes Papéis Noéis problemáticos. Às vezes eram velhinhos sem família, tristes e endividados que faziam bicos em pleno natal.

E tinha coisa mais triste que ver um Papai Noel sozinho? Pobre velhinho!

Viciada em ajudar como eu era, eu sentia que não poderia ficar ali parada. Eu tinha que fazer algo por aquele velhinho, pensei, o rosto franzido de tristeza. Fui então treinando meu melhor sorriso. Faria algo por ele, eu descobriria. Depois de cumprimentá-lo, o Papai Noel ergueu seus olhos sonolentos, bem grande e azuis, eu vi. Olhos cansados, mas que naquela semi escuridão brilhante pareciam afáveis e bonitos.

E de repente, ele passou a me olhar estranho. Talvez, surpreso? Talvez estivesse tão mal ou desacreditado da vida assim?

Seu olhar continuou atônito, especialmente quando ofereci para ele a única coisa que eu tinha no momento: minhas balinhas de alcaçuz. Ele parecia relutar um pouco em receber, olhando-me daquele jeito estranho e estático.

Será que ele não gostava de bala de alcaçuz?

Quando falei para ele que bala de alcaçuz era a coisa mais gostosa da vida, aí que ele arregalou o olho mesmo.

Ops, acho que ele não deveria gostar de alcaçuz... Tadinho. Tentei fazer então alguma coisa a mais por ele, ao ver que ele tremia um pouco de frio.

Aproximei-me docemente, e vi que os olhos do Papai Noel eram

realmente encantadoramente muito azuis, mesmo naquela luz vaga do luar, e tirei então meu cachecol e me abaixei para colocar em seu pescoço, para lhe dar um pouco da ternura e compaixão que invadiam meu peito.

Coloquei lá bem bonitinho, e tive a impressão de que o Papai Noel estava... estava me cheirando no pescoço quando me aproximei. *Que estranho. Talvez tenha gostado do meu perfume, sempre gostei de perfumes.*

Ao dar um laço em seu pescoço, levantei-me e disse, sorrindo muito:

— Pronto! Ficou muito lindo em você! Feliz Natal!

Mas o olhar que ele me deu estava cada vez mais atônito, mais surpreso. Oh Deus! Será que ele estava passando mal? Fiquei ali o olhando por alguns segundos, em silêncio... peguei em seu braço, e me surpreendi quando senti algo que pareciam músculos, fortes músculos no corpo do Papai Noel de olhos azuis... lindos...

— O- o senhor está bem? — perguntei, gaguejante.

Ele então inspirou fundo e disse devagar, depois de apertar um pouco seus olhos, lentamente.

— Acho que nunca estive tão melhor em toda minha vida — ele falou e vi que sua voz era encantadoramente profunda.

— Que bom— disse, num suspiro de alívio.

E percebia que ele me olhava como se eu fosse algo esquisito ou algo muito familiar, inclinando de leve a cabeça... Quando vi que ele começava a puxar a barba...



“Doce reencontro inesperado, na dúvida de ganhar seu coração.”

Music: Say You Won't Let Go – James Arthur

Boston, 2019.

Dezembro - Perto do natal.

VINCE • Vincent Blackwell

Seria ela o meu doce anjo? E se eu tirasse essa barba? Era realmente ela diante de mim? Aquela que tanto procurei? Sabia que havia se passado

muitos anos, talvez pudesse estar enganado. Observei aquela beleza viva e tão terna, e sentia meu corpo estranhamente reagir ao seu, sentindo aquele cheiro maravilhoso e feminino me rodear. Engoli em seco, estupefato, quase hipnotizado. Minhas pupilas se dilatando com o prazer súbito de sua visão, sua generosidade... Era como se minha alma reconhecesse a mesma ternura que um dia fora me dada, a mesma beleza, a mesma graça...

Algo em mim, porém, gritava, ansiando que ela não me visse tão somente como um bom velhinho. Queria que ela visse o meu rosto, o rosto de Vince. O rosto do homem que reagia a sua tão fascinante presença.

O rosto do homem que, de alguma forma, aqueles anos todos, a esperou.

Eu não era mais um garoto desesperado e faminto. Minha fome agora era por outras coisas, pensei, deslizando o olhar pelo corpo de formas graciosas, vestido com simplicidade. Constatei que mesmo assim, mesmo sendo tão simples, ela era magnífica.

Minha virilidade queria sua feminilidade. Algo em mim desejava intensamente, vertiginosamente, que ela fosse "a pessoa", mesmo se porventura não fosse. Meu anjo doce. Por favor, Deus... que seja ela, clamei, dentro de mim.

Seja você, querida... Seja você meu anjo doce...

Por isso, com o olhar fixo no seu, levei a mão para minha barba falsa e a puxei para baixo, lentamente, pois embora ansiasse que ela me visse, temia fazer papel de tolo. Mas que homem seria eu, se permitisse meu medo me parar? Em um momento tirei a barba, e lhe dei o meu melhor sorriso e falei um obrigado de todo meu coração. Por muito mais do que um saquinho de alcaçuz. Deslizei devagar os dedos por meus cabelos, livres do ridículo

chapéu, e senti a neve caindo, misturando-se aos meus cabelos curtos e loiros.

O sorriso torto continuava a marcar minha face, e estreitei meus olhos, em expectativa.

— Nem tudo é o que parece ser — brinquei, deixando alargar ainda mais meu sorriso.

Ela passou a língua pelos lábios, suspirante, os lindos olhos se arregalando.

— Não mesmo — murmurou baixinho.

Sua expressão ao ver a minha face era surpresa, levando seus delicados e finos dedos aos seus lábios polpudos, como se em algum lugar em sua mente jamais iria ver que por dentro da fantasia de velho Noel pudesse haver um homem muito mais jovem. Ou talvez, me reconhecera de alguma revista, já que por muitas vezes apareci nelas como um jovem empresário de sucesso.

Encarando-me fixamente, mal piscando, um silêncio ensurdecedor se arrastava entre nós.

Levado por algo tão urgente quanto incompreensível, eu me ergui devagar, colocando o saquinho de balas no bolso e deixando a garrafinha de uísque no banco. A pança de Papai Noel me fazia me sentir um pouco ridículo, mesmo assim dei alguns pequenos passos em sua direção. Aspirei o ar gelado se confundindo com seu cheiro delicioso e abaunilhado, que vinha dela, e diante do meu olhar profundo, ela emitiu um pequeno gemido que parecia de surpresa que aterrissou em meus ouvidos como música. Entreabrindo os lábios, ergui a mão para tocar sua face, antes que sequer pudesse me parar.

— Você está bem? — perguntei, enquanto sentia a suavidade e o calor

de sua pele e ela parecia se surpreender, acordando de seu transe.

— Ahn?! Ah! Sim, estou desculpe-me — disse ela, sem graça, subitamente afastando seu rosto lindamente corado do meu toque.

Retraí-me um pouco, imaginando que houvesse passado do limite e quase arrependido, recolhi a minha mão. Quase arrependido porque a sensação de sua pele ainda causava ondas de prazer por meu corpo. Esperei o que parecia ser ela se recuperando.

— Mesmo? Tem certeza? — perguntei.

Ela balançou um pouco a cabeça afirmativamente, prosseguindo:

— Apenas estava surpresa, não que seja uma surpresa ruim, não, claro que não, é que.... — Ela parou para me olhar mais uma vez, um olhar que dessa vez me percorreu por inteiro, adoravelmente boquiaberta. — Eu vi um senhor de idade, e então, de repente, vejo um homem tão... — Ela apertou bem seus olhos, a boca levemente trêmula.... — Um homem tão bonito...

Um sorriso suave brotou de meus lábios, e a olhei como se a acariciasse, inspirando o ar dos poucos centímetros que nos uniam. Uma sobrancelha minha se ergueu.

— É mesmo? Achou-me bonito? — indaguei, enquanto o sorriso chegava aos meus olhos. Ela continuou ali, entre surpresa e envergonhada.

— B- bem é, não, espera. Calma, não que não seja, não foi isso que eu disse. É claro que é um homem jovem e... bonito. Er... eu... — Ela fechou os olhos e levou a mão à boca, cobrindo-a. — Ah meu Deus... Não acredito que disse isso.

Ela virou o rosto, fugindo do meu olhar, e suas bochechas coradinhas eram um verdadeiro encanto. Um sorriso divertido me tomou de assalto. E eu

não conseguia tirar os olhos dela.

Ela era uma coisinha linda. Um verdadeiro anjo doce.

— Desculpe-me ter ficado o encarando daquela forma, como uma boba, isso deve ser estranho, não é? Apenas me surpreendi com o que vi — ela continuou a dizer, muito baixinho, sem coragem de me olhar agora.

— Bem, se você não conseguia tirar os olhos de mim, então somos dois.

Aquela frase atraiu mais uma vez seu olhar envergonhado para mim, que tentei captar com meu magnetismo, mas ela ainda fugia. Tão doce e consternada por me chamar de bonito, o que a tornava ainda mais fofa. Um riso nasceu em minha garganta, tamanha a sua graciosidade. Por um lado, seria uma pena atormentá-la com alguma provocação ou piadinha neste momento para trazer mais leveza, contudo, por outro, provocava em mim um desejo fugaz de fazê-la me ver como o homem que era. Um homem mais feliz e, naquele momento, louco por ela. Mas me segurei.

Aproximei-me mais e finalmente seu olhar me seguiu, até ser obrigada a olhar para cima. Ela tinha por volta de 1,65cm comparado com os meus 1,95cm. Sabia que minha altura era intimidante, por isso eu era um Papai Noel sentado, pois poderia assustar as crianças um Noel tão alto. As crianças perguntariam se eu seria um Gigante, e eu não poderia negar, já que mesmo entre os demais homens eu não era baixo.

Nosso contraste de altura me atraía, e percebi que ela recuou como um coelho assustado com minha aproximação. Aquilo foi sexualmente instigante, e levei minha mão até a suas madeixas, segurando uma delas delicadamente entre os dedos e admirando os fios tom de mel, reluzindo como âmbar sob a luz das estrelas.

— Você também é linda, senhorita... — falei em um tom baixo, envolvente e íntimo para fazê-la mais consciente de mim. — Como se chama...?

— Bonnie... Bonnie Brooke... — respondeu ela timidamente, com a minha atitude invasiva.

— Um nome lindo como a dona. Bonnie. Gosto desse nome — afirmei, enquanto trouxe a sua mecha de cabelo aos lábios, beijando os fios macios sem tirar meus olhos dos seus. Percebi seu olhar acompanhar meu gesto, interessado.

— Parece assustada... sinto que tomei o seu sorriso. Lamento, pois é o mais belo que já vi. E se sorrisse de novo? — perguntei, rindo. — O que poderia fazer para merecê-lo?

Ela piscava repetidamente, e mesmo ainda parecendo embaraçada, sorriu.

— Eu sorrio de graça se isso te faz feliz. É um presente de Natal.

Abandonei então a mecha e deslizei o dedo com suavidade na pequena covinha que apareceu em sua bochecha, retribuindo encantado sua ternura.

— Sempre generosa... — Deixei escapar.

— Sempre? — ela perguntou, um pouco espantada, fazendo-me tirar os dedos de seu rosto.

— Pelo menos desde que a conheci, tem sido assim. Obrigado. Obrigado por me deixar feito um bobo.

— Não está mais bobo do que eu! — ela retrucou, gracejando ainda timidamente.

— Sinto por nos deixarmos abobados, então — falei, num tom divertido.

— Tudo bem... — ela disse, dando de ombros.

— Garanto-lhe que não farei mal algum, apenas demonstrarei minha maior gratidão. Confiaria em mim, se eu pedisse?

Ela parecia vacilar, enquanto eu a fitava com intensidade e seu rosto corou violentamente. Seu olhar fugiu do meu e então busquei-o automaticamente, entortando um pouco o meu corpo, e aguardei sua resposta, ansioso.

— Confiar é um salto no escuro... — ela falou num suspiro, parecendo pensar por um instante.

Bonnie olhou-me então de soslaio e sorriu mordendo seu lábio. Virando -se de frente para mim, abriu um meio sorriso inseguro.

— Sei que é, por isso peço encarecidamente que me dê uma oportunidade de confiar em mim e que a gente possa se conhecer um pouco. Há mais de mim que um Papai Noel, Bonnie. Que tal saber a história de um homem por trás de um Papai Noel? Afinal, que tipo de homem jovem se vestiria de Papai Noel em pleno Natal? Um tipo inofensivo, não acha? — Tentei persuadi-la, risonho.

— Hum — Ela revirou os olhos e colocou o indicador no queixo, como se pensasse, num tom de brincadeira. — Acho que tem razão. Acho que quero saber a história por trás dessa barba branca! Okay! Acho que você me convenceu — ela concordou por fim, num sorriso.

Encantadora e doce, assim como as balas de alcaçuz. *Anjo doce...* Bem que eu gostaria de colocar umas balinhas de alcaçuz em sua boca, pensei,

olhando seus lábios deliciosos.

Como se escutasse meus pensamentos, seu estômago roncou e ela parecia querer correr o mais longe possível de mim. Virou-se e quase deu-me as costas. Aproveitei então essa oportunidade para tomar a sua frente e a fazer girar, pegando-a pelo braço, num gesto claro de que não desistiria dela tão facilmente.

Na verdade, eu não desistiria dela jamais, concluí, sentindo seu corpo quente próximo ao meu, seus lábios entreabertos, seu cheiro de baunilha e seus intrigantes olhos me aguardando.

Não deixaria aquela mulher escapar nunca mais. Era ela... eu sentia isso... Era tudo intenso e mágico demais. Como se um anjo houvesse descido dos céus para finalmente me trazer felicidade.

Sua barriga voltou a roncar novamente.

O som era gracioso. Obedecendo a minha vontade de alimentá-la como ela me alimentou, peguei o saquinho de balas e pegando uma balinha, delicadamente, levei aos seus lábios e empurrei para dentro de sua boca. Sem tirar o meu olhar do seu rosto, observei-a começar a sugar. Aquilo era lindo, excitante. Ainda absortos neste nosso momento, convidei-a baixinho:

— Gostaria de ir jantar comigo?

— Mas é que... está tão tarde... — respondeu relutante, o olha um tanto apreensivo.

— Mas é justo... Estamos com fome. Não há hora para a fome, nem barreiras para os desejos — disse sorrindo, galanteando-a.

— Bem, eu não sei... — ela disse, insegura.

— Mas se você me alimenta, Bonnie, eu te alimento... Uma troca

justa, não acha?

Ela sorriu, como se avaliasse o que eu dizia.

— Bem, realmente, eu não gosto de injustiças...

— Sei que não. — Pisquei para ela. — Vamos fazer assim, Bonnie. Se aceitar a minha companhia esta noite, prometo lhe dar esse jantar e fazê-lo inesquecível — disse confiante e não sabia exatamente o que faria, mas queria ter mais da sua companhia surreal e desta sensação de plenitude ao seu lado.

— Mas não sei nada sobre você... Sei que prometi confiar, mas — Ela parecia avaliar, relutante. — Bem, sei que é um Papai Noel... Que é jovem, que é gentil, e que me fez uma promessa e tanto agora também.

Joguei a cabeça para trás, rindo, divertido.

— Sim, eu fiz uma prometa e tanto! Por isso espero demais que me ajude a cumpri-la.

Ela sorriu em resposta.

— Então me dê motivos para te ajudar — ela disse, com um lindo brilho sagaz nos olhos. Estava disposta a brincar comigo.

Apontei para mim mesmo, sorridente.

— Prometo ser um bom motivo — pisquei para ela, que revirou os olhos para a minha brincadeira galante.

— Está bem, senhor espartilho... Mas seria bom saber mais sobre você... Espero que possa me compreender — confidenciou, mordiscando um pouco o lábio inferior.

— Minha linda, por você posso ser o que quiser esta noite... —

murmurei com brandura.

— A realidade é sempre melhor, embora sonhar seja bom — ela continuou, suspirante.

Percebi que ela queria se sentir segura, embora eu estivesse disposta a fazê-la sonhar segura em meus braços.

— Está bem, vou me contentar com a realidade... Não se preocupe. Para começar, chame-me de Vince, até de Senhor Noel, caso desejar... — falei com humor.

— Vince? — ela indagou.

— Sim, é meu nome. Vincent — pensei, calculando que ela realmente parecia não me conhecer nem se lembrar de mim. O que era bom... Ser rico de cara nem sempre tornava as conquistas saborosas. Omiti por um instante meu sobrenome. — Pode me chamar do que quiser, claro, desde que não me veja como um velhinho. Aliás...

Assim que disse isso abri a minha vestimenta e ela pareceu chocada. Olhava para os lados, como se estivesse acontecendo algo proibido e perigoso, ou procurando alguma câmera que me pegasse em flagrante, até que seus olhos retornaram para mim e sorri de canto de boca diante de sua expressão tão atônita quanto atenciosa. E quando tirei a minha barriga de silicone, seu alívio foi tão grande que não pude evitar de rir gostosamente.

— Pensou mesmo, que eu tivesse uma barriga deste tamanho? Ou estava na expectativa de algo a mais?

Bonnie estava rindo, os olhos muito brilhantes.

— Não sei o que pensar, meu caro Vincent! — ela disse, enquanto eu tirava a calça de Papai Noel e aparecia com uma calça social preta por baixo,

e podia sentir que ela acompanhava, parecendo envergonhada e curiosa, cada gesto em que eu me despia.

Peguei então sua mão, e subitamente a levei até a minha barriga que se revelara agora sem o casaco aberto e a barriga falsa, fazendo-a tocar os músculos definidos que ornamentavam minha barriga debaixo da camisa que eu vestia que estava com os botões abertos.

— Vê? Esse sou eu... Sou de verdade, pode me tocar... Não precisa pensar, mas me sentir... — falei com uma voz enrouquecida.

Seus olhos se moveram por meus músculos, e percebi que ela prendia a respiração. Bonnie por um segundo parecia apreciar, encostando suavemente a ponta das suas unhas em minha pele, provocando um arrepio em meu corpo, mas ao se dar conta, como se a magia do encontro houvesse se quebrado, ela puxou a mão e exclamou:

— Atrevido! — Ela parecia reclamar, ao mesmo tempo que segurava o riso em meio a sua face corada.

— Desculpa, Bonnie, a verdade é que você é tão linda que não pude me conter... — falei me aproximando, abaixando-me suavemente. — Quer que eu me contenha? — perguntei num murmúrio.

— Sim! — exclamou, mas ela não tinha coragem de me olhar.

Preparei então um golpe baixo, pois para mim estava praticamente escrito em sua testa: ela me achava atraente, tanto quanto eu a achava. E eu sabia, por instinto, que mexia com seus sentidos.

— Tem certeza de que quer que eu me contenha, Bonnie? — perguntei, segurando bem seus ombros, deixando que minha voz sussurrasse sedosa em seu ouvido, sentindo o estremecimento de seus ombros. E eu sabia

que não era de frio.

Peguei seu queixo em seguida, observando que seus lábios tremiam, e a olhei profundamente.

— Tem certeza, Bonnie? — insisti, olho no olho.

— Talvez... — ela respondeu, com um leve tremor de lábios.

Bingo! Eu sabia!

Sorri, pleno de satisfação, um ar vencedor, soltando delicadamente seu rosto.

— Então... O que faremos, senhorita Brooke? Vamos comer? A cada minuto a noite fica mais fria, e estou com mais fome — Tentei persuadi-la.

— Hum... — Ela ainda parecia em dúvida.

— Vamos, menina boba, Ricky vai embora se continuarmos aqui

— Ricky? — ela indagou?

— Confie em mim, simplesmente. Certo? Quero te fazer feliz essa noite. Que possa sonhar e se sentir segura ao mesmo tempo ao meu lado, entende? — disse, fitando-a profundamente, meu rosto estudando o seu... Minha boca estando agora próxima da sua.

Ela me olhou nesse instante parecendo simplesmente sem palavras. E era isso que eu pretendia fazer: apelar para seus sentimentos, que eu sabia nobres. E ela estaria segura comigo.

— É algo encantador de se dizer e se de prometer, Vince — ela falou, umedecendo os lábios tentadores.

— É algo que você merece ouvir, Bonnie, e agora, quero dar algo que você merece viver... Venha, querida.

Percebi os temores se desfazendo em seus olhos. Parecíamos profundamente ligados naquele momento, por uma força magnética inexplicável.

Tomei a liberdade de segurar a sua mão, e sentimos naquele momento a eletricidade do toque. Começamos a caminhar, enquanto eu levava na outra mão uma sacola com a fantasia de Papai Noel.

Percebi que ela me acompanhava, confiando.

Admirando a paisagem natalina, o frio, a neve e as luzes, tranquilizei-a durante o caminho, brincando e dizendo bobagens para a divertir, sendo galante, enquanto demos a volta no quarteirão e a levei até a parte de trás do meu Hotel, onde havia um pequeno jardim que fiz questão de mantê-lo bem cuidado.

Ela ficou um tanto impressionada.

— Aqui? Vamos invadir ou algo assim? — ela perguntou, rindo, mas parecia um pouco assustada.

— Confie em mim. Nada será ilícito. Apenas muito divertido, querida — tranquilizei-a, tocando sua face.

— Você trabalha aqui?

— Sim — respondi prontamente. A verdade é que eu não estava mentindo. Eu trabalhava lá mesmo, oras. Mesmo sendo o dono... Mas não queria assustá-la com essa informação agora.

Ela revirou os olhos, ainda um pouco hesitante.

— Ah meu Deus! — Ela riu, meio nervosa. — Espero não estar numa enrascada!

— Não está. Eu prometo. Na verdade, em breve estará muito bem alimentada! Isso sim, garota!

— Ah é? — ela perguntou, curiosa.

— Sim, sempre o melhor para você. Não se preocupe, Bonnie — prossegui, num tom mais sério, querendo lhe inspirar confiança. — Protegerei sempre você. Tem a minha palavra — disse, levando sua mão até meus lábios e beijando.

Percebi sua tez adoravelmente corada em resposta, e nos sorrimos.

Bati então na porta metálica. E eis que essa abriu lentamente, revelando um homem jovem, nem magro ou gordo, o dito saudável. Ricky com sua vestimenta de chefe, assim que me viu abriu um sorriso. Ele já iria me chamar como de costume de "Sr Blackwell" diante das demais pessoas, mas gesticulei para que não o fizesse.

Ele entendia o que queria dizer. Eu não deveria ser reconhecido. Isso acontecia sempre com os ricos: às vezes, eles gostam de brincar de humildes e ter sossego.

— Vince! Amigão! — improvisou o cozinheiro e quase engasguei em riso.

Ufa, ainda bem ele captou minha mensagem, pensei, rindo internamente. Não gostaria de me relevar como o dono, não naquele momento.

Poderia soar amedrontador. Já bastava tê-la chocado como o Papai Noel. Ela achava que eu estava passando fome, ou que era um bêbado infeliz precisando de um prato de sopa ou café para passar o frio. Seria demais para ela me revelar um multimilionário.

Um passo por vez.

— Quem é essa moça bonita ao seu lado? — Ricky perguntou.

— Uma princesa. Bonnie Brooke.

Observei eles se apresentarem e Bonnie dar aquele sorriso carismático que ela tinha.

— E aí, Ricky queria algo bem especial para comermos. Será que quebraria essa para um amigo de trabalho, que ficou até tarde na rua? — indaguei, piscando.

Bonnie pareceu ficar um pouco sem jeito, mas apertei sua mão gentilmente, como se estivesse a acalmando.

— Sempre quebro uma para você. Mesmo em época de Natal sempre vem me fazer cozinhar além da hora, seu safado — disse falsamente irritado.
— Bom, vou ajudar somente mais dessa vez, e só porque está acompanhado de uma dama tão bonita. Filho de uma figa de sorte! — falou, rindo amigavelmente.

— Tem certeza de que não tem problema? — perguntou uma insegura Bonnie, olhando para os lados. Então retorna a falar num tom mais baixo, cochichando para mim. — Este é um dos maiores hotéis e mais nobres, Vince!... Até onde sei já passou do horário de trabalho e não quero me envolver em confusões.

Ricky, que ouviu o que ela falou, resolveu brincar, para minha completa fúria.

— Para você ver, menina! Meu chefe é um carrasco! É um jovem ranzinza. Aliás, está na casa dos 30 e age como se fosse 60! Mas não precisa se preocupar! Estamos funcionando por aqui ainda...

— Eu não queria incomodar — Bonnie continuou, insegura.

— Não vai incomodar ninguém, querida — Tive de intervir. — Ricky está fazendo extra. É comum aqui no Natal.

Ela parecia sorrir, sem jeito.

— Pois é, realmente não é incômodo. Mas para compensar, Vince, você terá que fazer algo para mim... — Ricky fala, arqueando as sobrancelhas, com ar canalha.

Estreito os olhos para ele. Mas que bandido! O que ele vai pedir? É cada amigo que arrumamos, chantagistas! *Humpf!*

Pensei, mas guardei para mim enquanto Ricky me olhava como se me dissesse "Confie em mim, sei o que estou fazendo"

Ah sim, então vamos ver o que Ricky estava aprontando...

— Que coisa devo fazer, Ricky? — indaguei desconfiado, olhando-o para tentar adivinhar o seu plano mirabolante. Entretanto, para a minha infelicidade ou felicidade o seu plano era algo que eu não imaginaria.

— Bem, primeiramente, entrem... Está frio. Que mal-educado que sou. Senhorita, por favor...

Ele fez um gesto para que adentrássemos, com Bonnie em minha frente. Guiei seus passos, para que se sentisse segura, livrando-me finalmente da ridícula roupa de Papai Noel.

Ela olhou a sala que dava para a enorme despensa do hotel, e depois para a cozinha grande e muito sofisticada, até que chegamos em uma sala reservada dentro do hotel, com algumas poucas mesas pequenas e aconchegante, com uma decoração sóbria e elegante à meia luz, onde eu gostava de me servir quando queria ficar mais a sós, o que ocorria

frequentemente.

Ela percorreu os olhos pelas mesas de nogueira clara, o forro de veludo verde e os candelabros de bronze e ouro velho.

Eu adorava comer em solidão ou em pouca companhia e depois ficar por lá, lendo e relaxando. Era, em verdade, um restaurante só meu, e lá ficava, em cima de um pequeno palco, um objeto que gostava muito de usar para dedilhar e desestressar: um bonito *Fritz Dobbert* com cauda cinzelado e lustroso.

— Que lugar lindo, Vince... — ela disse ainda timidamente.

Sorri em ver que ela se agradava.

Ricky voltou a pigarrear, olhando para o piano e depois para mim e Bonnie cruzou os braços em seu colo, com sua beleza perfeita.

— Bem, Vince... Todos os funcionários que ficaram que não são da portaria, estão limpando e cozinhando. Toque piano para a moça, para fazer nosso trabalho mais leve... Que tal? — Lançou-me um olhar cúmplice.

Olhei então para Bonnie, que arregalara os olhos, um pouco surpresa. Ela estava linda com aquela meia luz da saleta do restaurante.

— Você toca? — ela perguntou com cuidado.

Foi a hora de eu fingir modéstia. Eu tocava, tocava muito bem, em verdade, e já ia responder, quando fui interrompido por Ricky.

— Esse sujeitinho é um estouro tocando. Ele é uma realmente é fera, não é, Vince? — Ricky falou

Dei de ombros, num gesto casual.

— Se você diz...

— Você tem um talento aqui e outro ali escondidos — comentou ela divertida, com minha interação com o Ricky. — Peço que concorde com ele, Vince. Toque para mim — pediu, suspirante.

E Bonnie me deu um sorriso maravilhosamente encantador, enquanto Ricky saía discretamente, chamando a atenção de Bonnie, até que ela se voltou novamente para mim, ainda sorrindo.

Neste momento, não sabia fazer nada se não a olhar e parecer um tolo. Como era possível ser assim tão linda? Como podia, também, negar-lhe qualquer coisa?

Fiquei por segundos, em silêncio.

— Fiz algo errado? — indagou ela, parecendo temerosa de algo.

— Não, desculpe — falei, saindo do meu transe. — É que disse que queria seu sorriso, anjo —disse levando a mão à sua face, numa sutil carícia. — Como dizer não a um pedido seu, como resistir a esse sorriso?

Ela me olhava, parecendo encantada, suspirando enquanto eu tocava seu rosto com a ponta dos dedos.

Por fim, ela pareceu mudar de expressão, e seu semblante se mostrou preocupado. Eu ainda acariciava seu rosto com lentidão.

Aproximou-se um pouco mais de mim e segurou a barra do meu casaco.

— Tem certeza de que o seu chefe não vai brigar? Um piano faz muito barulho... Está mesmo tudo bem? Não sou exatamente aventureira — indagou, aflita, quando viu que estávamos a sós.

— Sim, anjo — Levei minha mão sobre a dela, cobrindo-a com a minha, tentando transparecer segurança. — Fique calma. Ficaremos bem.

Eles virão apenas para nos servir. Encare como uma doce aventura, sempre há uma primeira vez. — Instiguei-a, e percebi seu olhar ganhando um brilho suave.

— Vou tentar me comportar de modo aventureiro, então. Milagres de Natal — ela brincou, com sua mão sendo acariciada pela minha.

Peguei então sua mão, levei até meus lábios e a beijei.

— Só penso em milagre de Natal quando a vejo — Percebi que ela sorriu ainda mais amplamente, e sentia algo completamente mágico ao seu lado.

— Bem, Bonnie... — prossegui. — Afinal, o que gostaria que eu tocasse para você? Não sei tudo, mas sei bastante coisa.

— Ah é? Você como sempre surpreendendo para o bem...

— É meu lazer favorito, tocar... Relaxa-me. E gostaria de tocar algo que você goste. Vamos ver se consigo atender sua sugestão.... E então, o que manda? — perguntei, ansioso.

— Hum... — Bonnie fez um tipo de careta, como se pensasse.

Ela parecia relutante em pedir uma música, mas por fim disse abrindo outro dos seus lindos sorrisos.

— Me surpreenda! — exclamou.

— Eu é que estou surpreso, querida, e encantado...

E eu estava mesmo. Encantado, comovido, excitado. Um turbilhão de emoções se revirando dentro de mim.

Afastei-me um pouco, resolvido a dar a Bonnie um momento precioso, e agradecer a extrema confiança que ela depositava em mim.

Eu sabia que ela era uma adulta responsável se sentindo insegura, aventurando-se com um completo desconhecido. No fundo era algo perigoso de se fazer, sair com um estranho, e deixar-se ser guiada por alguém.

Confiar fazia parte de sua doçura, pensei, olhando para os olhos brilhantes de Bonnie. Provavelmente, o seu anjo da guarda sempre tivera trabalho dobrado ao protegê-la.

Eu podia ser seu anjo da guarda agora também. O homem que a protegeria.

Ainda segurando sua mão, eu a levei até o centro do ambiente e a deixei sentada em uma das mesas diante do palco que possuía o piano de cauda.

Deixei minha barriga falsa com ela, o que a fez rir e eu dar de ombros, enquanto me dirigi ao instrumento, sabendo exatamente qual música tocar para ela.

Peguei meu celular e encaixei no aparelho dos alto falantes que tinha ali perto. Escolhi a música, aproximei o microfone de meus lábios e então comecei a dedilhar as primeiras notas de *"Everything"* de Lifehouse.



“A melodia que chega ao coração.”

Música: Colton Dixon - Everything

BONNIE BROOKE

Nos primeiros toques de seus dedos no piano, meu corpo todo se arrepiou o som ecoava pela minha mente. Fechei então meus olhos sentindo o vibrar de todo meu corpo. E em meio às suas notas, parecia que todo o meu ser era engolido e transportado para dentro da música. Gostosa, lenta e calma. Assemelhando-se à personalidade do homem que tocava. A música parecia fazer parte dele, também, seduzindo-me. Tudo nele me seduzia. Após poucos

segundos, observei-o abrir a boca e o tom da sua voz parecia ecoar dentro do meu coração, e voltei a fechar meus olhos para sentir o prazer da canção e de sua voz escorrendo dentro de mim.

"Find me here and speak to me. I want to feel you. I need to hear you."
(Me encontre aqui e fale comigo. Eu preciso te sentir. Eu preciso te ouvir)

"You are the light... That's leading me..." (Você é a luz... Que está me guiando)

Havia tanta emoção e beleza em sua voz, que percebi que ele cantava com a mesma força comovente de seu próprio coração. Voltei a abrir meus olhos e o encontrei tocando de olhos fechados, cantando com uma expressão linda, fazendo-me querer saber pintar um quadro e mantê-lo cantando por tempo indeterminado, só para mim. Queria poder terminar e guardar cada emoção transmitida. Mas como não era possível, permiti-me pegar o meu próprio celular e fotografar a cena.

Sabia que talvez amanhã já não pudesse encontrar Vince, esse homem desconhecido até então, de todo modo, aquele era um momento que queria guardar para sempre. Eu estava completamente maravilhada por ele, sentindo-me suspirante como uma fã ouvindo seu cantor favorito.

Enquanto ele ainda tocava, o ar deixava meus pulmões lentamente, ao mesmo tempo em que eu sorria de forma gradual, com uma imensa tranquilidade que jamais havia sentido antes. E a cada parte cantada parecia a mais bela declaração.

Peguei-me relembando de cada pequeno detalhe, desde o seu galanteio a sua forma educada e cavalheiresca de me tratar. Ele fazia com que eu me sentisse a joia mais frágil e bela que seus olhos já haviam ousado ver. Seu toque era suave como se pudesse me partir. Ele tinha uma delicadeza forte e

envolvente.

Podia perceber ele se contendo vez e outra e a atração que sentia por este desconhecido me constrangia, deixando-me como se fosse uma adolescente, ou como se fosse uma moça que já fui uma vez, quando eu ainda pensava em encontrar a doçura do amor nos homens.

Quantas vezes me enganei, quantas vezes os homens só queriam meu corpo... Mas algo em Vicent é diferente. Seu olhar, seu toque e a sua voz, e sobretudo, sua gentileza e a emoção com que me tratava.

Podia ainda sentir os choques deliciosos que percorreram meu corpo toda vez que ele havia me tocado durante a noite, o modo como me sentia seduzida e mesmo úmida e excitada quando ele resvalava seus dedos em mim.

Sentia-me em um doce sonho, com meu gentil libertino me chamando para uma aventura. E quando ele finalmente terminou de tocar e cantar, só soube me levantar da cadeira que estava sentada e aplaudi-lo.

— Incrível, Vince! Que música linda! — Meu coração parecia se encher de alegria, ainda mais quando ele me olhou surpreso e então sorriu junto comigo.

— Fico feliz que tenha gostado, meu anjo doce... — Ele me lançou um olhar terno e ficou alguns segundos em silêncio. — A comida ainda pode demorar um pouco. Quer vir até a mim e dançar um pouco?

— Dançar? Você está louco, Vince? — perguntei, surpresa, mas ao mesmo tentada com a possibilidade.

Saboreei a possibilidade de estar em seus braços, sendo guiada, mas me contive...

Ele parecia pensar um pouco, como se ponderasse sobre eu tê-lo chamado de louco.

— Talvez eu seja louco mesmo. Ou apenas esteja louco para dançar com você — falou charmosamente, seus grandes olhos azuis se apertando, enquanto deu alguns passos até a mim, aproximando-se.

Sentia como se seu olhar lânguido me acariciasse. Ele era tão bonito... Lindo, loiro, forte, os olhos azuis tão intensos, a barba cerrada era um charme à parte, o queixo largo...

Ainda sentia os músculos definidos de sua barriga em meus dedos. Foi deliciosamente chocante sentir meus dedos ali. Ele era tão sexy...E sua voz era tão provocante e rouca...

Eu o chamei de louco, mas quem estava louca era eu! E como poderia ser diferente com um homem encantador como Vicent?

— Vamos, querida? Concede-me uma dança? — Ouvi-o falar, sentindo meu coração acelerado,

Estendi a mão para Vincent e ele vem até mim, em passadas largas pegando a minha mão e me guiando gentilmente ao piano.

Ele estava lindo, de tirar o fôlego e eu não consegui desgrudar meu olhar dele.

Depois ele parecia escolher outra música na sua faixa da *playlist*. Encaixou então seu celular em um aparelho e a música do celular invadiu as caixas de som ao redor.

A música que chegou aos meus ouvidos era uma música atual, também tocada em piano e acompanhada em um violino. *All of me*. Era uma outra linda escolha de música. Estava distraída, escutando-a quando senti Vince me

puxar para si fazendo nossos corpos se chocarem.

Ele sorriu em meio ao meu arfar surpreso. Emiti um gemido que não sabia se era de puro prazer ou susto. Sem delongas, ele levou sua mão para a base da minha coluna em um meio abraço e com a outra mão pegou a minha e começou a dar alguns passos lentos.

Maravilhada, eu me deixei guiar ao som da música, engolindo nervosamente e ao mesmo tempo, sentindo-me em êxtase.

O cheiro de Vincent era almiscarado e excitante, e ele me guiava como um príncipe guiaria uma princesa aos céus.

Eu me sentia aprisionada por seus olhos e pelo toque suave e possessivo de sua mão perto do meu traseiro. Sentia uma excitação nova, única, como jamais tinha ousado sentir antes.

O modo como Vince mexia comigo ali era inexplicável, a forma como me sentia bem desde que vi seus olhos azuis me fitando naquele banco de praça, mesmo que estivesse com uma fantasia...

Ele se aproximava cada vez mais, perigosamente, nossos corpos se movendo tão deliciosamente, e eu fitava seu lindo queixo tentando fugir um pouco do impacto da força de seus olhos nos meus.

— Você é tão romântico... — comentei suspirando, sentindo-me ainda mais perdida em um sonho em que não queria acordar.

— Na verdade, não. Mas acho que você inspira o melhor em mim — disse enquanto abaixava a cabeça e encostava a sua testa na minha.

Permiti-me ficar ali, dançando ao seu lado, sentindo sua proximidade quente, sua masculinidade, seu vigor, seu cheiro... Sua beleza me embriagando.

Aliás, eu sentia que precisava de uma boa dose de bebida para aguentar o resto da noite e não desmaiar de emoção.

Quem sabe eu me tornasse menos tímida, mais alegre e aproveitasse melhor aquele momento ao lado daquele homem incrível.

Continuei extasiada escutando o som da música, nos braços firmes e musculosos de Vince, como se cada tom tocado entrasse em minhas veias. Como se meu sangue parecesse seguir o mesmo ritmo da música, assim como a minha respiração.

Eu me senti dele naquele momento, feita para ele, sob medida...

Por fim ele murmurou lentamente em meu ouvido...

— Você é tão linda, tão doce... Ter você em meus braços é um sonho, Bonnie...

Arquejei e me senti arrepiar com seu elogio.

Afastei então um pouco a cabeça para olhá-lo, profundamente tocada por suas palavras. Pareciam tão verdadeiras, tão intensas...

— Sempre esperei ter sobre mim olhos lindos como os seus, com esse verde cinzento tão vivo.

Sentia minhas pupilas se adensarem de desejo e franca admiração, e falei algo que me veio do fundo do meu ser, porque era verdade.

— Sempre sonhei em ver olhos como os seus sobre mim, Vince....

Ele então se aproximou lentamente do meu rosto, abaixando sua loira cabeça... Fechei meus olhos e entreabri os lábios, como se fosse receber um beijo, sentindo meus dedos tremularem com a emoção da expectativa, quando ouvimos alguém pigarrear.

Acordei quase de um transe e vi que Ricky estava lá, parado, e havia com ele um garçom carregando um balde de prata com gelo e um espumante.

Vince e eu nos afastamos um do outro, um pouco sem jeito, e pousei minhas mãos cruzadas em meu colo.

— Bem, senhores, aliás, pombinhos. — Ele sorriu e lançou um olhar cúmplice para Vincent. — Sinto interrompê-los, mas tinha que trazer para o casal algo para beber antes de sair o jantar. Vai demorar só mais um pouquinho.

Olhei mesmerizada para o balde, enquanto Vince me largava com suavidade, e percebi que ele parecia bem irritado, mas eu e ele agradecemos com delicadeza.

Já eu, sentia-me profundamente envergonhada. A bebida cairia bem. Muito bem.

Vicent e eu nos sentamos em uma das mesas e ele começou a me servir um champanhe delicioso, que eu sorvia em longos e apressados goles enquanto falava amenidades com ele e me deixava levar pela sensação borbulhante do champanhe.

Vince me fazia rir contando histórias muito divertidas sobre como aprendera a tocar, que sonhava em ter uma banda quando menino, e eu contei a ele um pouco sobre meu amor a quadros.

Não quis contar a ele sobre minha profissão, e nossa conversa estava animada demais pela bebida e as músicas que tocavam ainda no seu celular.

Ele tinha excelente gosto musical e a leve conversa se concentrou sobre isso, mas eu me concentrava em outras coisas, enquanto o champanhe fazia efeito e me deixava me sentindo nas nuvens.

Apesar da bebedeira eu focava meu olhar em seu pescoço sexy, na abertura da camisa, em seus punhos grossos, seu olhar estreitado e quase lascivo, seus lábios sensuais... Tudo era estimulante. A música, a bebida, e Vince...

Tomava cada vez mais champanhe. Era doce e gostoso, e bebericava maravilhada enquanto ouvia Vince falar um pouco sobre a arquitetura do hotel em que trabalhava, assim como de arquitetura clássica e moderna.

Eu entendia razoavelmente bem do assunto e me deixei empolgar falando sobre meus arquitetos favoritos, e quando mal percebi, já estávamos terminando a segunda garrafa de champanhe.

E eu estava cada vez mais fascinada por seu arco do cupido enquanto ele falava. Queria tocar seus cabelos macios, lambe seus lábios divinos, arranhar suas costas largas, beijar seu pescoço... Será que era a bebida me dando coragem?

Ele era tão perfeito... À medida que bebia, já não sabia se era ou não real. Só sabia que era tudo maravilhoso e muito mais do eu merecia.

Só podia ser milagre natalino, pensei, já zonza e querendo me sentar no colo daquele homem e sentir ele me penetrando enquanto eu pulava nele naquela cadeira.

Quando a comida chegou, já estava um pouco tarde e a verdade é que eu, tão mal-acostumada com bebida, quando iniciamos a terceira garrafa de champanhe, já estava embriagada.

Ricky trouxera, para meu sofrimento, lagosta *belle meunière* e um risoto que comi com gosto, mas não conseguia tocar na lagosta.

Eu não fazia menor ideia de como comer aquilo, constatei, triste,

olhando os talheres para quebrar lagosta.

Arrastei meu olhar suplicante e sofrido para Vincent, que parecendo entender meu sofrimento, acatou quando eu pedi se não seria possível trazer algo simples, como um cachorro quente para mim, mesmo assim agradecendo a delicadeza e generosidade do preparo.

Implorei para que ele não me considerasse ingrata. É que eu não queria passar vergonha com a lagosta.

Aquilo era terrível! Eu iria ficar cheirando a lagosta o resto da noite, e acreditava que lagostas não seriam nada atraentes. E eu queria que Vincent continuasse atraído por mim.

Vince ria, divertido, de minha cara de medrosa.

— Não precisa ter medo de lagosta, minha querida! Ela é muito menor que você!

— Mas tem uma carapaça impenetrável! Parece um ET! — brinquei, dentro da minha bebedeira.

Quando eles trouxeram para mim um delicioso cachorro quente, eu me sentia muito melhor, embora uma imensa tontura me tomasse. Mesmo assim, comi o cachorro quente com toda fome do mundo, e Vince parecia feliz de me ver comer, enquanto ele se servia, como um gentleman, refinadamente da lagosta, manejando com experiência os talheres apropriados. E a verdade é que me senti inexplicavelmente excitada vê-lo destroçar tão bem aquele fruto do mar.

Só podia ser a bebida.

Tomei então os últimos goles de champanhe para me sentir relaxada. Olhar Vince me dava um estranho fogo interior que eu queria apagar com a

bebida. Ou simplesmente me deixar me queimar com ele.

Vince, parecendo um pouco preocupado, ou quem sabe simplesmente apenas mal-intencionado, resolveu então me levar para tomar ar fresco, mas eu não estava nem entendendo direito o que ele me oferecia.

Eu já estava bem alta quando ele murmurava docemente na mesa, tocando minha mão.

— Venha, querida, vamos lá... Você vai gostar. Poderá respirar melhor, sentir-se melhor... Vai ficar tudo bem. Estará comigo.

Embora eu já estivesse um pouco menos bêbada que antes.

— Quero ficar com você — falei, suspirante, deixando-me guiar por sua voz feiticeira, profundamente tentada a me colar nele para sempre.

— Eu também, Bonnie, quero ficar com você... — ele disse, levantando-me ainda segurando minha mão, num convite para segui-lo.

— Não vai atrapalhar? — indaguei, dentro da minha bebedeira, seguindo seus passos, sentindo-me já extremamente mexida por ele, por sua presença tão forte e excitante.

— Não, as coisas nunca estiveram tão certas, querida... E elas só ficarão cada vez melhores — ele me respondeu, guiando-me lentamente com as mãos em minhas costas para o elevador.

Iriamos para o terraço. E eu não fazia muita distinção do que ocorreria, mas só sabia de uma coisa: queria estar com Vince. E que aquela noite não acabasse nunca.



Música: George Michael - Heal the Pain

VINCE • Vincent Blackwell

O ar fresco do terraço me fez suspirar reconfortado. Sentia-me feliz, dentro de uma aura de paz e contentamento tão grande que parecia que meu peito iria explodir a qualquer momento, afinal, naquela noite estava com ela e Bonnie era mais encantadora do que eu um dia pensei que seria. Claro, imaginei muitas vezes quão bonita e atraente a menina se tornaria e embora não tivesse provas concretas, sabia que era ela.

Não conseguia tirar meus olhos de cada passo que ela dava e, enquanto segurava o meu braço, Bonnie observava tudo à sua volta com notável

admiração, prestando atenção nas luzes da cidade, que faziam seus olhos brilharem lindamente. Sua beleza misturava-se ao clima fresco e a decoração resplandecente do natal.

Ela sorria maravilhada, como uma criança que acabara de ganhar um presente. Vez e outra eu a pegava fitando-me com a mesma fascinação com que eu a olhava, envaidecendo-me e preenchendo o meu peito de contentamento por me dar a certeza de que o mesmo sentimento que me atingia, também a tocava. Ela era diferente de tudo o que eu já havia conhecido, nada se parecia com as mulheres ocasionais que tive durante a vida, e que me pareciam muito apegadas a futilidades. Bonnie gostava de coisas simples, palavras bonitas e uma boa companhia. Ela era doce, minha doce menina.

O terraço tinha ligação direta com a suíte principal e quando nos aproximamos da porta de vidro, ela pareceu enfim dar-se conta de que não poderia ter confiado e se deixado levar demais. Pude perceber seu receio com facilidade, mas sorri quando ela me encarou com uma dúvida evidente no olhar. Imaginei que estivesse se perguntando como poderíamos ter acesso a um lugar como aquele. Eu sabia que deveria revelar a ela os meus motivos, mas não o faria naquele momento. No entanto, enquanto perdia-me em devaneios, seus olhos brilharam mais e olhando para os lados, ela soltou o meu braço e tocou a grande árvore de natal com a decoração coberta de neve próxima à porta. Talvez tivesse decidido que não deveria pensar muito sobre o assunto e suspirei aliviado.

— Eu acho que... estou sonhando... — disse maravilhada. — Eu estou sonhando, Vince?

A sua sinceridade me encantava e aproximei-me novamente. Em silêncio, toquei sua mão com delicadeza e a coloquei em cima do meu ombro.

Eu tinha um olhar somente para cada detalhe de Bonnie, e, em um meio sorriso continuei acariciando a pele fria dos seus dedos a fim de esquentá-los por mais alguns breves segundos. E então senti algo particularmente interessante: os pelos claros e quase invisíveis da sua mão se arrepiarem com o meu toque.

Bonnie tremia um pouco, mas sorria também. Seu olhar ergueu-se, e quando encontrou o meu, seu sorriso desvaneceu por poucos segundos, antes de tornar-se ainda mais bonito, juntamente com as faces coradas. Aquele sorriso me roubava o ar.

O olhar verde cinzento, rodeado de cílios espessos e curvados eram como espelhos que me faziam voltar no passado e relembrar que o tempo não parava e o quanto ele poderia ser cruel às vezes. Pensar naquele dia frio de véspera de natal, ainda me apertava o peito, mas era a melhor recordação que eu poderia ter do dia em que tudo mudou. E aquela recordação que sempre carreguei comigo, estava envolvida dentro dos meus braços agora, com o sorriso tão brilhante quanto as luzes do Natal.

— Estou sonhando, não é? — ela tornou a perguntar.

— Não, querida. Isso é real. Muito real, acredite em mim — respondi ao ver que ela ainda aguardava a minha resposta.

Suspirei lentamente e coleí as nossas testas. Nossos olhares se encontraram, tão perto, tão conectados que parecia irreal. Bonnie exalava doçura, seus cabelos longos e macios tinham cheiro de mel e balas de alcaçuz, eu podia sentir dali.

Balas de alcaçuz, depois que a conheci, jamais teriam o mesmo significado novamente. Nenhum sorriso poderia ser mais bonito do que aquele ou boca mais tentadora que a dela. Sua doçura me tentava a querer

devorá-la.

Desci meus lábios para a sua bochecha e ela suspirou. Sorriu tímida e afastou-se um pouco dando alguns passos cambaleantes, fitando meu rosto. Sorri e mordi meu lábio inferior enquanto a observava.

—Tentando se aproveitar do meu estado? — perguntou sorridente. As bochechas um pouco avermelhadas por causa do teor de álcool que havia consumido. — Saiba que é um safado, Vincent.

Conforme meu sorriso se ampliava, dei um passo em sua direção e estendi a minha mão para ela, voltando a segurá-la mais uma vez. Bonnie me olhava como se eu fosse um terrível lobo esfomeado e talvez ela não estivesse tão errada assim. Não consegui me segurar e gargalhei.

— Isso nunca se passou pela minha cabeça — respondi, trazendo-a para mais perto. — Jamais me aproveitaria de você, Bonnie. Não percebe? — Meus dedos procuraram a maciez do seu rosto e acariciei a pele suave como pluma. Sei que em meus pensamentos, de fato eu parecia e estava faminto, mas ela era o meu doce anjo, nunca faria qualquer coisa para magoá-la. Só sabia que havia passado tanto tempo sonhando, procurando-a, desejando encontrá-la que eu mal poderia acreditar que ela estava ali diante de mim.

— Que pena... — sussurrou ousadamente, levada pelo consumo do álcool, arrancando-me outro sorriso.

Aquele sorriso e a sua sinceridade me fascinavam cada vez mais. Meu olhar se perdia na delicadeza da sua face, gravando cada detalhe seu minuciosamente na minha cabeça.

Em um momento ela era tímida e doce, em outro nem se quer conseguia esconder o que desejava em seu íntimo. Eu estava encantado em cada passo que ela dava ou palavra que proferia. Sua respiração pesou e

mudei o timbre da minha voz, abaixando-o e o som rouco a fez olhar para mim em expectativa.

— Irei entender isso como um convite, Bonnie — falei e desci a mão até o seu ombro. Os olhinhos brilhantes se iluminaram e ela passou a língua pelos lábios em um movimento involuntário que despertou mil correntes nervosas no meu corpo. Eu a estava desejando desesperadamente.

Observei o movimento da sua garganta engolindo a saliva, quando fitei sua boca e depois subi o olhar para seus olhos.

Inclinei o meu corpo lentamente até estar tão perto do seu rosto, que pude sentir o hálito quente misturado ao aroma refrescante e doce do champanhe que tomamos no jantar. E então, sem esperar mais um segundo, encostei meus lábios nos seus, beijando-a suavemente, tendo a certeza de que ela também queria aquilo.

Bonnie ofegou com o choque dos meus lábios contra o seus. Suas mãos pairaram no ar, perdidas por alguns instantes, mas foram certeiras nos fios dos meus cabelos, segurando-os de leve, puxando uma mecha e outra.

Pressionei minha língua entre os lábios e a instiguei. Bonnie abriu a boca, dando-me a passagem que eu precisava para apreciar o seu gosto e mergulhei a língua dura no seu interior, entrelaçando a sua, sugando-a para dentro da minha boca até ouvi-la reclamar com um gemido.

— Você é tão doce. — sussurrei e desci minha mão um pouco mais.

Acaricieei sua coluna vertebral com delicadeza, sentindo as formas do seu corpo em minha mão e não consegui evitar um suspiro. Ela era perfeita, cada pedacinho que eu tocava me dizia isso, e enlouquecia-me de forma desesperadora.

— Vince... — gemeu quando mordisquei o lábio inferior e puxei.

Eu sentia seu corpo aquecendo dentro do meu abraço, as mãos macias começavam a queimar a pele do meu pescoço, tornando-se febris. Cavei sua cintura e desci um pouco mais, até finalmente alcançar a curva que ligava as protuberâncias macias do seu traseiro às costas.

— Bonnie... querida... se continuarmos não conseguirei mais parar...
— falei arfante, quase que implorando por uma permissão.

— Não pare... eu não quero que pare — confessou em um sussurro.

O choque das suas palavras causou uma onda de excitação incontrolável por todo o meu corpo. Senti meu pênis se enrijecendo mais, tornando-se tão firme quanto uma barra de aço maciça, implorando para desvendar os segredos mais doces e profundos que ela escondia entre as pernas.

Fitando-a nos olhos, acariciei o queixo pequeno uma última vez, antes de voltar a tomar os seus lábios em um beijo ardente e possessivo, repleto de paixão e os anseios que carreguei comigo por tantos anos.

Senti meu coração palpitar mais forte quando Bonnie deslizou as mãos levemente pelo meu pescoço e suas unhas arranharam minha pele. Ofeguei ao mesmo tempo em que usei a pressão das minhas mãos para esmagar o seu corpo contra o meu. Eu queria mais dela, nenhum beijo ou ofego era suficiente para satisfazer a explosão de desejo que vinha se desencadeando no meu corpo.

Enroscados um no outro, cambaleamos para dentro da suíte, deparando-nos com móveis em nossa frente, derrubando algumas coisas no chão.

O contraste do vento frio com o calor do aquecedor, fez-me suspirar aliviado e o mesmo pareceu acontecer com ela.

Coloquei uma das minhas mãos na parede para nos equilibrarmos e a segurei bruscamente pela cintura, trazendo-a para o meu peito quando Bonnie tropeçou nas pernas e perdeu o equilíbrio, quase caindo no chão.

Arfante, ela afastou-se, levantou o rosto e me fitou. As faces levemente ruborizadas, os olhos mais vivos do que nunca.

Bonnie sorriu e seu sorriso transformou-se em uma risada tão deliciosa que meu corpo inteiro se perdeu em um arrepio.

— Eu acho que... meu Deus... — Escondeu o rosto entre as mãos, abafando o sorriso e continuou. — Acho que preciso de mais uma taça de champanhe, Vince. Creio que eu ainda esteja sonhando e... O champanhe me deixará mais calma. — Suspirou.

Assenti e caminhei até o criado mudo, pegando o telefone. Liguei na recepção do hotel e pedi que trouxessem uma garrafa para a suíte do terraço.

Bonnie fitava-me com curiosidade, como se estivesse maravilhada e confusa ao mesmo tempo. Caminhei na sua direção, tendo seu olhar curioso focado na abertura da minha camisa. Arfei, querendo-a mais. Necessitado do seu toque, seu cheiro. Da textura dos cabelos macios, presos em minhas mãos.

Eu quase podia senti-la debaixo do mim, recebendo as minhas carícias, esfregando o corpo suado e nu contra o meu, contraindo-se quando eu a possuísse com a paixão avassaladora que me dominava. Quase podia sentir o arranhar das suas unhas nas minhas costas e os gemidos alucinados de prazer que escapariam da sua boca.

Quando voltei a enlaçar a sua cintura, Bonnie fechou os olhos e procurou o aconchego dos meus lábios sem rodeios e receios. Senti suas mãos acariciando o meu pescoço e então, a mão delicada e macia passou a apalpar as linhas do meu peito, explorando essa região com os mínimos detalhes, fazendo meus músculos se contraírem com o choque magnético que sua pele causava em mim.

— Querida... — sussurrei inebriado com aquela doce carícia e deslizei minha mão até a curva do seu seio. Apalpei a ondulação pequena, por cima do grosso suéter, cobrindo-o todo com a minha mão e apertei. Bonnie gemeu, largando os meus lábios e enterrou o rosto no meu pescoço, ofegante.

Toquei o cachecol cinza que ela usava e, lentamente, retirei-o do seu pescoço, deixando o tecido aveludado cair no chão.

Dei o mesmo destino ao gorro macio que protegia a sua cabeça e finalmente pude afastar o meu corpo um pouco e abri os olhos para apreciar a beleza que era vê-la com os cabelos desprotegidos. Não sei se poderia ser possível, mas ela estava ainda mais bela do que alguns segundos atrás.

Segurando seu rosto com as duas mãos, pude trazer os lábios macios e úmidos para os meus. Penetrei minha língua na sua boca mais uma vez e descí a mão até os botões do seu suéter. Comecei a descascar botão por botão até finalmente abri-lo e poder sentir o calor delicioso que emanava do seu corpo.

Encostei-a na parede, grudando os nossos corpos, quase que nos fundindo um no outro.

Ela gemeu, grunhiu e se contorceu nos meus braços, entorpecida pelo beijo ardente que nos queimava. Naquele momento eu já não era dono de mim e, Bonnie parecia flutuar no ar. Não tinha mais volta, nem

arrependimentos futuros. Nós nos queríamos desesperadamente.

Quando o champanhe chegou, precisei usar toda a minha força de vontade para me afastar e buscar a garrafa das mãos do garçom. Dispensei-o e retornei para o quarto, onde Bonnie me aguardava ofegante e com os olhos acesos.

— O seu pedido, senhorita! — falei sorridente, enquanto enchia duas taças com o líquido borbulhante.

Coloquei a garrafa em cima do suporte prateado e me dirigi até ela, entregando a taça em suas mãos.

— Obrigada... — respondeu sorrindo, pegou a taça e deu um passo na minha direção.

Meus olhos brilharam quando a doce menina levou a taça à boca e tomou um pequeno gole. Algumas gotas escorreram por seus lábios e ela os lambeu. Dando um passo para à frente, Bonnie aproximou-se mais, porém acabou tropeçando novamente fazendo com que o líquido da taça se derramasse sobre a blusa branca que ela usava debaixo do suéter.

Soltando um gritinho assustado ela parou e olhou para a mancha amarelada que se destacava em meio ao tecido claro.

— Oh meu Deus. Como sou desastrada... — Peguei a taça da sua mão, preocupado, afinal nevava lá fora e o champanhe estava gelado. Coloquei o cristal rapidamente ao lado da garrafa e quando me virei para Bonnie, prendi o ar ao ver que ela retirava a blusa molhada, ficando apenas com um sutiã rendado e sexy. Tão sexy que senti minha garganta ficar seca.

— Está frio... — comentou abraçando o corpo para se aquecer e levantou o olhar para o meu rosto. — Tenho a impressão de que você e todos

os móveis deste quarto estão rodando à minha volta. — Pude ver a sombra de outro sorriso surgir em seus lábios e me apressei em segurá-la.

— Eu irei cuidar de você... — disse e acariciei o seu cabelo, fazendo Bonnie encostar o rosto no meu peito. Toquei suas costas nuas e desci minha boca até o lóbulo da sua orelha. — Mas antes, preciso aquecê-la.

Ela suspirou e assentiu, como se pressentindo o que eu tinha em mente. Busquei seu olhar hipnotizante e encontrei neles a minha certeza.

Em silêncio, ergui Bonnie em meus braços, fazendo-a se segurar em meu pescoço e caminhei com ela na direção da suíte. Ao entrar, coloquei-a no chão do meu lado e tratei de encher a banheira com a água morna e convidativa. Enquanto o líquido transparente se derramava, voltei a minha atenção para ela e, em silêncio, retirei o sutiã que sustentava os pequenos e delicados seios.

— A água quente irá te aquecer — sussurrei e desci meu olhar pela pele clara. Os lindos seios tinham os bicos rosados e intumescidos que cabiam perfeitamente dentro da minha mão.

Minha excitação cresceu, ficando visível sob a calça que eu usava. Meu corpo a queria tanto que o desejo se misturava a dor.

Bonnie respirava profundamente, fazendo o peito subir e descer enquanto me fitava a todo momento. Umedeceu os lábios e levou a pequena mão até a calça, abrindo lentamente os botões e descendo o zíper.

Com o olhar grudado no meu, Bonnie ficou completamente nua. Engoli a saliva com dificuldade e suspirei. Naquele momento era eu que me perguntava se realmente não estava sonhando, se ela era real ou apenas uma miragem de tudo o que desejei encontrar.

Com a mandíbula cerrada, gemi baixinho e vasculhei o seu corpo minuciosamente. Deliciei-me com as curvas delicadas do corpo pequeno e esguio, perdi-me no triângulo do seu sexo, coberto por uma fina camada de pelinhos dourados. Estava em ânsia de tocá-la e amá-la como nunca havia feito antes.

Retirei minha camisa e a joguei em cima do amontoado de roupas no chão. Dei a mesma atenção à calça e a cueca que cobria o meu corpo. Em seguida, segurei sua mão e entrei com ela dentro da banheira quase cheia de água.

Bonnie mergulhou-se na água quente, cobrindo-se até a altura dos seios e eu a segurei por trás na cintura. Senti o estremecer do seu corpo quando a coloquei de joelhos e com o auxílio das minhas mãos, e a fiz abrir um pouco as pernas, dando espaço para as minhas carícias.

Meu pênis a cutucava por trás, desesperado para encontrar a cavidade da sua boceta e mergulhar dentro dela. Eu ofegava, gemia dolorosamente.

— Tem ideia do quanto eu quero e sonhei com isso, meu anjo? — perguntei em um murmúrio, enquanto as pontas dos meus dedos começavam a explorar cada pedacinho de pele na região entre as suas coxas.

— Oh, Vince... — Com um murmúrio dolorido, ela jogou a cabeça para trás e se entregou às minhas carícias.

Cavei com meus dedos por entre os ralos pelinhos e toquei os grandes lábios da sua feminilidade. Abri-os devagar e penetrei um dedo no seu canal. Grunhi. Ela era quente, tão apertada, melada e receptiva que precisei me segurar para não a possuir ali sem nenhum preliminar.

Com a outra mão, passei por sua barriga e alcancei um seio, apertei-o e belisquei o biquinho devagar, sentindo o pedacinho de carne endurecer

entre os meus dedos.

— Humm — gemeu. Os sons prazerosos que ela deixava escapar me instigavam mais.

— Gosta assim, meu anjo? — Mordi o seu ombro e movimenteí o dedo dentro da vagina pequena, deslizando um outro no clitóris.

— Sim... — respondeu arfante. A voz saiu em um sussurro.

— Olhe para mim, Bon. — Pedi, sentindo que eu não suportaria permanecer daquela forma por mais muito tempo e retirei o dedo da bocetinha melada.

Obedecendo ao meu pedido, ela virou-se e eu devorei sua boca com um beijo ardente, em seguida, descí os meus lábios para os seios empinados e abocanhei o mamilo, chupando um, depois o outro, faminto.

— Vince... como é bom... isso é tão bom.

Lambi e chupei os seios macios, degustando-os como uma fruta suculenta. Quando não mais suportei, virei Bonnie de costas para mim e a coloquei na posição anterior, de joelhos, quase sentada em cima do meu pau.

Deslizei meu pênis por entre as suas coxas e a ouvir gemer quando a cabeça redonda e grossa esmagou o clitóris. Repeti o mesmo movimento algumas vezes enlouquecido por mais atrito.

Suspirei e fechei os meus olhos buscando controle. Eu não me reconhecia mais, estava perdendo a sanidade. Tudo por causa daquele doce e pequeno anjo.

Ela estava pronta, entregue, gemia e remexia os quadris querendo mais contato, desejando ser possuída. Mas eu não a faria minha ali, não daquela forma. Bonnie merecia mais. Ela merecia o melhor que eu tinha para

oferecer. Mordi seu pescoço e chupei a pele cheirosa, fazendo-a se arrepiar e usando todo o meu autocontrole me afastei.

— Irei te dar tudo o que você quer e deseja, minha menina...— sussurrei —, mas, antes, iremos terminar este banho e nos secar. Temos uma longa e deliciosa noite para aproveitar cada segundo.



Música: Mario e Zendaya - Let me Love you

BONNIE BROOKE

Se aquilo era real ou um sonho eu já não podia ter certeza. A verdade é que todas as sensações que despertavam em meu corpo eram surreais. E foi nisso que me apeguei quando senti os dedos dele me explorando, tocando a cavidade entre as minhas coxas, a língua quente lambendo o bico dos meus seios. Eu estava sonhando, e a parte boa era que em um sonho eu poderia fazer qualquer coisa que quisesse, e eu queria o Vince. Queria ter tudo dele, sua entrega, seus beijos, suas carícias. Queria ter ele dentro de mim.

Com cuidado, senti o corpo dele se mover e então Vince se ergueu da

banheira. Suas mãos grandes me ajudaram a levantar também e me firmei no seu peito quente e acolhedor.

— Por favor, me beije — pedi, sabendo que naquele sonho eu poderia ter tudo o que queria e sentir a boca de Vince já havia se transformado em uma necessidade. — Me faça sua...

— Você já é minha, meu anjo. Sempre foi — ele disse, acariciando as minhas costas.

Senti seus lábios se juntarem aos meus por breves segundos, até ele se afastar, deixando o meu corpo em ânsia de senti-lo de novo. Vi-o abrir algumas gavetas nos armários e retirar algumas toalhas brancas que aparentavam ser macias.

Após se secar um pouco, ele se voltou para mim, envolvendo os meus ombros com o tecido gostoso e me ergueu novamente em seus braços. Fui colocada de costas em uma cama grande, forrada com tecidos brancos e travesseiros macios. Definitivamente era o paraíso.

Quando ele me abraçou, ficando em cima do meu corpo, suspirei e passei minhas mãos por suas costas. Vince lambeu o meu pescoço, mordiscou a minha orelha e continuou distribuindo beijos pelo meu rosto até finalmente alcançar a minha boca.

Antes de fechar os olhos para apreciar toda a magia daquele momento, ainda pude olhar pela janela e ver a neve que caía lá fora como minúsculos flocos brancos, pintando as casas e as ruas, trazendo amor e esperança com o espírito do natal.

Nosso beijo se prolongou, lânguido, quente, faminto. Toda a extensão do seu corpo nu caiu sobre o meu, apertando-me, e nos fundindo.

Senti o pênis inchado pressionando a minha coxa. Sorri impressionada, nem nos meus melhores delírios imaginei algo como o dele. Era grosso, viril, a cabeça inchada e rosada... lindo. E eu o queria. Queria sentir em minhas mãos, apreciar a sensação de tocá-lo antes que eu despertasse e, então foi o que fiz.

Abrindo um pouco mais as minhas pernas, enfiei uma mão entre as minhas coxas e segurei aquele membro que melava a minha pele com sua excitação. Nós dois gememos quando senti um espasmo na minha mão. A voz de Vince saiu rouca, sussurrada, quase inaudível.

— Bonnie, minha linda. O que está fazendo? — perguntou ofegante e largou os meus lábios. Passou a me olhar de forma penetrante, apaixonada, luxuriosa. Os lábios cerrados — Não vou suportar mais... eu preciso estar dentro de você.

Minha voz falhou e eu não consegui responder quando ele serpenteou uma mão até o meu sexo e o abriu, tocando o meu nervo sensível. Precisei me esforçar para não soltar um grito de prazer.

— Vince... — Soltei o pênis dele, trêmula. Aquele sonho era tão real que estava me deixando atordoada. — Vince! — gemi.

Seus lábios passaram a beijar a minha barriga e foram descendo, lentamente, saboreando e chupando a minha pele, fazendo-me queimar de anseios e desejos.

Arfante, ergui a minha cabeça e senti meu sexo palpitar fortemente quando o vi abrir as minhas pernas e enfiar a cabeça entre elas. Movi-me atordoada, confusa e desejosa ao mesmo tempo, enquanto tentava fechar as minhas pernas para impedir aquela carícia tão íntima e desconhecida por mim, mas falhei miseravelmente.

— Ai! — gritei e me contorci quando senti a língua dura e morna invadir a entrada da minha vagina e subir, abrindo espaço entre os pequenos lábios que envolviam o meu clitóris até alcançar o feixe de nervos vermelho e inchado. — Vincent... hummm.

Abri a minha boca, alucinada, com um grito preso na garganta enquanto procurava os fios do seu cabelo. Meu corpo inteiro estremeceu.

— Isso é.. tão bom. — sussurrei e permiti que a minha cabeça se acomodasse nos travesseiros.

Ele lambeu o clitóris e logo depois senti a pressão de um dedo me invadindo. Choringuei e soltei os seus cabelos, segurando os lençóis da cama com força. Céus, o que era aquilo? Como era delicioso sentir a língua dele ali.

Senti a umidade da sua boca sugando as minhas dobras, abrindo e lambendo o meu sexo, tomando todo o líquido que eu liberava. Arfei quando meu corpo tremeu. Não consegui segurar um alto gemido e trinquei os dentes, fechando os olhos.

— Vince... — gemi o nome dele enquanto impulsionava o meu quadril para o seu rosto, querendo mais. Eu precisava de mais, algo que me transbordasse, me enlouquecesse, mas ainda não sabia o que era. — Por favor eu preciso de você... dentro de mim.

Quando ele me abriu toda e enfiou a língua quase que completamente dentro da minha vagina, senti que iria explodir a qualquer momento e uma onda de espasmos começou a se formar no meu ventre.

Minhas pernas tremeram, meu ventre contraiu-se e eu impulsionei o corpo gritando e arranhando o colchão.

— Ohh! O que... — Tentei dizer algo enquanto tentava debater as pernas. Mas Vince segurou-me fortemente contra o colchão e as ondas do prazer me atingiram com força, devastando o meu corpo e me deixando a beira de um precipício. Eu estava tendo... um orgasmo. O meu primeiro orgasmo.

Quando as contrações diminuíram, ele lambeu o clitóris uma última vez e subiu em cima de mim. Trêmula, abri os olhos e fitei o seu rosto, deparando-me com a expressão excitada olhos escuros de prazer.

— Você é ainda mais deliciosa que nos meus sonhos, Bon. — Acomodou-se entre as minhas pernas e enterrou o rosto no meu pescoço — Seu gosto, seu cheiro estão me enlouquecendo querida, irei entrar em você agora. Abra-se mais para mim.

Como se guiada por uma sedutora melodia, fiz o que ele pediu e abri mais as minhas pernas, sentindo-me molhada, dando o espaço que Vince precisava. Eu estava mais que pronta para recebê-lo.

Senti a pressão da cabeça inchada na minha entrada e ofeguei. Foi então que me lembrei do Max e seu pinto minúsculo. Mas logo esse nome foi esquecido nos confins da minha mente quando Vince impulsionou o membro para dentro do meu corpo e eu gritei, cravando as unhas nas suas costas. Céus, era o Vince. E o pênis dele era enorme.

— Menina... — Ele gemeu enlouquecido e buscou a minha boca — Como é apertada Bon...

— Vince... Ai... Está doendo... — reclamei em um sussurro, sem conseguir acreditar que era possível sentir todas essas coisas até mesmo nos sonhos.

— Tente relaxar, Bon... — disse, passando o polegar entre as minhas

pernas. — Está melhor assim?

Assenti com um aceno de cabeça, ficando mais relaxada e soltei o ar que prendia. Vince acariciou o meu queixo levemente, beijou os meus lábios com ternura e afastou o quadril, retirando o pênis quase todo do meu corpo.

Senti meu sexo sendo alargado quando ele voltou a me penetrar. Envolvi-o todo, choraminguei e mordi os meus próprios lábios. Estava envolvida, entregue. Quanto mais ele me dava, mais eu queria.

Vince segurou as minhas nádegas e ergueu os meus quadris ao seu encontro, passando a me penetrar em um ritmo lento de início e depois acelerado.

Nossos gemidos misturaram-se ao barulho dos nossos corpos lambuzados de prazer, nossas respirações ofegantes, o cheiro de sexo tomando o ar.

Quando ele girou o quadril, fazendo o membro grosso massagear todos os nervos dentro de mim, gemi alto e mordisquei o seu ombro.

— Ah Vince... Eu acho que... está vindo de novo... — grunhi.

Comecei a me debater novamente sem rumo, desnorteada. Ergui os meus quadris buscando mais, choramingando enquanto cravava minhas unhas nas suas costas.

— Goze para mim, querida. Me dê tudo. — pediu e segurou o meu rosto, fazendo com que eu o encarasse.

Revirei os olhos sendo tomada pelas ondas do orgasmo e estremeci, sentindo as paredes do meu sexo se contraindo em volta do seu pênis.

Vince sorriu contra os meus lábios e gemeu, voltando a estocar constantemente, com mais força.

— Você é... maravilhosa... meu anjo... — sussurrou e estocou uma última vez, vibrando e gemendo em cima de mim.

Quando nossas respirações normalizaram, Vince rolou para o lado da cama e me levou para os seus braços, aconchegando o meu rosto no calor do seu peito.

— Acho que nunca tive um sonho tão bom, em toda a minha vida — sussurrei em sua pele.

Minhas pálpebras pesaram e eu resfoleguei, cansada. Mas antes que pudesse ser envolvida pelo sono, ainda ouvi a sua voz rouca e sussurrada dele em meu ouvido, seguida de um sorriso.

— Durma meu amor. Descanse.



Música: Goo Goo - Dolls Iris

BONNIE BROOKE

Abri os olhos lentamente e voltei a fechá-los quando senti a forte dor na minha cabeça. Pisquei minhas pálpebras, sentindo-me confusa e zozna. Céus! Céus! Coloquei uma mão na testa e me forcei a abrir os olhos novamente. A luz fraca que vinha da janela me fez soltar um gemido de dor, mas forcei-me a me mover para me sentar.

No entanto, ao tentar virar o corpo, dei-me conta da presença de alguém nas minhas costas. Percebi isso pelo calor que eu sentia naquela região e logo depois ouvi seu suspiro profundo. Congelei-me no mesmo local

em que me encontrava, enquanto tentava me recordar de tudo o que havia acontecido.

Lembrei de ter saído do trabalho tarde da noite e caminhei pelas ruas de Boston, admirando a neve que caía no chão. Estava tão bonito...E havia um papai Noel. Um Papai Noel que na verdade era um gostoso daqueles. Um papai Noel divertido e... o homem mais bonito que já tinha visto. Um papai Noel apaixonante... Um Papai Noel que me fazia suspirar encantada... E jantamos... E dançamos e.... Ele me beijou, e era o melhor beijo do mundo e...

Oh, Céus... Um turbilhão de lembranças invadia minha mente confusa e atordoada. Sentia meu corpo dolorido e delicioso ao mesmo tempo, como se tivesse sido beijado, sugado, penetrado... E a verdade é que ele fora... Por aquele homem incrível ressonando ao meu lado. Será?

Tremi inteira. De medo e de safadeza ao mesmo tempo com as lembranças. Mas será que haviam sido um sonho? Eu estava confusa. Vai ver eu ainda estava sonhando. Maldita dor de cabeça dos infernos.

Sonho, realidade? Oh, senhor... As sensações em meu corpo eram tão boas que só poderiam ser sonho.

Temerosa, afastei o lençol que cobria meu corpo, mas a friagem que me envolveu me fez olhar para baixo e foi então que percebi que eu estava completamente nua.

Será que não havia sido sonho mesmo?

Será que havia feito um monte de safadeza a noite inteira? Eu era uma louca descarada, pensei, horrorizada comigo mesma. Trêmula, voltei a me cobrir e virei-me devagar. O que vi me fez pôr a mão na boca para não soltar um gritinho assustado.

— Vince? — O sonho? Não havia sido um sonho... foi real.

Ele dormia profundamente, com a cabeça apoiada no travesseiro. Quase podia sentir a textura da sua pele clara e a maciez dos cabelos loiros. E pensar nisso, deixou-me ruborizada ao lembrar o que fizemos. Os lábios macios e avermelhados entre as minhas pernas enquanto eu gemia e puxava os fios dourados.

Complementarmente incrédula, em estado de choque e pra piorar, excitada como uma sem vergonha, pulei da cama e comecei a vasculhar o quarto na busca incessante pelas minhas roupas. Eu precisava sair dali o quanto antes. Antes que ele acordasse e eu tivesse que conversar com um homem que eu nunca tinha visto na vida, mas que havia passado a noite fazendo as maiores e deliciosas obscenidades possíveis. Como fui depravada...

Enquanto pegava a minha calça e o suéter no chão. Enquanto pegava a minha calça e o suéter no chão, virei-me na sua direção e senti um aperto estranho no peito.

Senti algo muito maior que a excitação que fazia vibrar meus poros. Senti tanta ternura e tanta dor... Dor de partida.

Ele não era um estranho. Ele era Vince, meu papai Noel querido que cantara para mim docemente, e me fizera sentir a lua, o céu e as estrelas enquanto havia dançado comigo. Mas ao mesmo tempo, eu entendia que aquilo deveria ter sido uma transa de natal qualquer, com aquele homem lindo.

Ele deveria ser um sedutor barato... Ou lindo daquele jeito, um sedutor muito caro.

E eu pagaria um preço muito caro por ter me sentido seduzida: o preço

de não conseguir esquecer.

Eu não sabia nada sobre essas coisas, transas eventuais...Mas foi mais forte que eu. Como resistir àquele homem tão lindo?

Analisei as formas do seu rosto com cuidado e fascinação, ao mesmo tempo em que tentava me recordar se eu já o conhecia de algum lugar.

Porque ali naquele momento, ele era lindo e puro como um menino... Lindos cílios dourados fechados grandes como leques sombreando seu rosto, uma boca rosada e aquele queixo largo. Tudo suavizado, tudo tão lindo... Não havia agressividade sexual, não naquele momento.

Senti que ele era o meu menino...

Esforcei-me um pouco, pensativa, mas nada veio a minha mente. Eu não poderia conhecê-lo. Eu deveria estar delirando, deveria ser efeito das várias taças de champanhe que tomei ontem quando... jantei com ele.

Não o conhecia claro, e agora teria de ir embora, e como isso doía... Como podíamos nos sentir assim apaixonados em apenas uma noite?

Meu coração parecia tomar conta do meu corpo, e senti vontade de chorar.

Suspirei derrotada, confusa. Não tinha coragem de enfrentar uma rejeição e um sonho esfacelado. Não sabia lidar com aquilo. Graças a Deus ele estava dormindo.

Peguei as minhas roupas e as vesti de qualquer jeito, tomando cuidado para não fazer barulho e acordá-lo.

Sentia-me tremer de tão nervosa, um nó se formando em meu estômago. Eu tinha que ficar calma e sair dali dignamente e trabalhar. Não queria que ele acordasse ao lado da bêbada louca da noite anterior com quem

ele fora tão paciente e doce...

Acho que não gostava dessas transas ocasionais... Na primeira vez, eu já estava apaixonada. Que droga de vida!

Talvez por isso eu tenha cedido: o que esse bandido lindo tinha para me deixar desse jeito?

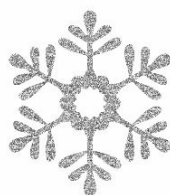
Como ia poder ver um Papai Noel agora sem pensar safadeza? Ou sem sentir saudade?

Ele estragou todos os natais, pensei, quase chorando, e o resto também...

Quando rumei na direção da porta, parei e voltei a olhá-lo relembrando tudo o que fizemos e conversarmos. Havia sido mágico, realmente um sonho. Mas naquele momento eu deveria ir, ou era isso que minha mente dizia para o meu subconsciente, mas algo em meu íntimo doía, pedia-me para ficar.

Oh, Deus...

Balancei a cabeça e neguei para mim mesma. Havia sido apenas uma conversa. Um jantar. E uma transa no primeiro encontro que para piorar a situação, eu estava completamente bêbada. Eu não o conhecia e o mais provável é que não o veria novamente. Dando razão a minha mente, baixei a cabeça, curvei os lábios em um sorriso e segui o meu caminho, disposta a continuar com a minha vida como sempre fiz. Mas em meu coração eu carreguei a certeza de que aquela noite e aquele homem ficariam marcados para sempre no meu corpo e na minha memória, e deixei algumas lágrimas escaparem enquanto ia embora.



VINCE • Vincent Blackwell

Acordei apalpando a cama, balbuciando coisas desconexas, ainda num estado de sonolência. Mas uma sensação de ausência acabou me despertando...

Esfreguei os olhos, tentando acordar. Uma leve dor de cabeça me fazendo dar uma careta.

O cheiro dela ainda estava no ar. E entendi que meu corpo sentia a falta de um corpo, e que me minha buscava uma menina linda, uma doce menina em minha cama.

Imagens doces, eróticas, formidáveis dançavam em minha cabeça, e sentia aquela enorme ereção matinal clamando para ser satisfeita...E eu sabia exatamente quem eu queria.

Pela primeira vez...Bonnie...Minha Bonnie Brooke... Minha linda menina...

E eu doido para tê-la mais e mais e mais...Sentir sua entrada apertada mais uma vez. Mas ela não estava na cama.

Fiquei lá, meio atordoado, sentado na cama, sentindo sua falta.

— Bonnie? — perguntei para sua ausência, já sentindo que algo estava

de errado.

Franzi o cenho, preocupado.

Ao me levantar, andei por toda a suíte de hotel enquanto tentava me despertar. Mas nada dela.

Ai que droga... pensei, mal-humorado, passando as mãos nos cabelos, querendo rugir como um leão.

O que eu fizera de errado? Ela parecia ter gostado, ela parecia ter adorado... Nossa conexão fora incrível. Fora algo sublime, celestial.

Muito mais do que sexo. Fora simplesmente inexplicável o quanto parecíamos conectados. Ela não poderia simplesmente sumir sem motivos.

Respirava fundo, buscando calma.

Eu tinha certeza de que ela havia sentido tudo o que eu havia sentido, como o mesmo ardor e intensidade.

E tinha certeza de que ela amara o sexo. Nossa química era perfeita, como duas fagulhas se tocando, dois fogos se juntando em uma grande fogueira.

— Poxa, Bonnie, meu amor... Deixou-me ainda com essa puta de uma ereção matinal?

Ri para não chorar.

Mas muito mais do que a perda do sexo, eu estava sentindo falta dela. Falta totalmente e somente dela. A certeza da intensidade da paixão se espalhava em meu corpo como chama.

Eu não queria sexo, eu queria sexo com Bonnie. Queria seus olhos, sua presença, seu riso, seu corpo.

A menina do passado e a mulher se juntavam em minha mente, e o resultado era como um soco de paixão.

Meu Deus! Eu estava louco! Louco por ela! E vê-la fugir assim, só me dava ainda mais certeza de que estava perdidamente apaixonado.

Porra, ela era a mulher da minha vida, a garota por quem sempre esperei! Como assim fugir no dia seguinte?

Inspirando para me acalmar, resolvido a pedir meu café da manhã, pensei no que poderia fazer, enquanto visualizava uma gravata que havia deixado no dia anterior na poltrona, determinado a ir trabalhar enquanto pensava.

Não adiantava o desespero, embora me sentisse tentado a isso. Mas uma calma percorreu meu coração.

— Bonnie Brooke, você não escapará de mim, doçura...Nunca mais.
— Sorri, sabendo que ainda naquele dia contrataria um detetive de emergência e a acharia em dois tempos.

Precisava de um bom café matinal antes, para começar a cuidar de tudo.

É claro que eu e Bonnie ficaríamos juntos.

Um meio sorriso se abriu ao lembrar de seus olhos cintilantes me olhando com doçura, a lembrança de sua boceta apertada tendo espasmos enquanto a penetrava, os seios pequenos dentro de minhas mãos, a suavidade de seus cabelos, sua língua se enroscando com a minha, seus gemidos...

Ah, Bonnie, Bonnie, meu amor...

Eu tinha seu nome, sua cidade. Seria fácil achá-la, e eu a acharia custe o que custasse, porque tinha certeza de que Bonnie queria ser achada.

Talvez houvesse descoberto quem eu era, ou teve algo urgente, ou quem sabe medo, ou queria me por maluco, simplesmente, pensei, rindo de nervoso.

Ou mais apaixonado do que já estava.

— Bonnie, sua linda danadinha...

Fosse o que fosse, estava decidido a lutar pelo que eu queria, e se havia uma certeza em mim era a de que Bonnie Brooke deveria ficar em minha vida para sempre, ao meu lado.

Ainda hoje resolveria aquilo, enquanto isso, agiria com calma. Eu era um homem, não um menino, e saberia convencê-la de meu amor, seja com gestos ou palavras ou simplesmente dando meu coração que, pelo visto, estava rendido.

Afinal, aquela era a minha menina, minha doce menina...E eu era o menino dela.

Estava já de banho tomado, checando algumas informações mais urgentes no *Ipad* quando fui pegar meus sapatos para calçar.

Ao me abaixar, não pude deixar de dar um sorriso deliciado.

Parece que Deus gosta de mim, pensei.

“Obrigado, Deus, por facilitar mais ainda meu trabalho”, eu falei em voz alta enquanto segurava um cartão com os dados de Bonnie Brooke, publicitária.

Um cartão de visitas com seu endereço. Ali bem perto. Que coisa.

Já sabia onde iria depois do trabalho. Sairia mais cedo, talvez, sem pressa. O que era meu estava garantido.

Uma certeza me dava paz, enquanto guardava o cartão de Bonnie Brooke na camisa de meu terno: a de que ela era minha.

Logo mais, à noite, nós nos veríamos.

Não via a hora de ver sua carinha de surpresa.



Música: Woman in love - Barbra Streisand

BONNIE BROOKE

— Pare de roer as unhas, Bonnie Brooke — Layla, minha melhor amiga que trabalhava comigo interveio.

A amiga que estava grávida.

Ela acariciava sua grande barriga de mais de 6 meses, e me olhava com aquela sobrancelha arqueada acusatória e debochada.

Ela era atualmente minha parceira em tudo e viera comigo trabalhar na empresa nova. Desenvolvíamos ótimas ideias juntas e nunca nos importávamos de dar hora exta, embora a vinda do bebê estivesse pouco a

pouco mudando suas prioridades.

Eu sentia sua falta após seu casamento. Mas eu estava feliz por sua felicidade.

Olhar para sua imensa barriga e ver a linda família que ela formara só me deixava ainda com mais fixação em lembrar de Vince, da noite que tivemos, nos orgasmos que tive, na minha fuga alucinada, das expectativas românticas que estava criando em minha mente...

Ah! Deus, poderia ser eu, eu grávida de Vince! Pensei, roendo as unhas. A mente cada vez mais longe, fixa num certo loiro...

— Bonnie, chega! — Ela jogou um bloquinho em mim. — Acorda! Suas unhas vão ficar horrorosas!

Balancei a cabeça, saindo de meus pensamentos.

Tirei, preocupada, o dedão da boca, dando conta de que, para minha vergonha, ela estava certa.

— Eu realmente estou roendo minhas unhas, Layla? — perguntei, sentindo-me uma imbecil.

— Sim, querida, você está... E como está... Credo!

Olhei para a unha do polegar destruída e observei que as outras estavam indo para o mesmo caminho.

— E você está ficando cada vez mais mãezona que adora ralhar, hein?

Ela riu, deliciada, ainda com as mãos na barriga.

— É claro! Tenho que treinar! Quando vejo uma criança nervosa como você na minha frente, tenho que encher a paciência, né?

Dei uma risada e me dei conta de que meu nervosismo estava gritante.

— Layla, está tão na cara que estou nervosa assim?

— Claro como água, Bonnie...

Ai, meu Deus, pensei, imaginando se não tinha o nome Vince escrito em minha testa...

Fechei os olhos, num suspiro lamentoso. Eu não conseguia fazer nada. Estava virando uma inepta para o trabalho. Toda hora estava sendo tocada pelas lembranças quentes de Vincent, e sentia um nó doloroso na garganta. Um arrependimento severo de ter sido tão covarde e de ter fugido sem sequer ter tentado.

Aquilo, além da sensação de paixãoite aguda, era o que mais temia: a culpa. E agora, uma sensação vaga de saudade.

Senti meus lábios tremerem, meus olhos se umedecerem. Se eu não contasse para alguém, eu ficaria maluca.

Layla me lançou um olhar doce e compreensivo, como se percebesse o mar revolto que estava em meu peito, atirando-me contra pedras dolorosas.

— Conheço você o suficiente, Bonnie, para sentir que há algo muito errado, querida. Vai ver fiquei melhor agora que sou mãe. Ande, conte logo o que aconteceu, o bebê não pode passar nervoso!

Revirei os olhos.

— Nossa, Layla, como você é ótima em me convencer, sua canalha! — brinquei, tentando disfarçar minha angústia e tristeza.

Rimos juntas.

— Estou esperando! Estou farta de esperar! Já bastam os nove meses, Bonnie!

Sorri, feliz de ter uma boa amiga.

Umedeci os lábios, tentando começar a contar a história. Saiu a coisa mais idiota que eu poderia pensar de minha boca:

— Transei com o Papai Noel.

Ela colocou as mãos na boca, como se estivesse surpresa.

— Hum. Interessante.

Suspirei.

— Foi uma delícia... Foi... Meu Deus... Ele era o máximo. Ele era muito mais que um Papai Noel, acredite — continuei, um pouco envergonhada, mas eu precisava falar que finalmente havia feito sexo, um bom sexo, na vida. E muito mais.

— Isso é um filme pornô? — Ela riu.

— Não estou brincando!

— Eu realmente acredito que não! Nunca nesses anos todos vi você falar de um homem. Se é para transar, que seja em grande estilo. Começando com um fetiche daqueles! Um Papai Noel sexy de Natal! Uau! — Ela ainda se divertia.

Tentei me explicar melhor.

— Ele não estava mais vestido de papai Noel... quando... quando transamos. Ele era o Papai Noel mais lindo que já vi na vida... Um Papai Noel bombado, musculoso, cheiroso, gentil, educado, refinado, inteligente... — suspirei, lembrando dos olhos azuis de profundas safiras de Vince.

Olhos puros que, quando por cima de mim, eram ardentes, sensuais...

Lapsos de nossos momentos de sexo vieram na minha mente,

perturbando minha razão. A sensação de seu corpo forte, musculoso, sua voz rouca, seu pênis vigoroso....

Mordi meus lábios.

— Mesmo? Está começando a ficar cada vez interessante! Mais, por favor! — Layla gargalhou.

Olhei-a, irritada, despertando de meu sonho sensual.

Grrr!

— Ah, chega, por favor! Estou triste! Ele, era maravilhoso... E eu fugi, eu fugi dele... Não deixei nem ele se despedir. Fui embora com ele dormindo. — Engoli um soluço transtornado. — Porque eu sou uma covarde... Porque tive medo, tanto medo... Tanto medo dele, Layla... — gemi, quase chorando.

— Ah, querida, ele foi grosseiro com você?

Olhei para o alto, os olhos úmidos, enxugando as lágrimas, lembrando daquele homem que me fizera tão feliz, mesmo que eu estivesse bêbada.

— Não, ele foi maravilhoso demais. Ele foi tudo o que jamais sonhei. Eu fiquei tão encantada, tão... Eu me deixei levar. Eu não era mais eu, Layla. Parece que fui transformada em outra pessoa. Dançamos, jantamos lagosta e depois cachorro quente, tomamos um monte de champanhe... Na verdade, jantamos no hotel mais caro da cidade, no BlackWell, acordei na suíte principal de lá...

— Que Papai Noel mais chique!

— Também achei... Até tocava piano, e dançava e cantava tão bem...

— Ele fez tudo isso? — Ela me olhou, boquiaberta

Fiz que sim com a cabeça.

— Sim, numa sala individual no hotel Blackwell... Era tão luxuoso, Layla... Eu me senti uma princesa! Ele tocou o piano lá, colocou som para dançarmos, foi um momento só nosso, as pessoas nos serviram numa sala íntima luxuosíssima...

— Onde ele trabalha?

— Ele trabalha no Hotel Blackwell...

— Oras, então sabe onde encontrá-lo, Bonnie!

— Sim, eu sei sim... — falei, triste, sabendo que jamais teria coragem de procurá-lo. Não depois do que houve.

— No que ele trabalhava lá?

— Eu não sei exatamente — Pensei, confusa. — Não ficou claro. Ele não me disse.

— Você falou onde trabalhava, deu sem número?

— Não, eu acho que não — respondi, lembrando que bêbada como estava na hora do jantar, talvez tivesse falado algo.

Ela me olhou intrigada.

— Como ele era?

— Loiro, alto, olhos azuis enormes, muito forte...

— E como ele se chamava?

— Vincent...

Ela pôs as mãos na boca.

— Ah! Meu Deus! Vincent! Deve ser Vincent Blackwell!

— Quê? — perguntei, espantada. — Você está doida! Vincent Blackwell, o dono dos hotéis Blackwell?

— Só pode ser ele, Bonnie, não seja tonta! Por que ele teria serviçais e uma sala íntima, e ainda é lindo, gostoso, refinado, educado e te levou para a suíte mais cara?

Fiquei pensando... Eu nunca vi o rosto dele, por pura desatenção, mas ele era um tanto famoso por ser um bilionário recluso e bonito, desejado pelas mulheres, que odiava se mostrar por aí, e ficava muito tempo trancado trabalhando e quase não era visto em público, o que deixava as mulheres ainda mais fervorosas.

Ondas de ciúme me tomaram ao achar que ele poderia ser o recluso bilionário desejado pelas garotas americanas que era tão recluso que mais parecia uma lenda.

— Será?

— Junte as peças, sua tonta.

Sentia minha respiração falhar. Meu Deus! Meu Deus do céu todinho! Eu me senti tonta na mesma hora, de tanto que Layla me acusava de ser uma.

Remexia meus dedos, inquieta, e estava louca para mordê-los de novo.

Aquele homem, aquele homem lindo, delicioso, doce, e quente como o inferno... Eu ia morrer de angústia.

— Eu transei com um bilionário que se veste de Papai Noel?

Queria morrer. Ele se fizera de pobre, ele me enganara... Será? Ele parecia tão incrível...

— É o que parece...

—Ah! Meu Deus... Não pode ser verdade, Layla. Ele deu a entender que era pobre o tempo inteiro.

— Ele disse isso?

— Bem, ele não disse, não de verdade, pensando bem... Ele apenas deu a entender que trabalhava lá, verdade seja dita... Mas eu jamais poderia imaginar numa coisa dessas, dele ser o dono da cadeia de hotéis Blackwell... Por que se vestiria de Papai Noel? — perguntei, intrigada.

— Ouvi dizer que ele já foi um dia muito pobre e é uma das pessoas que mais colaboram e fazem doações nesse país para os desafortunados. Que é uma pessoa simples, de hábitos muito simples. Deve ter sido por isso. Não deve ter desejado assustar você. Talvez fosse contar a verdade, mas aí você fugiu...

Sentia de repente tantas coisas dentro de mim. Tantas coisas confusas, intensas... Saber que ele era tão rico e tão poderoso. Não bastava ser apenas lindo daquele jeito...

E eu louca, derramando champanhe em mim... Que vergonha, ai meu Deus... ele devia ter me achado uma doida.

Se bem que nosso sexo foi, meu Deus...

— Se for ele, eu tive meu primeiro orgasmo com Vincent Blackwell, Layla. Até nisso esse filho da mãe seria poderoso.

— Bem, eu já cansei de dúvida... Vamos logo descobrir isso! Odeio ficar curiosa! *Affe!* — Layla falou.

— O que vai fazer? — perguntei, nervosa.

— Usar o *Google*, oras! — falou, sacando seu celular seu e digitando.

— *Aaaah, sim* — falei, aflita, com cara de idiota.

Onde estava a mulher madura naquele momento mesmo? Eu me sentia uma garotinha estúpida e trêmula.

Ela por fim virou a tela do aparelho e me mostrou uma foto.

Segurei minha respiração. Na minha frente, pude ver a foto de Vincent BlackWell, o *bilionário boy*, um dos mais jovens bilionários do país.

Era justamente aquele homem incrivelmente delicioso, de todas as formas que um homem pode ser delicioso, na minha frente.

Seus grandes olhos azuis tão doces quanto sedutores, seus cílios loiros e longos, o queixo quadrado e viril, o cabelo macio, tão macio, o corpo forte que eu sabia ser de um Viking determinado dentro daquele terno, cheio de músculos trabalhados, aqueles braços vigorosos cheios de pegada...

Engoli em seco ao ver suas mãos, suas mãos fortes, que haviam percorrido todo meu corpo. A lembrança de suas mãos em minha bunda, apertando-me. A sensação de seus lábios sobre os meus.

A lembrança de sua barba me arranhando por inteiro.

Oh, Senhor... A lembrança de seu pênis tão grande e grosso indo e vindo. Tão diferente do de Max. A sensação do primeiro orgasmo me violentando como um rio a correr.

— É ele — falei, fechando os olhos, sem poder suportar, quase chorando. — É ele, sim, Layla.

— Que safado gostoso, Bonnie. Por que fugiu dele? Meu marido que não me escute, mas que pedaço de mau caminho! — Ela riu, divertida.

— Fujo porque sou burra! — falei, triste.

— Tenho que concordar... — ela falou, em tom de censura, e deu uma risada.

— Tive meu primeiro orgasmo com Vincent Blackwell, e pior, acho que estou apaixonada por ele... Por um cara que pode ter o mundo inteiro a seus pés...

— Mas que transou e foi incrível com você, bobinha...

— Ah que droga, por que eu tive que me apaixonar? — lamentei.

— O que um homem não faz com uma mulher quando é bom de cama... Senhor! — ela concluiu.

Neguei com a cabeça.

Ah, se ela soubesse que fora tão mais que isso... Muito mais que um bom sexo. Se ela entendesse o quanto fora ao mesmo tempo puro, mágico, espiritual, tocante.

Como fora sublime estar em seus braços e dançar, e ser possuída até gozar... Gozar de prazer e felicidade. Explicar que me senti venerada pela primeira vez.

O quanto me senti querida e compreendida naquelas horas, o quanto me sentia invadir por sua voz grave, por seu sorriso, por sua delicadeza, por seus olhos lindos sobre mim, e por seu enorme pênis, é claro...

Mas que ao mesmo tempo, tive medo de tudo. De ser apenas uma ilusão da minha cabeça. E agora que sabia que ele ainda era podre de rico, meu temor ainda aumentava... Eu me sentia insegura, infeliz naquele momento, e o quanto a culpa pesava por sequer ter dado uma chance para nós, Vince e eu.

Meu medo fora muito maior que a minha coragem. Eu me perguntei

quando eu havia perdido a coragem de ser feliz.

Tentando me sentir melhor, comecei a contar um pouco do que sentia para minha amiga, que me olhava com pena enquanto me escutava com atenção, até que resolvemos finalmente fazer a decoração final do meu escritório.

Ainda não havíamos montado a árvore de natal. Seria uma boa distração, já que me sentia nervosa como nunca.

Eu me perguntei se algum dia voltaria a me sentir normal.

Finalmente, eu me sentia mulher. Finalmente, eu me sentia apaixonada.

Eu me tornara uma mulher apaixonada por Vincent BlackWell, o poderoso Vincent BlackWell.

Quanto mais pensava, mais me concentrava em arrumar os enfeites, e sentia minhas mãos tremerem, e rezava para Deus curar aquela dor em meu peito. A dor da covardia e do medo de ser feliz.



Música: You're still the one - Teddy Swinms

VINCE • Vincent Blackwell

Andei cuidadosamente pelo corredor atapetado. As luzes natalinas rebrilhavam e sentia uma expetativa deliciosa.

Deixei para procurá-la depois do serviço. Terminei mais cedo o trabalho e me arrumei escurpulosamente, pois ela merecia. Fiz o possível para controlar minha ansiedade. O bom tom me mandava não sair correndo atrás dela como um tonto, mas que se danasse a boa educação.

Olhando ao redor, dei-me conta que aquele era o lugar que Bonnie Brooke trabalhava, e tentei imaginá-la ali, gastando suas horas...

O nome dela soava perfeito em meus lábios, Bonnie Brooke, e eu já sentia vontade de prová-la novamente. Saborear todo seu corpo e sua essência. O sabor de Bonnie era divino. Tudo nela era perfeito.

Ela era perfeita para mim. Nosso encaixe era sensacional. E estava louco para moldar meu corpo junto ao dela novamente, possuí-a, fazê-la minha novamente.

Estava ainda meio atordoado por seus gemidos, por seu gosto de alcaçuz e champanhe, e aquele cheiro de mulher que ela tinha em todo corpo, a sensação de seus cabelos em minhas mãos, enquanto os puxava.

Ela tinha uns cabelos feitos para serem puxados naquela hora.

Queria sentir principalmente o gosto do seu entrepernas, onde ela era ainda mais mulher. E que mulher de cheiro e sabor delicioso Bonnie era ali.

Pouco me importavam os motivos por que Bonnie havia fugido. Eu apenas quebraria todas as suas barreiras. Fossem quais fossem suas dúvidas, tormentos, senões. Eu estaria ali para sanar todos, todos. Caminhava ali seguro disso.

Eu sabia, eu sentia que ela me queria. Eu sabia, no momento em que a beijei, que ela nascera para ser minha.

Apenas confirmei o que já sabia desde o nosso primeiro dezembro juntos, mais de 20 anos atrás: nós nos pertencíamos. Éramos perfeitos juntos, e tudo que vivemos juntos, eu sabia que havia algo muito especial entre nós e que ela sentia o mesmo que eu.

Depois de tê-la sentido, de ter olhado cada pedacinho magnífico de seu corpo, como poderia deixá-la ir embora?

Jamais. Perdê-la uma vez já fora doloroso. Perdê-la de novo era

impensável.

Contratei um detetive particular que ficou de prontidão observando se ela havia saído. Minha querida Bonnie, pelo visto, era como eu, e gostava de fazer hora extra, e ficou por lá o dia todo. Não era incomum no Natal, eu trabalhar tanto. Por isso entendia.

Se bem que pensava que, quando ela se tornasse minha esposa, odiaria que tanto eu quanto ela trabalhássemos tanto...

Eu tinha o bastante para sermos felizes por cem vidas. Poderíamos passar mais horas aproveitando a vida, juntos.

Sim, eu já estava pensando num futuro com ela. Sim, é claro que nós nos casaríamos, concluí, sorrindo.

Eu sempre soube que eu era um homem que, arrumando a mulher certa, trataria de manter bem perto de mim o que é meu. Parecia o percurso natural das coisas. Não era homem de não assumir a mulher, que, eu sabia, eu já amava.

Ela seria a senhora Bonnie Blackwell em breve. E nada me deixava mais satisfeito.

Eu estava profundamente feliz, na verdade. Toda aquela angústia havia sumido quando vi seu endereço. Sabia que Bonnie era meu pedacinho do céu, um presente de Deus para mim aqui na Terra.

Sentia que minha vida não era mais em vão, e que havia um motivo forte e lindo para viver,

Não sabia de onde vinha tanta certeza, mas eu sentia e aquilo invadia meu coração e o infundia de paz e satisfação.

Quando fui dirigido pela portaria até ao andar em que ela estava, fiquei

surpreso ao ver uma moça grávida na sala.

Pela voz, ao me cumprimentar, percebi que foi com ela que eu falei ao telefone quando havia pedido para subir para falar com senhorita Bonnie Brooke.

Mas sabia também que havia sido reconhecido na portaria. Os porteiros costumavam me conhecer. Eu não deixava de ser um pouco, digamos, conhecido, embora sempre houvesse gostado de viver o mais discretamente possível. Mas nem sempre foi possível ficar longe dos holofotes.

A moça grávida me sorriu ao me ver, e dei a ela uma sutil mesura, e dei um boa noite respeitoso.

— Ora, ora, Senhor Blackwell. Ou deveria dizer Papai Noel?

Putz. Arregalei os olhos, surpreso.

Ela deu um risinho debochado.

— Como? — perguntei, erguendo uma sobrancelha, fazendo-me de desentendido.

— Sou amiga de Brooke. Bem amiga. Isso explica alguma coisa?

— Ah, sim... Acho que sim.... — comentei, desconfiado, franzindo o cenho, querendo saber até onde ela estava sabendo de nossa história.

— Sei o bastante, ou seja, sei quase tudo... — Ela riu.

— Ah, sim... — continuei, num tom já de brincadeira, sorrindo gostosamente.

— Não está encrencado com ela. Ela fugiu por insegurança. É uma bobona. Não acredita em si mesma, linda daquele jeito. Uma boba não, acha?

— Só pode ser boba mesmo de achar que eu a deixaria escapar... —

Sorri, maravilhado. — Fico aliviado que não tenha sido nada que eu tenha feito pra ela ter fugido. Confesso que fiquei um pouco apreensivo.

— Não, não foi. Ela é insegura com homens... Nunca a vi namorar durante esse tempo todo que a conheço ou citar qualquer homem.

Hum. Aquilo explicava a sensação de que ela era inexperiente, pensei, embora não fosse mais virgem. Teria tido alguma relação ruim no passado?

— Eu entendo... — falei, pesaroso, mas ao mesmo tempo um tanto feliz de saber que eu era o primeiro homem que ela tinha em muito tempo.

— Bem, senhor Blackwell. Eu gostei de sua coragem de vir buscá-la. Bonnie é uma criatura incrível, linda, muito inteligente e sensível. Eu a conheço há anos e o caráter dela é muito especial. O aviso é: seja tudo o que ela está pensando de bom de você, meu rapaz.

— Tentarei ser... — respondi, de todo coração.

— Se a fizer sofrer, vai se ver comigo, espertinho — ela avisou, fazendo um ar feroz de brincadeira, mas percebi que seu aviso era sério.

Eu dei um sorriso tranquilizador.

— Quero fazê-la feliz. Não se preocupe.

— Hum. Parece que sim. Não é sempre que vemos um homem correr atrás de uma moça que fugiu dele. Especialmente quando esse homem é Vicent Blackwell.

Sorri sem jeito.

— Pois é... — Dei de ombros.

— Ah, ela já sabe quem você é... Eu descobri. Desconfiei quando ela contou e fomos no santo Google e vimos lá sua bonita cara.

Putz!

Ao ouvir aquilo, passei as mãos no cabelo, nervosamente.

— Tem certeza de que não estou encrencado?

— Não. A não ser que tenha feito para sacaneá-la isso de se fazer de pobre.

— Não mesmo...E nem me fiz de pobre... É que, digamos, é meio assustador ser Papai Noel e Vincent Blackwell ao mesmo tempo. Não quis que ela ficasse com medo...

— Concordo... — Ela riu. — Papai Noel já era assustador o suficiente.

Ri também.

— Bem, Bonnie acha que deve ser difícil para você ser quem é, foi a conclusão que chegamos. Então, fique frio. Ela pareceu tentar te compreender.

Sorri, aliviado.

— Obrigado, Senhora...?

— Layla. Apenas Layla.

Pisquei para ela.

— Obrigado, Layla.

— Bem, Bonnie está na última porta no fim do corredor. Chegue de mansinho. E amanhã tire ela pra passar o dia com você. Tire a semana inteira de folga se quiser. Já estamos terminados por aqui. Aproveitem, crianças!

Dei uma gargalhada suave, jogando a cabeça para atrás.

— Layla, acho que já somos grandes amigos também... Vou

aproveitar, podem apostar!

Ela piscou de volta, e sorri agradecendo mais uma vez.

Eita... Eu estava feito.

Bonnie falara de mim. Bonnie pensara em mim. Bonnie fugira de mim por medo e insegurança. E agora Bonnie seria minha a semana inteira, e seria minha pelo resto da vida, também.

Estava louco para beijar cada dedinho de sua mão, depois seus pés... e... Bem, beijar ela inteirinha.

E agora, quando espiei pelo corredor, vi que a porta estava aberta... E que ela estava lá, linda... Tentadora.

Os longos cabelos numa cascata. Usava uma calça de lã justa que marcava sua bunda e empinava. Que vontade senti de puxá-la pelos cabelos e meter por trás ao ver sua bunda. Já comecei a ficar duro.

Ela estava ficando de ponta de pés para colocar uma estrela no topo da árvore de Natal.

Pigarreei para me fazer notar, e apertei os olhos quando ela se virou.

— Quer ajuda, mocinha?

Bonnie deixou a estrela de Natal cair, surpresa, e olhou para os lados, nervosa, antes de me fitar, e então passou a mãos trêmulas em sua testa, enquanto eu a olhava, com as mãos nos bolsos na calça, nem um pouco preocupado em disfarçar minha excitação.

— Sem palavras? — Voltei a perguntar, diante de seu silêncio.

— Como me achou? — ela indagou, umedecendo os lábios. Parecia desconcertada.

— A vontade faz com que a gente faça verdadeiros milagres.

Ela revirou os olhos.

— Corta essa, Vince — Ela abriu um dos seus sorrisos lindos, e parecia relaxar um pouco.

Tirei do meu bolso um cartão, e o joguei numa mesinha que estava ao lado.

— Esqueceu disso. O destino não quis que você fugisse de mim, Bonnie. Mas não importa. Eu iria devassar Boston atrás de você, sabia?

Ela parecia respirar fundo.

— E-eu, eu não tinha como saber...

Comecei a dar alguns passos firmes em sua direção, e observei Bonnie se tornar nervosa como uma garotinha.

E aquilo me excitava, sentir o seu tremor. Busquei os bicos dos seus seios proeminentes debaixo da camisa branca de crochê, e vi que ela olhava, desconfortável e excitada, para minha ereção.

— Não, você não tinha — falei, com a voz macia, aproximando-me, e finalmente tocando-a no rosto. Deixei que minhas mãos deslizassem, sensuais, pelo contorno de seu maxilar, e a beijei na pele macia perto de sua orelha, colocando a mão em sua nuca, e fazendo-a gemer quando me aproximei de seu corpo, para se amoldar ao meu.

Deixei que sentisse toda minha masculinidade dura por ela.

— Bonnie, por que fugiu? — perguntei, mordiscando sua orelha, enquanto ela gemia.

— Eu, eu tive medo...

— Não precisa ter medo de mim, querida... Quero você, preciso de você e estou aqui colado ao seu corpo, e dizendo no seu ouvido que sinto que você é minha... Posso ser mais direto que isso? — murmurei, beijando o lóbulo de sua orelha e apertando com as mãos na sua bunda.

— Não, acho que não... — ela falou, entre gemidos.

Foi o suficiente para mover minha cabeça e chocar minha boca como a sua, num beijo faminto, desesperado.

Apertando Bonnie contra mim, passei a devorar seus lábios, num movimento incessante de ir e vir com a minha língua, enquanto esfregava meu pau em sua barriga macia e puxava seus cabelos, como estava querendo fazer há horas.

Bonnie gemia, perdida. Eu estava louco, louco de amor, louco de vontade de possuí-la, beijando-a, ofegante.

— Quero você, meu amor. Não fuja mais de mim, prometa.

Apalpando meu peito, eu percebi que ela começava a tirar minha gravata, puxando-a, parecendo louca de vontade, tanto quanto eu.

— Eu também, eu quero você, eu quero você, Vince... Não quero mais fugir. Não vou fugir de você, amor... — ela dizia, num murmúrio doce, apertando meus músculos debaixo da camisa com fervor.

Gemia em sua boca e parei um momento de apalpar seu corpo para tirar minha camisa em gestos rápidos.

Senti depois as mãozinhas lindas de Bonnie migrarem por meus músculos, extasiada.

— Você é um monumento — ela disse, com olhos cintilantes de prazer, antes de baixar sua boca até meu peito e começar a lamber e morder,

enquanto eu me deixava invadir pelo prazer, olhos fechados, segurando virilmente seus cabelos e os afastando para ter melhor a visão de seus lábios sensuais fazendo aquelas coisas comigo, indo em direção às minhas calças.

O que ela queria, fazer-me gozar? Não iria suportar se ela fizesse isso. Estava desesperado demais por ela.

Num gesto rápido, eu me abaixei e a coloquei no meu ombro, dando um tapa em sua bunda, e a joguei no amplo sofá que havia na sala do escritório, cobrindo-a com meu corpo, apertando meu sexo contra o dela e a beijando com mais paixão, língua com língua se saboreando, até perdermos o fôlego, embriagados de tesão.

Rapidamente tirei sua camisa, passando-a por sua cabeça, e suspirei quando vi os montes lindos dos seus seios. A safada estava sem sutiã. Eu a ouvi ronronar como uma gatinha quando arranhei a pele do seu colo com os dentes e passei depois a brincar com seus mamilos duros em minha boca, lambeando e sugando, enquanto desabotoava sua calça, sentindo a o elástico sedutor da calcinha.

— Monumento é você, Bonnie... Tem noção do quanto é linda? Do quanto é perfeita? — falei, fitando seus lindos olhos verde acinzentados, percorrendo com o olhar para seu corpo magnífico. — E eu estou doido pra te comer.... — murmurei, abaixando-me e mordendo seu mamilo em seguida, grunhindo num desejo selvagem, abaixando sua calça e tendo uma visão maravilhosa do monte de vênus.

Beijando o caminho do prazer que era seu corpo, sentindo a maciez de sua pele e ouvindo os suspiros de prazer de Bonnie, desci sua calcinha e a cheirei bem ali, onde ela estava úmida e deliciosa. Bonnie arqueou ainda mais seu corpo para trás, sujeitando-se, emitindo sons confusos e passei a sorver o líquido delicado de sua excitação e a friccionar com a língua o montículo de

carne enquanto Bonnie puxava meus cabelos, movendo-se descontroladamente enquanto a chicoteava com minha língua, e esfregava meus lábios na carne sedosa entre suas coxas, chupando os lábios e provando o gosto salgado e sensual até sentir os espasmos do pequeno montículo em minha boca e os choramingos de Bonnie ao gozar.

— Deliciosa... — dizia, lambendo seu prazer.

Bonnie se deixava abandonar em minha boca, rendida ao que sentia, e eu quase gozava de satisfação, sentindo meu membro latejar como nunca.

Sem pensar em mais nada, abaixei as calças, peguei meu membro já lustroso e brilhante e vi o olhar sedento de Bonnie para ele, o que me fez ainda querer mais enfiar até o fundo nela.

— Preciso entrar em você mais uma vez, meu amor...

Abaixei-me, beijando-a, faminto, para que ela sentisse seu gosto em minha boca e, abrindo suas pernas, e amparando suas costas, eu a firmei e entrei devagar, melando sua passagem. Por fim enfiando minha cabeça que pulsava, enquanto continuávamos, olho no olho, arfantes, loucos de prazer e eu observava cada expressão que ela fazia enquanto eu a penetrava.

Via seus olhos com a nuvem do desejo os tomando, os lábios trêmulos.

Esperei ela me acomodar, sentindo sua bocetinha se abrir enquanto ela choramingava...

— Vince, eu quero você...Por favor... — Sentia ela se abrir e me arranhar um pouco enquanto eu entrava ainda lentamente, sentindo suas paredes apertadas me comprimindo.

Ela estava úmida, receptiva, ardente, adequando-se a mim. Sentia meu membro deslizar, carne com carne, em sua abertura apertada enquanto

Bonnie me abraçava com suas pernas e eu apertava o máximo que podia sua bunda.

Num ritmo lento, depois acelerado, continuava a penetrá-la, alheio a tudo, sentindo apenas minha fome, seus lábios, seus seios debaixo de mim e o amor explodindo junto com o desejo do meu corpo ao descobrir sua carne com a minha.

Todo seu corpo nu estendido junto ao meu, procurando o ápice, mexendo-se loucamente. A busca ansiosa dos quadris de Bonnie me deixavam doido, assim como seus gemidos e sua língua em minha boca, enroscando-se com a minha.

Quando percebi que Bonnie estava prestes a gozar de novo, arranhando minhas costas enquanto sua bocetinha dava espasmos deliciosos, perdi totalmente o controle e me deixei aliviar fundamente dentro dela, meu líquido se espalhando em seu interior, tomando posse, marcando-a, enquanto tremíamos juntos, exaustos e felizes.

Ela era minha, pensei, a cada jato que expulsava em seu corpo. Éramos um só.

Estávamos tão famintos, que poucos minutos depois, acabamos transando mais uma vez, quando pus Bonnie de quatro, amparada no sofá, numa maravilhosa visão de seu corpo que me deixou completamente louco, como se estivesse no paraíso.

Tive dois orgasmos maravilhosos, daquela vez metendo forte, e tinha certeza de que ela havia gozado pelo menos mais duas vezes também.

Nunca havia sentindo tanto tesão por uma mulher. Finalmente depois daquela ginástica de saudade sexual, desabamos no sofá, cansados como se tivéssemos feito uma maratona.

Uma deliciosa maratona de amor e sexo.



Música: All I Want For Christmas Is You - Mariah Carey

VINCE • Vincent Blackwell

Estávamos depois nus e ofegantes após mais de uma hora de sexo, e Bonnie repousava em meu peito, pensativa, e eu beijava seus cabelos. Seu semblante parecia um pouco preocupado.

Eu me sentia feliz e, ao menos por aquela hora, saciado.

— No que está pensando, Bonnie?

— Que agimos como dois loucos... — ela disse, de repente.

Beijei mais demoradamente seus cabelos.

— Sim, Bonnie... Como dois loucos, concordo, pois pelo menos eu sei que estou louco, louco por você.

Ela me olhou com seus olhos lindos e comovidos, e deixei que meu dedo acariciasse sua sobrancelha.

— Também confesso que estou louca por você, mas isso me assusta. Isso me assusta muito – ela disse, suspirante, a testa vincada, os lábios torcidos.

Acariciei seu rosto.

— Não tem por que temer, Bonnie. Estamos loucos um pelo outro. Tudo vai ficar bem.

— Não usamos proteção — ela falou.

Dei um sorriso.

— Isso acontece com os apaixonados. Não é nenhum drama. Não se assuste. Não fique achando que faço isso sempre. Se quer saber, não faço sexo já faz tempo. E quando faço, gosto de compromisso. Não gosto de promiscuidade. Não sou nenhum canalha, Bonnie. Estou com você a sério. Juro que não sou um canalha.

— Tem certeza? — ela me perguntou, desconfiada. — Sequer me disse que era Vicent BlackWell, para começo de história...

Sua voz estava amuada, um pouco triste.

Beijei sua testa franzida, rindo, e a trouxe para meu peito, abraçando-a e a ninando, acariciando suas costas de leve.

— Sei que não contei quem eu era... Peço perdão. Iria falar, mas você sumiu. Não queria te assustar. Não é fácil ser quem eu sou. Mas quero que se

sinta segura e sem medo. O que sou não importa, o que importa é o que sentimos um pelo outro. E que quero ser só seu e quero que você seja só minha.

— Mas você ainda é Vincent Blackwell. E estou assustada! Por tudo! Estou agora com medo de você pensar que fiz o que fiz para te prender porque você é rico, por exemplo... Ou que pense que sou fácil, sei lá.

— Jamais pensaria algo assim de você. Sei o quanto é honesta e generosa.

— Como sabe? Mal me conhece!

— Conheço o suficiente, além disso, tive uma boa conversa com Layla a seu respeito...

— Mas como vocês são safados! — Bonnie riu, erguendo-se um pouco e batendo em meu peito, e eu ri também.

— Ah, meu amor... Ela só confirmou tudo aquilo que senti sobre você, Bonnie, desde o momento em que a vi pela primeira vez.

— Ela te contou que nunca me viu com ninguém? Ela sempre me perturba sobre isso.

— Sim, ela me disse — respondi enquanto ela voltava a se deitar sobre meu peito e me acariciava e eu voltava a passar os dedos em seus cabelos.

— Eu, eu só transei com uma pessoa antes de você, Vince. Poucas vezes. Há muito, muito tempo. Com alguém que não gostaria de falar mais sobre.

— Não precisa falar nada que não queira.

— Obrigada — ela falou, parecendo aliviada.

— Bem, eu percebi que você é inexperiente — falei, orgulhoso de saber que ela me escolhera.

Ela se levantou, irritada.

— Como assim? Fui tão ruim a esse ponto?

Vendo-a ali, fazendo um bico nervoso que me dava vontade de morder, maliciosamente, senti meu pau pulsar e começar a subir.

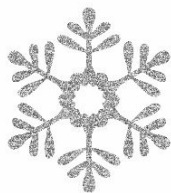
Olhei para baixo, para meu pau que crescia, e sugeri, brincando, mas ao mesmo tempo, morrendo de vontade.

— Achei tão ruim que estou morrendo de vontade de sentir sua boca em mim, Bonnie, meu amor — falei, insinuante.

Observei o olhar brilhante de Bonnie para meu pau que subia, molhado de pré gozo, e vi que ela lambia os lábios, com vontade.

— Não tenha medo de prová-lo, querida, ele é seu... Quero que sinta todo o poder que você tem sobre mim... — falei, deslizando a mão sobre ele.

Fechei os olhos, quando percebi que Bonnie ia fazer aquilo que ela parecia louca de vontade de fazer, e aproveitei então a sensação de sua boca linda me rodeando...



Sáímos depois pela noite em Boston, mãos dadas. Não estava ainda tão

tarde, e gostaria de estar com ela.

A parte mais difícil foi quando a convenci de que queria aquela semana toda juntos, todas as horas do dia. Bonnie protestara, mas depois de vários beijinhos na nuca e moedas de chocolate na boca, ela concordara.

Eu iria finalmente tirar férias e queria me dedicar a Bonnie. Estava diante de uma joia preciosa que merecia ser aproveitada a cada minuto. E fiquei muito feliz quando ela se deixou vencer em meus braços e concordou, beijando-me, em ficar todo aquele tempo comigo.

Em breve, eu diria que aquele tempo seria uma vida toda... Mas tudo a seu tempo. Não queria assustá-la, apesar de sentir a intensidade do que se estabelecia entre nós.

Já tinha deixado vários chocalatinhos e balas de alcaçuz no carro, e ela me chamou de sedutor barato, depois que a pus no meu carro e a trouxe para o City Hall.

— É que você é linda comendo chocolates e alcaçuz, querida — falei, enquanto dirigia.

— E fico muito fácil de ser convencida comendo doces, não acha?

— É claro! — Gargalhei suavemente. — Mas você não vai deixar de ser meu anjo doce por causa disso — falei, dando um beijinho em seus lábios melados de chocolate, que ela retribuiu com prazer.

Conversávamos e cantávamos músicas bobas de Natal juntos, e adorei quando descobri que ela adorava patinar tanto quanto eu. É claro que eu levaria para patinar no City Hall! E tinha certeza de que seria delicioso.

Sentia que ela segurava minha mão, cheia de confiança, enquanto olhávamos a agradável cidade toda montada para o Natal.

Mal podia acreditar que estava fazendo aquilo que sempre sonhei: ter a minha menina anjo, meu anjo doce salvador ao meu lado, que também era agora a mulher que me fazia pirar de desejo e fazia encher de calor meu coração.

Bonnie era completamente dona da minha cabeça e da minha razão.

Na área de patinação, segurando-a, rodeei com ela até cairmos no chão, estatelados, e ficamos um tempo lá, olhando um para o outro, em êxtase.

Como ela era linda sob a luz do olhar, o céu refletindo em seus olhos sua cor azulada, e vi todo nosso futuro ali, refletido em seu olhar. Um futuro juntos...

Por Deus, eu amava... Eu amava Bonnie...

E como estavam lindos seus lábios vermelhos por meus beijos.

Ali, deitados, dei-lhe um pequeno beijo apaixonado, e me senti tremer de amor, e senti que ela também.

Tive ímpetos de possuí-la ali mesmo, mas tínhamos de nos levantar, ou seríamos atropelados pelos outros casais. E eu ainda era um homem civilizado perto dela. Ou ao menos um pouco civilizado.

Então me levantei e lhe dei a mão, e morri de rir quando ela disse que estava com fome.

Uma das coisas mais adoráveis em Bonnie era seu apetite voraz... quase sempre por doces. Talvez porque ela fosse realmente um anjo doce em minha vida.

Fomos jantar e dessa vez deixei ela escolher o que queria. Sabia que ela queria algo rápido, e fomos num lugar que vendia massas. Então Bonnie gostava de comida italiana, anotado.

Eu adoraria encher sempre sua barriguinha, e estava realmente ficando muito frio e gostaria de protegê-la do vento que começava a soprar, e já estava tarde.

O nariz de Bonnie já estava até vermelhinho e começava a cair neve. Era melhor procurarmos um local quente para passarmos o tempo.

De todo modo, a noite estava simplesmente maravilhosa. Nunca o Natal me pareceria mais lindo e mais pleno.

Finalmente tinha Bonnie ao meu lado, pensei, encantado, enquanto a conduzia, sorrindo, as mãos em suas costas protegidas por um sobretudo.

Ela pediu uma massa e provamos de um fettuccine simples e delicioso com *Funghi* e Mascarpone.

Resolvemos brincar em certo momento de “A dama e o vagabundo”, numa tirada espirituosa de Bonnie, e ficamos ali, como dois bobos, alheios ao que as pessoas poderiam pensar de nós, dois malucos apaixonados.

— Só que eu sou a vagabunda e o você o “damo”! — ela disse, rindo animadamente.

Gargalhei depois de chuparmos o fio de massa.— Não diga uma coisa dessas, Bonnie! Que sacrilégio! — falei, num tom de censura, e segurei sua mão. — Você sempre será a minha dama.

Ela riu, apertando seus olhos e brincou.

— Mas eu sou pobre, Vince! Não sou miserável, mas sou pobre comparada a você! Sou uma assalariada que somente agora conseguiu conquistar algumas coisas sem precisar depender da ajuda de meus pais.

Quase disse que mulher minha não é pobre coisa nenhuma, mas me segurei. Não iria assustá-la em nada.

— Você sempre será a alma mais rica e generosa que já vi, e ainda a mulher mais linda. Não importa o que diga ou pense de si mesma.

Bonnie deixou o garfo cair no prato, e me fitou com seus olhos vivos e brilhantes, e disse depois de um longo suspiro.

— O quanto estou encrencada de paixão por você, seu maldito?

— Espero que muito, meu anjo... — disse, beijando suavemente seus lábios. — Espero que muito encrencada, por muito tempo — murmurei, ainda a beijando — Porque eu também estou... Totalmente encrencado por você, Bonnie Brooke...

Por fim nos separamos, e ela aproveitou para brincar com a nossa situação, um tanto corada.

— Santo Deus! Que coisas um Papai Noel pode dizer depois de tirar sua barriga!

Pus a mão no queixo, olhando-a.

— Ah, é, que coisas que falo? — perguntei, fazendo-me de desentendido.

— Coisas que me fazem suspirar — ela falou, após beber um gole de um *sauvignon blanc* que havíamos pedido.

E a olhei sentindo meu coração aquecido, vendo que ela era sincera.

— Olhar você é que me faz suspirar, Bonnie.

Por fim, após o jantar, e de Bonnie se deliciar com um chocolate quente com alcaçuz, havíamos decidido que iríamos para minha casa passar uns dias.

Ela protestou, alegando que sequer havia pegado suas roupas em casa,

mas expliquei que poderíamos pegar no dia seguinte e que ela ficaria linda usando minhas camisetas, ou quem sabe minhas cuecas, e finalmente a vi sorrir, convencida.

Bonnie ficou um pouco impressionada quando subimos em meu apartamento. Ficava perto do City Hall.

Ela ficou olhando lá o lugar branco, asséptico, um pouco vazio de móveis para o imenso tamanho, e ela deslizou os dedos por meu piano que ficava no meio da sala de estar...

— E então, o que me diz? — perguntei, aproximando-me por trás e ajudando-a a tirar seu sobretudo, depositando-o numa poltrona e depois a beijando na nuca delicadamente, enquanto sentia o perfume fascinante de seus cabelos macios.

Bonnie me sorriu, dando-me um beijo de lado.

— Acho um apartamento bem, é... masculino. Mas gostei que, embora refinado, não é ostentador. Como você.

Arqueei minha sobrancelha, observando-a.

— Acha mesmo isso de mim?

— Sim, e é uma das coisas de que mais gosto em você: sinto-me à vontade. Realmente à vontade e sinto que há algo muito simples e puro em você, apesar de você ser um safado na cama!

Ela riu, e sem resistir eu lhe dei uma mordidinha no lábio.

Por fim ela se virou de volta para o piano e continuou a deslizar as mãos sobre as teclas, até que ela voltou seu olhar para o retrato que estava em cima, numa moldura.

Encostando minha face na sua, abraçando-a pelas costas continuei, atento, e vi Bonnie pegar o porta retrato e observar a foto.

Era uma foto minha aos 12 anos, com minha mãe. Eu ainda era um garoto, mas era já quase 3 anos mais velho do que quando a conheci.

Bonnie observou por um bom tempo a foto, franzindo as sobrancelhas. Por fim, perguntou.

— É sua mãe?

— Sim.

— Onde ela mora?

— Aqui mesmo em Boston, vou sempre a visitar.

— Então é bom filho?

— Sim, senhora — respondi, sorrindo, dando um beijinho em sua bochecha gordinha.

— Você tem cara de orgulho da mamãe, Vince.

Não neguei, e continuei a observar, ainda mais atento, Bonnie olhar minha foto.

— Está gostando de mim pequeno? Eu era feio?

— Não! Você era lindo...

— É que está olhando tão esquisito para a foto... Achei que eu fosse feio... — provoquei.

— Não seja bobo, Vince! Você é e sempre foi lindo... é que, não sei... Você me parece... familiar...

— Mas você me conhece, oras... brinquei. Pareço eu mesmo.

— Não, não... Parece que conheci você... Estranho, né?

Ela se virou para mim, e ficou me encarando, e fiz uma careta para ela.

— Quem sabe eu já morava em seus sonhos de menina.

— Convencido!

Ela riu. Mas eu ri mais vitorioso por dentro. Ela se lembrava de mim, eu signifiquei algo para ela. E aquilo me encheu de uma alegria que eu não conseguia explicar.

— Se tivesse me conhecido antes, Bonnie, não acha que eu teria ficado nas suas lembranças?

— Lindo do jeito que você é, seu safado, é claro que sim — ela falou, após depositar o retrato em cima do banco do piano.

Passei a beijá-la, ainda mais faminto, sabendo que, sim, ela também se lembrava de mim. A sensação de que eu a possuía desde sempre e que ela no fundo aguardava por mim me deixou completamente louco e tarado.

Bonnie me correspondeu, com urgência, respirando fundo, abrindo sua boca para receber minha língua ansiosa. Comecei a apalpar suas costas, e a remexer meu rosto, esfomeado, enfiando ainda mais minha língua.

Rapidamente passei a mão em suas nádegas, e abaixei minha cabeça para beijar seu pescoço, sua clavícula, minhas mãos rumando para o cóx de suas calças, quando rapidamente as abaixei, nós dois gemendo loucamente.

Deitei Bonnie em cima do piano, enquanto abria minha braguilha, e a senti suspirar quando entrei duro e sem piedade e comecei a bombear com força, animallescamente.

Os sons das teclas do piano às vezes ressonavam enquanto a

penetrava... E não demorei muito a gozar forte dentro dela quando percebi que ela estava gozando também.

E o primeiro lugar que estreamos naquela casa foi justamente o piano, onde a deitei e a possuí ali mesmo, sem sequer dar tempo para nos despirmos por inteiro...

Foi o que chamo de uma excelente estreia da nossa nova casa. E uma nova e excitante função para o piano.

Fiquei imaginando que podia sempre tocar para ela depois do trabalho, e em seguida comê-la ali em cima.

Não pretendia deixar que Bonnie fosse mais embora de minha vida. Nunca mais.



Música: Chicago - Happy Man

BONNIE BROOKE

Nos dias que passamos juntos tentei o que parecia ser um toque feminino àquele lugar. Nem podia acreditar que estávamos tão à vontade juntos que mal senti falta de minha casa.

Havia ligado para meus pais, envergonhada, dizendo que ia tirar umas pequenas “férias”. Não quis dar mais explicações.

Não queria ser pressionada sobre netos, embora Vince e eu, verdade seja dita, estivéssemos tendo cuidado zero com isso.

Mas minhas “férias”, na verdade, significavam os braços mais que

afetuosos de Vince. Porque também eram musculosos e protetores.

Em poucos dias, eu estava completamente viciada em dormir em seus braços. Gostava daquela força me prendendo pertinho dele. Pensava se um dia conseguiria dormir novamente sem o corpo de Vince junto ao meu.

Ficava ali, inebriada por seu calor, sua força, ouvindo seu peito ressonar, conversando bobagens antes de dormir, e depois de fazermos amor, muitas vezes, como estávamos fazendo, ríamos como dois coelhos felizes.

Era tudo tão natural, tão íntimo...Como se o anjo da Guarda o tivesse trazido para mim. Como se Deus o tivesse pintado no céu todinho para mim, e até dera a ele aqueles olhos lindos cor de turquesa para eu achar que estava olhando para o céu toda vez que o olhasse.

Vince era um presente celestial. Tinha o céu em seu olhar.

Ele estava se revelando um verdadeiro cavalheiro, e éramos tão bons juntos que eu mal me preocupava se ele era rico ou não, ou o que pensariam de mim ou não, se bem que estava com medo de conhecer sua mãe.

Sentia-me ansiosa, mas ele me garantia que tudo ficaria bem.

Deveria ser normal temer o primeiro contato com a sogra, mas segundo Vince, sua mãe era uma pessoa muito simples e ela gostaria certamente de mim e isso me acalmava um pouco.

Ela deveria ser maravilhosa para ter um filho tão incrível. Um filho que eu amava de todo meu coração, eu constatava dia após dia.

No dia anterior, havíamos saído para comprar uma árvore de natal.

Vince não tinha uma em seu apartamento, e achei aquilo um verdadeiro pecado. Se havia uma coisa que publicitários amavam era fazer uma árvore de natal bem chamativa.

Prometi que faria para ele uma árvore de toda pendurada de guloseimas, e Vince me matava de raiva e de risos querendo comer os embrulhos antes do tempo.

Estávamos justamente agora tentando montar nossa primeira árvore de natal juntos, e enquanto a montava com ele, ali, com Vince ao meu lado, enquanto ouvíamos música e bebíamos vinho, desejei que a aquela fosse a primeira de muitas, muitas árvores de natais juntos.

Cada enfeite pendurado, trocávamos um beijinho.

Mas o safado estava sempre querendo pegar um doce e abri-lo para me irritar. Por fim o derrubei com cócegas, e deixei que ele me desse um abraço apertado, e sempre suspirava quando sentia seu corpo junto ao meu.

Fiquei lá mexendo na sua barriga, enquanto brincávamos no tapete.

— Já sei por que queria ser Papai Noel, Vince! Secretamente, quer ficar pançudo de tanto comer doces!

— É bom se acostumar, mocinha – ele falou, brincando. — Talvez seja meu futuro...Uma barba branca e uma enorme pança!

— Vou te amar mesmo assim! — falei sem pensar.

Levei um pouco as mãos aos lábios, envergonhada, depois d o que havia acabado de dizer. Mas não conseguia mais segurar aquilo que sentia.

Eu o amava, e aquela declaração saíra de forma espontânea...

Observei Vince sorrir relaxado, e seus dedos deslizaram por meu rosto, enquanto ele me olhava de forma penetrante, desenhando o contorno de meu queixo e eu suspirava com o seu toque.

Ainda não havia dito que o amava, e saiu tão naturalmente que...Bem,

senti minhas bochechas corarem enquanto ele me tocava em silêncio, e me sentia arder com a força de seu olhar.

— Sabe o quanto desejava ouvir isso de você, meu anjo? — ele perguntou muito baixinho, trazendo-me mais para perto, fazendo-me quase subir nele. — Que me ama? Sabe por quê? — continuou a perguntar, afastando meus cabelos do meu rosto, sem parar de me fitar daquele modo intenso e apaixonante.

Balancei lentamente a cabeça, segurando-me para não chorar.

— Porque eu amo você, tanto... Estava tentando encontrar o momento ideal para dizer... Mas será que a fiz sentir o amor que sinto esses dias, Bon? — ele perguntou, enquanto apertava seus olhos tão azuis.

Segurei então seu rosto, acariciando sua barba, e estiquei meu pescoço para alcançar seus lábios.

Dei-lhe um beijo doce, e esfregando meu rosto em sua barba, murmurei:

— Todos os dias Vince, todos os dias eu me sinto amada por você... Também estava tentando ter coragem de dizer com todas as letras o que sinto, mas ainda não havia tido coragem... Mas o amor que sinto é tão grande que me deixei trair. — Dei um pequeno sorriso.

Ele me virou de costas, e se posicionou por cima de mim, e então me beijou profundamente, enquanto eu afundava minhas mãos em seus cabelos e saboreava sua boca. Sentia Vince me apertar com força, como se não quisesse me soltar.

— Todos os dias encontro motivos para te amar, e te amar, Bonnie... Penso que não poderia te amar ainda mais, mas cada dia, eu me surpreendo,

pois amo ainda mais...Parece um sonho.... — ele murmurou em meu ouvido, dando-me um beijo no lóbulo da orelha que me fez sorrir de alegria junto de suas palavras.

Sentia-me inundada de amor e prazer.

— Estou tão feliz de ouvir isso, de sentir o que sinto...Eu me sinto tão feliz e tão plena, Vince... — falei, observando seus lindos cílios loiros como leques pertos do meu, o cheiro almiscarado de seu corpo...

— Você é e sempre será meu presente mais inesperado e precioso... Você é o melhor presente de natal que eu poderia ter, Bonnie... Não preciso de nada, só de você, só de você.... — ele sussurrava, enquanto sua língua voltava a adentrar, ardente, minha boca e nos deixávamos levar pela paixão que nos tomava.

Meu coração estava mais doce que alcaçuz, pensei, puxando seus cabelos.

Por fim, ofegante, Vincent se afastou e me olhou de repente com ar desconfiado. Dando um aperto em meu traseiro, ele entrecerrou seus olhos e me observou por um instante em silêncio.

— Tenho um desafio para você, Bonnie...

— Ah é? — perguntei, rodeando seu pescoço. — Adoro desafios.

— Vai amar esse — ele disse, lambendo meus lábios... — Vai ter que achar um doce na parte de cima do meu armário...Uma caixa verde, como seus olhos...

Ri entre seus lábios.

— Sedutor barato! — continuei a rir.

— Do jeito que você gosta! — continuou a me beijar, até se levantar de cima de mim lentamente, endireitando o corpo.

— Bem, Bonnie... Preciso que você ache o doce embrulhado — prosseguiu, afastando-se. — E quero que depois venha aqui me dizer o que está pensando a respeito depois que achar esse doce. Mas tem que prometer que vamos abrir a caixinha de doce juntos, está certo? Vai se conter de curiosidade?

Ergui-me e fiquei sentada, abraçando minhas pernas, rindo dele.

— Prometo, seu chato! Vou me conter!

— Então vá lá, querida... estou esperando você achar o seu enfeite perfeito... Está bem na primeira porta, na parte de cima, dentro de uma caixa branca... Já estou facilitando seu trabalho! — Ele riu.

Ansiosa, após ele me ajudar a me levantar, pus-me a correr e fui então até seu armário na parte de cima, como ele disse.

Tirei a grande caixa branca e a coloquei na cama, para poder abri-la.

Lá dentro, vi algumas coisas me deixaram em choque...

Havia, ao lado de uma pequena caixinha verde, um gorrinho roxo com um cachorrinho bordado, e um saquinho de alcaçuz dobrado.

Controlei um soluço ao reconhecer aquele gorrinho. Era o meu gorrinho. Que não via há muitos anos, mas que me lembrava perfeitamente. O meu gorrinho preferido, e minha mente vagueou por antigos dias de infância, fazendo meus olhos se borrarem de lágrimas.

Olhei o saquinho com as balas de alcaçuz da infância. Aquela marca não existia mais. Não via há tanto tempo...

Levei minhas mãos aos lábios, os olhos úmidos, o peito explodindo.

— Oh meu Deus... — murmurei.

Havia também um bilhete com a linda letra de Vince, que li, os olhos cheios de lágrimas.

— “Pode ser que não se lembre de mim, Bonnie, mas não houve um único dia em que não me lembrei de você. Talvez não saiba, mas houve uma vez um garotinho, um garotinho perdido, que você salvou numa certa manhã de natal, você e seu cachorrinho. Você me salvou de todas as formas possíveis, Bonnie, com o seu amor e bondade, e desejei te reencontrar desesperadamente em cada um dos dias que vivi, até que você um dia retornou. Enquanto isso, guardei essas coisas que um dia você me deu, e fiquei com você em minha mente e meu coração. Talvez não lembre de mim, talvez eu não esteja nas suas lembranças do passado, mas saiba, Bonnie, quero estar em todas as suas memórias do futuro. Quero um futuro ao seu lado. Agora, por favor, venha me ver. Estarei na sala, esperando por você, e pronto a lhe dar minha vida e meu amor, e espero que os aceite, porque estou me dando para você por inteiro, Bonnie, porque você é a única pessoa neste mundo que me conhece por inteiro”

Só havia um detalhe que Vince não esperava.... Eu me lembrava, eu lembrava daquele lindo menininho loiro...

Era o mesmo rostinho das fotos, o mesmo rosto de Vince de paz e ternura quando ele estava dormindo...Por isso meu coração se retorcia buscando uma lembrança quando olhava aquelas fotos.

Em algum lugar da minha memória, na melhor parte dela, a parte do amor e da ternura, eu o guardava lá, num canto afetuosos...E só Deus poderia explicar o amor nascer por aquele menino, e depois reencontrá-lo, tantos anos

depois.

Vince me ensinara quando menina sobre o amor e sobre a beleza, e eu nunca mais quisera menos do que aquilo, que seu olhar puro e sua profundidade, seu olhar grato, e a magia que senti naquele dia...

Eu ficara com aquele modelo ideal de encontro marcante em minha mente, e agora entendia por que só Vince me dava aquela sensação de paz e completude.

No fundo, nós nos amávamos desde aquele dia, cada um ao seu modo. Cada um, ao seu modo, fora marcado profundamente naquele encontro quando crianças.

Chorando baixinho, fui-me dirigindo a ele, passo a passo, segurando a caixinha, com os dedos trêmulos e o coração aos pulos.

Vince estava de costas. Alto, empertigado, forte, elegante. *E meu.*

Ao me ver, ele me olhou por alguns segundos em silêncio, a expressão indecifrável, enquanto eu engolia saliva, ervosa, contendo o choro.

E num sorriso emocionado, ele então abriu seus braços.

E foi para lá que eu corri, para seu abraço. E senti mais uma vez a força protetora do seu corpo junto do meu, enquanto sentia meus pés balançando no ar, enquanto ele me rodava.

Soluçando, eu dizia, desesperada:

— Oh, meu amor...Eu me lembro, Vince...Eu me lembro... — choramingava em seus braços.

— Jura? — ele perguntou baixinho

— Sim, amor, sim... Sempre estive em meu coração, meu menino...

Como ficava lindo meu gorrinho em você, como ficava... Eu nunca tinha visto uma coisa tão linda quanto você, Vince, e até hoje, jamais vi. Jamais vi... Nunca conheci alguém tão lindo quanto você... — gaguejava, entre soluços, o peito engolfado de amor e emoção.

— Eu nunca havia visto uma coisa tão linda como você... Você é meu anjo doce, sempre foi... Meu anjo salvador... Amo você desde aquele dia, Bonnie...

— Eu também, Vince, eu também... Eu não sabia, mas agora entendo que sim...

— Nunca mais vou te deixar partir, Bonnie... Procurei você como louco, como louco... — ele falou, a voz desesperada, beijando-me.

— Eu precisei ir embora com meus pais naquele tempo. Mas agora nunca mais vou embora, meu amor, jamais... Sou sua...

— Sou seu... — ele murmurou, emocionado, entre meus lábios, suas mãos procurando meu rosto, retendo-o enquanto ele possuía minha boca, penetrando-a com sua língua ávida.

Um beijo salgado de lágrimas e paixão continuava. Ficamos assim por longos momentos, beijando-nos, num abraço do tamanho do infinito, até que após nos separarmos, ofegantes, finalmente ele me fez pegar a caixinha em minhas mãos, e, com seus lindos cílios dourados, ele me fez abrir na sua frente, enquanto nossas mãos tremulavam e ríamos, ansiosos.

Podia sentir nossos corações disparados e a intensidade dos nossos sentimentos.

— Não está com pressa para ver o que é? — ele brincou, a voz nervosa.

— Claro que sim, seu bobinho! — respondi, ansiosa, olhando finalmente para dentro da caixa, os dedos tremendo cada vez mais de nervoso e excitação.

Lá dentro, um lindo anel de esmeralda resplandecia, e me deixei levar por seu brilho.

— Como seus olhos, amor, mas sem ter sua beleza... — falou, num tom sério, o olhar fixo e intenso em mim.

Fitei-o apaixonadamente, como se estivesse vivendo um sonho. *Ele estava me pedindo em casamento?*

Vi-o então tirar o anel da caixa, e lentamente se ajoelhar diante de mim, enquanto sentia minha respiração quase falhar.

Lutava para controlar as lágrimas e as risadas, enquanto observava Vincent colocar o anel com delicadeza em meu dedo, e me admirei que cabia perfeitamente.

Rindo, enxugando as lágrimas, perguntei, em tom de brincadeira, tentando disfarçar meu nervosismo.

— Como sabia meu tamanho?

— Tive tempo para furtar um dos seus e mandar fazer um sob medida, oras.

— Safado. Meu safado adorável – ri.

— Tudo por amor, minha querida...

Ele então beijou meu dedo, os olhos lindos, apertados, úmidos de emoção.

Sentia o calor de sua mão sobre a minha.

— Aceita ser Bonnie Blackwell, minha Bonnie, para sempre? Ser inteiramente minha? Assim como eu sou inteiramente seu? — perguntou, com sua voz grave, o semblante muito sério.

Olhei-o maravilhada, e o fiz se erguer, puxando-o para mim, enquanto nos olhávamos, sem dizer quaisquer palavras, apenas respirando o ar emocionado da paixão. Até que o agarrei pelo pescoço, e beijando em seus lábios, eu disse com toda a certeza do meu coração aquilo que reverberava em mim.

— Sou sua, inteiramente sua... Sempre... — disse entredentes, e percebi ele me trazendo para si, apertando-me contra seu corpo.

— Sempre minha...

Éramos inteiramente nossos.



Música: Stille nacht, heilige nacht - The King's Singers

*"O tempo passa lépido em demasia
quando se é afortunado em alegrias.
Por vezes o tempo muda muitas coisas
mesmo os corações mais puros,
no entanto, não nesse caso, amigos.
O amor amadureceu e prosperou em um bálsamo
raro e doce, a flor expandiu-se, floresceu
no mais belo cenário possível."*

- Mellody Ryu

BONNIE BROOKE

ALGUNS ANOS DEPOIS

Olhava-me no espelho vestida de Mamãe Noel, maquiava-me e minha mente vagava para longe. Recordava-me ainda menina, dos meus animados natais, em especial do meu querido lobinho. *Que saudades, descanse em paz.* Lembrava também dos meus pais e parentes queridos... e do pequeno Vince. Antes, a memória era mais vaga, mas agora ela se reavivou. Talvez por ter visto as fotos de criança de Vince, além de no início do nosso namoro termos sentado para recordar nosso “real” primeiro encontro. Podia recordar-me do seu rosto magro e da sua expressão cabisbaixa. Lembrava-me do sorriso receoso abrindo-se para mim.

Pensava no nosso reencontro tantos anos depois... no Papai Noel que bebia em meio à uma noite fria próximo ao Natal. Seria a pessoa predestinada a mim, quase no mesmo lugar que o encontrei a primeira vez. Na minha frente, à esquerda, perto do espelho, havia a nossa foto de casamento. E presa com um adesivo de coração um pouco acima, também havia uma foto nossa quando a minha barriga já estava bem grande. Nessa época faltava pouco tempo para vermos o rosto de Angelina, mas estávamos bem animados.

As vozes deles, Vince e Angelina, que vinham do andar inferior, chamavam a minha atenção e coloquei de lado o meu momento saudosos levantando-me e indo em sua direção. Engraçado, por um meio segundo, imaginei que essa teria a visão da minha mãe de mim e de meu pai, quando

eu era pequena. Possuíamos uma tradição natalina em casa, na minha infância. Quando estava perto do Natal em meio a brincadeiras, meu pai e eu sempre montávamos a árvore. E neste momento não era diferente. Contudo, não era eu e meu pai, e sim Angelina e Vince. Não era minha mãe ao pé da escada e sim eu.

Hoje sei por que ela sorria, parecendo chorar, e dizia baixinho: “Obrigada, Deus.”

Ela sentia a mesma plenitude e alegria que eu sentia agora.

Os dois nem tinham percebido a minha presença. Vince atacava a barriga da nossa filha para lhe fazer cócegas enquanto minha menininha segurava a estrela da árvore. A cadelinha da minha filha, a Candy, mordida o calcanhar do Vince, protegendo a menina. Assim que me percebeu, largou dele para vir em minha direção toda feliz, abanando o rabinho. Abaixei-me para acariciar os macios pelos da cadela.

Vince e Angelina ficavam muito agitados nessa época, mas, bem, eu também ficava, mas alguém tinha que ser responsável nessa família.

Via Vince, ainda de pijama... a pantufa, nem sei para que lado foi. Mas a questão era que já deviam ter terminado, pois tínhamos que nos arrumar para ir ao hospital. Na verdade, esses dois bagunceiros é que precisavam, pois já estava pronta. Seríamos a família “Noel” em um hospital hoje. Fora ideia da própria Angelina que, quando viu uma vez na televisão palhaços que animavam crianças no hospital, disse: “Vamos fazer como os palhaços e levar o Natal para eles. O papai será o Papai Noel. E nós vamos também, mamãe!”

Claro que concordamos, e transformamos em uma tradição. Em vez de fazermos a ceia de Natal em casa, levávamos o Natal ao coração das pessoas. Angelina tinha o seu pai como o melhor do mundo todinho e era uma menina

muito esperta. Tossindo, chamei atenção deles e apontei para o relógio.

Os dois arteiros se olharam e riram, cúmplices. Ele a pegou e jogou sobre os ombros, e sua risada ecoava pela sala. Carregando-a, ele passou rapidamente por mim.

— Cuidado, pelo amor de Deus, Vince. Você é o adulto entre os dois — falei entre os risos, mas preocupada, pois eles nem me deram bola. Vi a decoração inacabada da árvore e então a concluí.

Quando os escutei descendo as escadas enquanto tagarelavam, já havia terminado de arrumar as coisas, assim como o nosso café da manhã rápido. Ao vê-los entrando na cozinha, achei-os lindamente fofos. Uma enorme sensação de felicidade me enchia.

— Vamos senhor Noel e menininha Noel! Café da manhã e, logo depois, rua. Cuidado, querida, para não sujar a roupinha, está bem?

Logo que falei isso, Angelina parecia ter sujado a roupa. Peguei um pano correndo para limpá-la, mas não tinha nada. Olhei para ela, que sorriu:

— Mamãe é bobinha. Não é, papai?

Vince parecia achar graça, parecia dizer “Lascou”, mas, ao se dar conta que seguia atenta a ele, fez-se de inocente na cara de pau. Então sorriu e me mandou um beijo.

— Seus... — Suspirei e balancei a cabeça. — Um a cópia do outro.

Em todo caso, após comermos, nos despedimos da Candy, e Angelina falou para a cadela tomar conta da casa, mas tinha certeza de que acharíamos um sapato comido ou um sofá roído.

Quando enfim chegamos ao hospital, foi a maior folia e farra. Muitos sorrisos, abraços, presentes, choros... Não tinha como não se emocionar com

a alegria que nos envolveu, com o carinho que recebíamos quando era para nós trazermos a eles felicidade. Não só as crianças, como todos os pacientes, médicos, enfermeiros e até o pessoal da limpeza recebiam atenção e também entravam na brincadeira. Enquanto Vince dava atenção às crianças maiores, eu estava entre os que eram pequenos demais. Contudo, ao olhar ao redor, não vi minha filha ou o meu marido. Delicadamente, pedindo para uma enfermeira ficar no meu lugar, fui atrás deles.

Entrando em um corredor, escutei algumas vozes perdidas e distantes, mas familiares. Ao menos uma delas, a da minha filha. Aproximei-me o mais rápido que pude e então vi Vincent, olhando-me e fazendo sinal de silêncio. Com cuidado, a cada passo que me aproximava escutava de maneira mais limpa: “Ei, fala comigo.”. Depois: “Ei, você. Não pode ser mal-educado, é feio!”, e tentava entender o que ouvia,

Quando já estava perto o suficiente, Vince me abraçou e puxou a barba para baixo.

— Acho que realmente a Angelina puxou a você, meu amor. Meu doce anjo — murmurou ele para que apenas eu escutasse. Assim que me soltou do seu abraço e me desvencilhei de sua barba de Papai Noel, olhei para o jardim e vi minha filha perto de um menino um bom tanto mais velho. Na casa dos seus quinze anos, mas muito franzino e careca.

— Hey, quer doce? — insistiu ela sem se abalar por ser ignorada. — Por que não está lá dentro? Por que não me responde? Parece triste. Não fique triste, é Natal, estamos aqui para te fazer sorrir.

Ela era muito inteligente, é fato, mas ela ainda era muito pura e inocente para entender a profundidade de tristeza que esse jovem rapaz sentia. Assim como eu na mesma idade dela quando conheci Vince.

Cansado da perturbação, o menino respondeu mal-educado.

— Não tem nada de bom! Nenhum motivo para sorrir! — Seu tom era de raiva num misto de choro. Pobre menino, tinha vontade de acolhê-lo e tirar-lhe toda a dor.

Ela, inocentemente, ofereceu um saquinho de doce e ele bateu na mãozinha dela, derrubando alguns doces no chão.

— Doces não vão resolver nada! Não importa se são gostosos, eu vou morrer e não é um doce que vai mudar isso, nem esse maldito Natal.

Ela olhou triste os doces espalhados, levantou o olhar para ele com os olhos marejados e passou as costas da mão, engolindo o choro e limpando as lágrimas. Ela era muito forte, pensei. Abaixou-se, juntou um por um e colocou no seu colo. Antes que ele falasse mais alguma coisa, ela tirou seu gorro de natal, colocou na cabeça dele e o abraçou.

— Doces são para trazer felicidades nos dias mais difíceis. Mamãe sempre diz que são as melhores coisas do mundo! Se você chorar, ninguém vai impedir, mas não seja malcriado, no próximo Natal, pode ganhar carvão! Menino bobo!

— Como se... — começou ele, mas ela seguiu falando.

— Os anjinhos e o papai do céu sempre vão trazer um motivo para acreditar! É isso do que se trata o Natal! Meu papai disse que é quando o menino Jesus nasceu, trazendo esperança para todos, pois ele veio para nos salvar — falou ela, confiante, afastando-se o suficiente para, com seu dedinho indicador levantado, gesticular brava. — Quem diz é o meu papai, e o meu papai é o melhor do mundo! Então é verdade!

O Menino olhou para ela sem saber o que dizer. Ela, audaciosa,

segurou a mão dele e disse:

— Eu estou com você e não vou embora até que você possa ser feliz. Vamos para dentro, équentinho e tem chocolate quente também. Se hoje é quando Jesus nasceu, vamos ter esperança e você não vai morrer. — Puxando-o com força para que se levantasse, ela ficou toda vermelhinha até que ele cedeu e se levantou.

— Sabe, você é forte! E é meio malvado porque jogou os doces longe. Que pecado! Mas acho que tem solução! Vamos, vamos, vou te ensinar a ser um bom menino.

E esta foi a deixa para ver uma lágrima rolar da face do meu marido, enquanto voltava a pôr a barba de Papai Noel. Engolindo o choro, sorriu e saiu para lá cheio de energia, assustando as duas crianças. Eu queria chorar emocionada com essa família maravilhosa, mas só sabia sorrir de tamanho o meu orgulho.

Para salvar alguém, às vezes, basta pouco. Nesse caso, foram apenas balas de alcaçuz, um “Feliz Natal”, um gorro e um beijo no rosto. Apenas isso mudou o Vince. Para esse menininho, bastou uma menina que... não desiste dele.

Você já plantou o amor, hoje?

Olhei para o céu, sorrindo, e esperei que todos pudessem ter um Natal tão abençoado, regado a esperança, respeito, carinho, doçura, calma e cheio de amor como o meu.

FIM



CHRISTINE KING

Christine King é profissional de letras e química, mas só agora está mostrando seus trabalhos escritos depois de muitos anos como leitora ávida e escritora ocasional. Continua uma amante do beletismo e deseja criar histórias que façam seus leitores suspirarem. Nada é mais precioso que criar emoções.

A autora é casada e ama sua família e deseja transmitir esse imenso amor em sua escrita.

Obrigada por ter me lido!

Sintam-se acolhidos em minhas redes sociais, será um prazer estar com vocês! Mais livros meus serão publicados! Deus os abençoe!

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/christinerking>

Facebook: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100007827589476>

Página do face: https://www.facebook.com/christinerking10/?ref=br_rs

Grupo no face: https://www.facebook.com/groups/189314141845948/?ref=br_rs

Instagram: <https://www.instagram.com/christinerking10/>

Fã clube: https://instagram.com/fasda_christine_king

E-mail para contato: christinerking10@gmail.com

Conheça meus outros livros:



Dançando para você:

<https://www.amazon.com.br/Dan%C3%A7ando-para-voc%C3%AA-Christine-King-ebook/dp/B07JFJ85XV>

Com mais 3 milhões de leituras online, Dançando para você é um romance hot que torna os clichês repaginados e faz de sua leitura simplesmente inesquecível.

Tila é jovem, linda e livre. E virgem. Mas está cheia de problemas. E naquela noite ela só quer dançar, dançar, dançar. Problemas com homens? Não mesmo.

Steven Norwood é um poderoso CEO. Vaidoso, eficiente, pecaminosamente bonito. Um ruivão de tirar o fôlego. E ele só quer transar, transar, transar. Problemas com mulheres? Não mesmo.

Mas naquela longa noite em que eles se cruzam, uma atração explosiva acontece. Cada um duelará com o outro, entregando-se e resistindo.

Um bilionário enigmático e a virgem orgulhosa terão uma dança não só de corpos, mas de almas.

Aquela noite mudará o destino de ambos, para sempre. Ficarem juntos parece tão errado, que parece a coisa mais certa a se fazer.

Romance quente, sexy, divertido e bem-humorado. Para ficar nos corações.

Uma comédia romântica hot inovadora e diferente. Amor, humor e sensualidade.

IMPORTANTE: HÁ CENAS E PALAVRAS DE CONTEÚDO ADULTO



Chuva de Amor

<https://www.amazon.com.br/Chuva-Amor-amor-caindo-chuva-ebook/dp/B07RL321PT>

"Nada mataria o amor em seu coração de menina"

Chuva de Amor é um delicado e emocionante romance hot.

Aimée Cooper era uma linda jovem descendente de franceses, com o coração cheio de fervor e a alma em estado de graça, até que teve seu mundo

destruído e sua vida quebrada.

Ela se tornara uma jovem frágil como vidro aprendendo a ser forte como rocha, enfrentando uma época que buscava renovação.

Ela não sabia se um dia encontraria seu príncipe como sonhava em sua infância, ou mesmo se seria capaz de amar e ser amada.

Ela não sabia se o misterioso e sensual Adam Page era talvez um príncipe versão quebrada, com um sedutor sorriso torto e usando palavras ousadas.

O misterioso sedutor Adam Page, por sua vez, não sabia se seria capaz de fazer a paixão irromper do coração gelado de Aimée, mas ele sabia que seus olhos guardavam um calor sem igual.

Chuva de amor é um romance arrebatador, forte e sensual, com um fundo histórico envolvente, que permeia toda a poderosa atração de dois amantes que se libertam da prisão da solidão nos braços um do outro

Uma história para se comover, sentir e torcer com todo vigor pela felicidade de seus protagonistas.

Para quem gosta de histórias poderosas, para quem conserva ainda a paixão em seus corações de menina.

"Um amor mais forte que a morte, mais eterno que o tempo".



Não me deixes

https://www.amazon.com.br/N%C3%A3o-me-deixes-Christine-King-ebook/dp/B07H77VPYJ/ref=mp_s_a_1_2?keywords=nao+me+deixes&qid=1562443517&s=gateway&sr=8-2

Julie, uma menina bonita e arrogante, quer a liberdade. Quer ser dona de si a qualquer preço, e nisso ela acaba tendo uma relação amorosa perigosa com o sensual Michel, que não é bem o príncipe encantado que ela imaginava.

Ela comete vários erros, e suas escolhas a afastam de sua família, e Julie vê sua vida se tornar um verdadeiro inferno. De repente, ela não era mais a princesa do seu pai, e sim uma prisioneira do sofrimento que ela mesma criou.

Mas ocorre uma chance dela se libertar, de amar novamente e se reconciliar com sua família. Ela será capaz de entender e receber a nova chance que a vida está lhe dando, será capaz de mudar e perdoar após tantos dissabores e tristezas? O quanto o amor do bonito e gentil Carlos poderá transformá-la?

Amor, paixão, drama, sabedoria. Um conto com perspectiva cristã sobre o valor do amor, do casamento, do perdão e da família.



A Noite dos Amantes

https://www.amazon.com.br/dp/B07TY9QW85/ref=cm_sw_r_cp_av_DbY7BTZEQ

UM CEO EM BUSCA DE SATISFAÇÃO, LOUCO DE DESEJO POR UMA MOÇA INOCENTE.

Tobias Spencer era um CEO mundano, profano e soberbo, exalando sexualidade em seu mundo sombrio, como um anjo sedutor decaído. No seu caminho, meio à neve, encontra Isabela. Uma moça suave e inocente, que lhe parece um anjo solitário em sua beleza desamparada. Vendo-a ali, ele quer

toda sua doçura para si.

Resta saber se para pervertê-la ou para amá-la

A sedução da noite os toma, a sorte está lançada, mas talvez já esteja escrita nas estrelas,

Acaso ou predestinação? A Noite dos Amantes é um romance hot doce e intenso, com pitadas de humor, e com o natal ao fundo para inspirar e testemunhar esse encontro amoroso entre essas duas almas que como o sol, ao se verem, se iluminam.

Preparem-se para um romance romântico, doce e muito quente... Um hot docemente erótico.

“— Tire sua roupa — ele exige, a voz enrouquecida. Os olhos famintos.

— Isso é uma ordem? — pergunto, num suspiro

— Sim, assim como você sabe que também vai obedecer”



Tão Minha (em andamento no Wattpad, lançamento na Amazon janeiro de 2020)

<https://www.wattpad.com/story/206379769-t%C3%A3o-minha>

Um homem mais velho e uma adolescente num jogo de amor proibido.

Gianluca Tedesco era o objeto de desejo da adolescente Josephine. Era lindo, rico e um canalha, e Josphine achava que ele era o SEU canalha, enquanto ele a seduzia sem saber, com seu sorriso torto, seu melhor terno e seu corpo excitante.

Josephine era apenas a amiga de sua irmã, e quanto mais proibido Gianluca se mostrava, mais ela o queria.

Porque o proibido é mais gostoso, dizia Gianluca com seu olhar escuro e misterioso, enquanto o corpo de Josephine reagia, pedindo por ele.

Eles brincaram tanto de perigo, que um dia se queimaram.

Anos depois, o destino diria se ainda haveria um futuro para eles.

Depois de se ferirem, ela

ainda seria tão sua?

Gianluca, porém, não tinha dúvida: ela seria sua.

Um romance ardente e sensual, com um fundo de natal para uma aura romântica.

Espero que gostem! ??

CONTEÚDO IMPRÓPRIO PARA MENOS DE 18 ANOS.



MELLODY RYU

O pseudônimo “Mellody Ryu” é um usado por duas pessoas. Mônica (Libriana, 26 anos), Michael (Sagitariano, 36 anos). Juntos desde 20/03/2010. Mônica uma romântica incurável, sempre fã de; animes, livros de romance,

poemas, séries e RPG. Michael por sua vez, fã de; jogos de mmorpg, animes, filmes de ação/ fantasia/ aventura e claro RPG. Aliás, o primeiro livro a ir para a amazon e ser concluído foi tirado de um jogo que seria para passar o tempo.

Por que o Pseudônimo? Um dia Mônica indagou a ele que nome achava que combinaria com ela e ele respondeu: Mellody. Ryu, veio da nossa admiração pela cultura japonesa e seus dragões.



Perfeito azarado • Duologia Perfeitos - Livro 01

O improvável pode até parecer impossível, mas não é.

Nina é uma mulher de vinte nove anos e solteira desde que se tem notícia. Boa filha, irmã, amiga, aluna e funcionária. Não possui uma beleza surreal, nem uma pele perfeita e muito menos homens aos seus pés. Ela é uma mulher normal, como você e eu. Mas sua vida tranquila se vê posta à prova pela curiosidade, e, entre seguir o caminho já conhecido e se render ao novo, a mulher não resiste e ganha o poder da uma novidade arrebatadora. O que Nina não sabia é que isso mudaria a sua vida.

Luke, com seus vinte e seis anos, diferente dela, sempre foi um garoto descolado desde a adolescência. O bonitão favorito das mocinhas, com seus cabelos loiros e porte forte, que, quando se encontra em um dia de cão, vai ao bar beber. E quando menos espera, lá encontra o que até então tinha perdido: a sorte.

Ele é a sorte dela. Ela é a sorte que ele perdeu.

Link: <https://amzn.to/2Loebh3>



Perfeito delinquente • Duologia Perfeitos - Livro 02

Um acaso do destino, um rapaz que mais parece um jornal de rock dá a Diana o que ela mais quer, não apenas um bicho de pelúcia, Adrian oferece muito mais a ela. Com seus sorrisos maliciosos, ele aparece na vida da moça, no limite da sanidade, encarando-a de frente. Caótico, safado e sempre inesperado. Sendo mais do que supunha, muito mais do que se mostra. Quente, libertino e tão interessante, desmoronando cada muralha de rochas que ela construiu.

Para Adrian, Diana era apenas uma garota como qualquer outra. Mas ele se surpreende, sendo cativado pelos seus olhos felinos, sorriso perverso e uma personalidade endiabrada. A mulher que consegue instigá-lo e desafiá-lo como ninguém. Com a sua boca nervosa, aquece o que já não se aquecia: seu coração. Leva consigo mais que uma razão para viver, torna-se um motivo para não morrer.

Ser louco não é um defeito, um livro nunca deve ser julgado pela capa. Um romance nem tão romântico assim.

Link: <https://amzn.to/2YzDFj1>



Avassalador • Série: Doce mentira - livro 01

O que deveria ser nada além do que mais um evento corriqueiro, mais um baile beneficente dentre tantos que Safira Rollins organiza, sempre à sombra do grande e influente homem que seu pai é, torna-se um dia inesquecível na vida da garota que sempre foi invisível aos olhos de todos.

A loira por muito tempo sentiu que o interesse que despertava restringia-se às vantagens do luxo que acompanhavam a sua vida. Até que um

desconhecido, bonito e sedutor, faz com que se canse de esperar ser notada por si mesma. Seus olhos não se cruzam, mas apenas a presença do homem é o suficiente para fazê-la ansiar receber seu olhar.

Um feiticeiro, é como poderia chamá-lo. Sedutor e envolvente. Uma noite e nada mais, envolvida com destreza em uma aura de paixão carnal. Ou ao menos é essa a mentira que Safira decide contar a si mesma.

Link: <https://amzn.to/2LS13m1>



Alice: Seu brilho, só você pode apagar (Livro único)

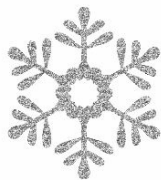
Ninguém quer estar à sombra de outra pessoa. No entanto, é o lugar em que Alice sempre viveu.

Sua irmã, sempre foi popular, bonita, confiante, gentil e madura. Tão perfeita que ela seria incapaz de odiar. Anabel é a irmã que sempre admirou e de quem, secretamente, desejou herdar algumas inúmeras qualidades que não encontrou em si. Em determinado momento, ao apaixonar-se, um novo sentimento lhe é despertado e surge a necessidade de perseguir a própria identidade.

Alice, que sempre se sentiu desprezada e odiada por todos, viu o jogo virar ao conhecer Jonathan e logo depois Miguel. Ambos lindos, mas totalmente opostos em personalidade. É nos belos rapazes que a jovem insegura enxerga o amor onde seus olhos - ofuscados pelo apego à irmã - jamais haviam visto.

Crescer não é fácil, mas a agora "rebelde" Alice decide andar com os próprios pés, e conhece a dor de amadurecer ao mesmo tempo em que encontra um amor extasiante em sua alma gêmea.

Link: <https://amzn.to/333jfhF>



JÉSSICA LARISSA

Aos 24 anos, JÉSSICA LARISSA é uma escritora baiana, fascinada pela literatura, principalmente os gêneros de romance hot e dark, aos quais tem dedicado sua escrita. Mãe, esposa e dona de casa, atualmente cursa Engenharia Civil. Fez da escrita seu mais feliz passatempo. Recentemente, publicou seus romances em plataformas on-line que, juntos, alcançaram mais de 15 milhões de leituras.



A menina do CEO

(+18) Contém cenas de sexo explícito.

Mais de 1 milhão de leituras no Wattpad.

Ele jurou nunca mais amar alguém.

Carlos Eduardo é frio e calculista, mas é deliciosamente sedutor. CEO de uma das maiores empresas do Brasil, também é o alvo de um amor proibido. Beatriz, a filha do seu melhor amigo, nutre por ele um amor secreto e um desejo ardente.

Ele carrega lembranças amargas que o fizeram criar uma aversão a relacionamentos sérios. Ela o anseia e fará tudo para tê-lo, mesmo que tenha que jogar um jogo arriscado, testando o juízo e o bom senso do homem.

Nesse jogo de sentimentos e desejos opostos, de prazeres e consciência, haverá apenas um resultado. Você consegue adivinhar qual é?

https://www.amazon.com.br/MENINA-DO-CEO-LIVRO-%C3%9ANICO-ebook/dp/B081J3F7JL/ref=sr_1_1?qid=1576749167&refinements=p_27%3AJ%C3%A9ssica+Larissa&s=digital-text&sr=1-1&text=J%C3%A9ssica+Larissa



Pecador- Um amor que desafia a morte.

Romance dark e hot contemporâneo (+18)

No coração de Manhattan, tudo pode acontecer.

Alexander Roussel é um homem ferido, que só sabe ferir, que desliza caminhando sua sombra perigosa e sedutora na noite. Um anjo caído da morte.

Ele tira vidas. É um mercenário, um assassino de aluguel. Sem escrúpulos, sem pena, sem medo. Sem coração.

Mas o destino quis que ele cruzasse com aquela que se dedica a salvar vidas: a filha protegida de um dos chefões da Máfia.

Ela é o seu contrário. Angelina Lucky é a luz da vida, é a inocência. É o coração pulsante. Ela é a ternura que ele nunca conheceu.

Ela é o anjo de luz que talvez ele precise para iluminar seus passos cheios de sangue.

Alexander se vê diante de talvez o seu maior pecado: tirar a pureza da mulher que abala todas as suas estruturas, fazendo-a conhecer todas as tentações da carne ao lado de um homem corrompido por natureza.

Angelina se vê no dilema entre o amor proibido e tão carnal e suas inclinações religiosas.

Eles são o maior pecado um do outro. Mas também podem ser a salvação que eles precisam.

Aviso: Este livro contém linguagem crua, cenas de violência e sexo explícito. Respeite seus limites de leitura.

https://www.amazon.com.br/PECADOR-Livro-%C3%BAnico-Jessica-Larissa-ebook/dp/B07RBRPMDY/ref=sr_1_2?qid=1576749217&refinements=p_27%3AJ%C3%A9ssica+Larissa&s=digital-text&sr=1-2&text=J%C3%A9ssica+Larissa



Yellow - Paixão que Incendeia

Diferença de idade, polêmico e proibido.

O que acontece quando a razão e a emoção se desejam? Quando a atração e a realidade se chocam em um romance sensual e envolvente?

Sebastian é razão e tempestade. Um fuzileiro naval que é pura testosterona, mas que guarda mágoas profundas em seus olhos cinzas e que busca sua cura ao sair da marinha e voltar a um lugar do seu passado. Ele quer se reconstruir com suas próprias mãos.

No seu caminho, conhece Eliza, uma jovem rica, emotiva e inconsequente que vai ver seus sonhos sendo confrontados pela realidade deliciosa de Sebastian e sua atração máscula implacável.

Eles não apenas se desejam, mas se confrontam. Será que ambos poderão construir uma vida juntos? Eles serão a luz um do outro? Podem superar a poderosa volúpia que os consomem?

Emoções envolventes desabrocham em Yellow, como girassóis procurando o sol.

https://www.amazon.com.br/Yellow-Paix%C3%A3o-incendeia-J%C3%A9ssica-Larissa-ebook/dp/B07KDY3YPB/ref=sr_1_4?qid=1576749130&refinements=p_27%3AJ%C3%A9ssica+Larissa&s=digital-text&sr=1-4&text=J%C3%A9ssica+Larissa



EM BREVE: Fúria- Contrato de Vingança

Romance dark e hot contemporâneo (+18)

Obcecado por vingança!

Essa é a frase que melhor define Dener Daniels Kraven. Ele foi forjado pela dor de seu passado e tem no tempo seu melhor amigo.

Ele sente que já não tem alma, e seu verbo é punir.

Sua vida foi destruída duas vezes a sangue frio e ele planeja revidar, pacientemente, a morte da mulher que amava, assassinada pelo chefe de uma grande máfia de Nova York.

Ele tem sede de sangue e poder e escolhe como instrumento da sua punição a frágil herdeira da máfia Laccount, Lexie, obrigando-a a um casamento por contrato.

Para Lexie, o terror que já era sua vida iria piorar ainda mais ao ter de se casar forçada com Dener. Ela prefere a morte a entregar seu corpo àquele

homem cruel, embora ele tenha olhos tempestuosos e um jeito quente como o inferno que a faz arder toda vez que se cruzam.

Num jogo arriscado e perigoso, em que a obsessão e o desejo andam lado a lado, o amor pode ser selado por um contrato de vingança?